Diário de Lisboa

Maio 1980
Sexta-feira

ANO 60.°
N.° 20 245
12$50

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Foto de Rui Pacheco

As "minorias" de que falam os governantes transbordaram em 70 localidades

Um rotundo não ao Governo AD

Págs. 12 e 13

DL

A presença dos trabalhadores

Eram milhares, e milhares, e milhares. Era povo, povo, povo.

Haverá a tentação de concluir de jornadas como esta do 1.º de Maio, para além do seu significado de grande parada proletária, que uma tal demonstração, quantitativa e qualitativa, de força popular é uma exuberante afirmação de vontade democrática. Dessa justa conclusão vai um passo a afirmarmos com o conselheiro da Revolução, capitão Sousa e Castro, que os que pretendem a «restauração» e o «regresso», que os que trazem espectros à praça pública, que os que se querem opor ao curso inelutável da evolução histórica: «... estão já moralmente derrotados».

O 1.º de Maio foi para muitos, e muito concretamente para a política do Governo AD, uma derrota moral. Continua a ter — graças aos «reformadores» que foram socialistas e aos «sociais-democratas» dos Açores que são anti-CDS — maioria parlamentar, mas conta com a oposição das classes trabalhadoras.

Não faltará quem — atraído pela exactidão descritiva — sublinhe a permanência da divisão nos planos sindical e político, refira as festas separadas e as manifestações separadas em 25 de Abril e no 1.º de Maio. Mas a convergência fundamental concretiza-se numa coincidente valorização histórica e política do 25 de Abril e numa paralela condenação do restauracionismo político e social. O Governo não mereceu uma palavra de aplauso no Alvito e foi severamente condenado na Alameda. Vozes diferentes pronunciaram em lugares diferentes, a mesma sentença: pedir a «restauração», mudar de política.

Eram milhares, e milhares, e milhares. Era povo, povo, povo. Em Lisboa, no Porto, nos principais centros urbanos, os trabalhadores manifestaram não só a

Continua na pág. 28

Ainda o "fiasco" de Tabas

Base das Lajes foi ou não utilizada?

Não foi uma missão difícil, nem sequer delicada, a que levou Richard Blommfield, embaixador dos EUA, anteontem a Belém. Tratava-se, à luz das decisões tomadas por Washington relativamente aos seus aliados, de esclarecer o «fiasco» americano no Irão e de pressionar no sentido de um maior apoio às posições americanas.

O esclarecimento foi feito, e mais apoio do que aquele que o Governo AD já havia concedido não era possível. Assim Eanes limitou-se a expressar «compreensão» pela fracassada tentativa militar de Tabas e a expressar o seu «apoio moral» às posições americanas.

Este contacto de Bloomfield tornava-se imperioso depois das mais recentes movimentações do Governo AD em torno da política de Carter, as quais se prestaram a interpretações delicadas sobre as vias que estariam a ser seguidas pela diplomacia norte-americana nas suas relações com as autoridades portuguesas.

Com efeito, a forma empolada como Sá Carneiro e o seu vice-primeiro-ministro e titular do MNE, Freitas do Amaral, assumiram a defesa dos interesses americanos levantava dú vidas sobre se Belém não teria sido «esquecida». O facto apresentava-se tanto mais «estranho» quanto se diferenciava dos canais utilizados nos contactos com outros países da NATO.

Tratava-se na verdade, quer no caso do Irão quer no do Afeganistão, de iniciativas directas do presidente Carter as quais, como tal, não podiam ignorar a Presidência da República portu-

Continua na pág. 4

concurso DL concurso DL concurso DL

No caderno especial de hoje:

Relato integral e directo do IV Portugal-Espanha e uma entrevista com Samitier, capitão do grupo espanhol

No caderno especial de amanhã:

Cunha Leal ataca violentamente o Governo

Juntas de Freguesia abriram para actualização do recenseamento eleitoral

Iniciou-se hoje a actualização de recenseamento eleitoral que termina a 31 deste mês.

Os cidadãos com dezoito anos completados entre a última actualização e o final de Maio efectuam a respectiva inscrição na Freguesia da residência.

Nas mesmas circunstâncias se encontram as pessoas que, por qualquer outra razão, tenham adquirido capacidade eleitoral, designadamente pela caducidade de incapacidades cívicas.

Para os já recenseados, a mudança de residência implica igualmente nova inscrição na Junta de Freguesia da nova morada.

Pág. 5

E hoje há

Sete Ponto Sete

Págs. 17 a 24

Número Fiscal está em vigor

Pág. 28

Feira da Malveira pertence em definitivo à freguesia

Pág. 28

Comunicação Social

Suspensões na RDP: CI vai ouvir as partes em litígio

SJ (em Paris) apresenta "caso" à FIJ e OIJ

O Conselho de Informação para a RDP aprovou por 23 votos a favor e uma abstenção da UDP, um requerimento à Comissão Administrativa da Radiodifusão Portuguesa e aos quatro trabalhadores daquela empresa pública, sujeitos a processo disciplinar, sol citando o esclarecimento cabal da denú cia de «casos de censura prévia e pressões exercidas sobre alguns jornalistas da RDP», bem como a razão por que o direitor de Informação da RDP interditou às suas redacções a divulgação de informações relativas ao assunto.

O CI deliberou ainda pedir a presença na sua próxima reunião, a efectuar em 9 do corrente, da Comissão Administrativa e do director de Informação, assim como concordou com o pedido de audiência formulado pelos quatro trabalhadores suspensos.

Por conseguinte, a Ordem de Trabalhos da próxima reunião é a seguinte: audiência dos quatro trabalhadores (10 e 30); audiência do director de Informação (12 horas); audiência da Comissão Administrativa (14 e 30); apreciação dos esclarecimentos obtidos nas audiências anteriores; e discussão e votação de uma proposta de deliberação apresentada na reunião pelo PCP.

Plenário

Entretanto, em plenário efectuado anteontem, os jornalistas da Radiodifusão exigiram a anulação das suspensões que impendem sobre os quatro colegas que integram o Conselho de Redacção da empresa. Como já foi oportunamente noticiado, a suspensão foi decidida pela Comissão Administrativa da RDP com base na publicação de um comunicado considerado ofensivo pelos gestores. Além disso, a CA informou também não reconhecer a existência legal do Conselho de Redacção.

No plenário, os jornalistas da RDP decidiram subscrever, individualmente, o comunicado que deu origem ao conflito e pedir ao sindicato da classe que tome as posições necessárias à defesa dos quatro suspensos, sem excluir a greve.

Decidiram também exigir o reconhecimento do Conselho de Redacção de acordo com a Lei de Imprensa, que é aplicável nas empresa por analogia, através de uma ordem de serviço já existente.

Consideram ainda que a suspensão dos jornalistas é «arbitrária e ilegal», resultando numa «provocação directa ao conjunto da Redacção».

Posição do SJ

O Sindicato dos Jornalistas protestou já contra a suspensão dos quatro profissionais membros do Conselho de Redacção e pediu um encontro urgente com a administração da empresa.

Foi igualmente solicitada uma reunião com o Conselho de Informação para a RDP.

O sindicato esclareceu também que apelará à solidariedade das organizações internacionais da classe – Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ) e Organização Internacional dos Jornalistas (OIJ) para com os quatro suspensos.

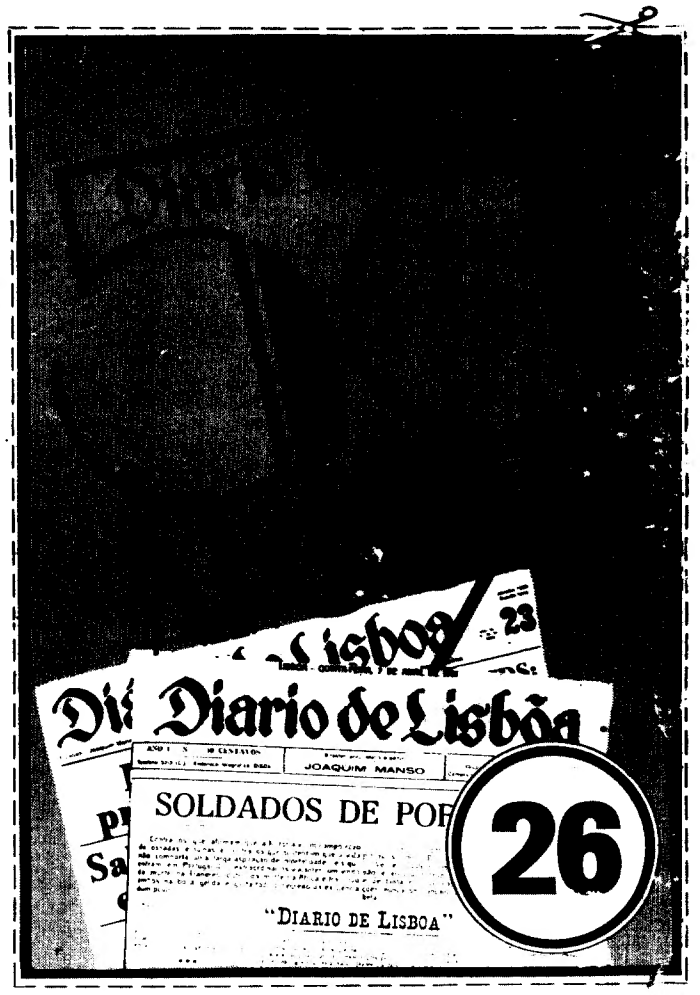
Assim, o caso da RDP será já analisado no próximo fim-de-semana em Paris num encontro de organizações de jornalistas, na qual participarão o Sindicato dos Jornalistas, a OIJ e a FIJ.

Por outro lado, o Sindicato manifestou todo o apoio ao Conselho de Redacção da RDP e informou que não exclui a greve para defender os direitos dos jornalistas da RDP.

Apoio

Finalmente, noticie-se o apoio da Imprensa aos quatro jornalistas suspensos, manifestado para já, pelos matutino «O Diário», pelos vespertinos «Diário Popular» e «Diário de Lisboa» e pela Agência Noticiosa Portuguesa (ANOP).

Em linhas gerais, todos estes órgãos de Informação protestam contra a medida repressiva da CA da RDP e apontam para uma solidariedade com os colegas atingidos pelas medidas arbitrárias dos gestores daquela empresa pública.



Concurso

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

Trabalhadores da EPNC recusam medidas governamentais

Face à declaração governamental de que a EPNC se encontra «em situação económica difícil», os trabalhadores daquela empresa pública, que compreende os jornais «Diário de Notícias» e «A Capital», reuniram-se em plenário na passada quarta-feira, e chegaram à conclusão de que o despacho conjunto da presidência do Conselho de Ministros e Ministério do Trabalho, publicado em 26 do mês passado, «não tem outra intenção senão a violação quase total dos direitos, regalias e interesses dos trabalhadores consagrados na contratação colectiva de trabalho, já que não se consegue vislumbrar nas suas alíneas qualquer medida que seja de reestruturação.»

Salientaram os trabalhadores da EPNC que, «sem qualquer excepção de zona de trabalho ou categoria profissional», todos «devem sentir como suas todas e quaisquer medidas que possam atingir em maior ou menor grau outros camaradas de trabalho», pois «em caso contrário não haverá possibilidade de resistir de forma concreta e organizada a estas graves medidas ou outras que venham na sua sequência.»

Embora tencionemos pormenorizar as resoluções saídas do plenário (aprovadas por unanimidade e aclamação), os trabalhadores decidiram «recusar-se a cumprir as medidas anunciadas no despacho conjunto», uma vez que «são frontalmente lesivas dos direitos e conquistas dos trabalhadores e exigir o pagamento do reajustamento salarial devido aos trabalhadores desde 1978 e os retroactivos do CCT/Jornalistas e CCTV/Imprensa.»

Maria Rosa Gomes demitiu-se da Comissão Directiva do PS

Maria Rosa Gomes anunciou na quarta-feira passada,a sua demissão de membro da Comissão Directiva do Partido Socialista.

Esta dirigente do PS disse que a sua demissão foi motivada «por razões que se prendem fundamentalmente com o modo de funcionamento» daquela Comissão Directiva.

Acentuou que este órgão do PS «mais não fez do que avalisar sistematicamente decisões do Secretariado Nacional e até declarações pessoais que acabam por se tornar política do partido».

Maria Rosa Gomes acrescentou que continuará, no entanto, a fazer parte da Comissão Nacional do PS.

A dirigente socialista havia já pedido a sua demissão juntamente com um grupo de membros da Comissão Directiva, antes da reunião da Comissão Nacional do PS no Porto, em Janeiro.

Foi no entanto reeleita para a Comissão Directiva em Fevereiro, durante a reunião da Comissão Nacional do PS em Santarém.

24 países vão debater na Póvoa gestão de energia nos edifícios

Com a participação de 24 países, através de 150 especialistas, vai ter lugar na Póvoa de Varzim, de 12 a 16 de Maio, um Congresso sobre «Gestão de Energia nos Edifícios».

Reconhecido como um facto que um terço da energia anualmente consumida em todo o Mundo é utilizada em edifícios, o Congresso tem por objectivo principal o estudo e a proposta de soluções que visem a racionalização dos gastos de energia, sobretudo em países como Portugal, dependentes do exterior em recursos naturais e energéticos.

Serão apresentadas durante o decorrer dos trabalhos cerca de 100 comunicações, abrangendo desde a arquitectura dos edifícios até aos equipamentos e à utilização de energia solar no aquecimento de águas.

Por iniciava da Faculdade de Engenharia do Porto, foi já constituído um Comité Organizador do Congresso do qual fazem parte, além do professor Oliveira Fernandes em representação daquela Faculdade, o professor James Woods de Iowa State University (EUA) e o professor André Faist do Grupo de Energia Solar da Escola Politécnica de Lausanne.

E o primeiro Congresso do género realizado em Portugal e conta com o apoio de vários Ministérios, organismos oficiais e a Fundação Gulbenkian.

Estão representados países dos cinco continentes. Quanto à participação nacional já estão garantidas 90 presenças de engenheiros, arquitectos, docentes universitários e técnicos relacionados com problemas de energia.

FOTOCÓPIAS
DESDE $60
Encadernações, plastificações e trabalhos em offset
Discoteca Filinto
Av. 5 de Outubro, 53-A
Telefone 535040

CUBA
VIAGENS DE TURISMO COM VISITAS SOCIAIS
partidas a 06/6 e 26/12
(Comemorações do 22º Aniv. da Revolução Cubana)
HAVANA, GUAMÁ e CIENFUEGOS
tudo incluido
Informações e inscrições das 13 as 19h na
ASSOC. AMIZADE PORTUGAL-CUBA
R. ROD. DA FONSECA, 107 r/c Lx-Telef.-657305
ORGANIZAÇÃO DA MUNDIRAMA

TRIBUNAL DO TRABALHO de LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR ABÍLIO LOPES CARDOSO, Juiz do 8.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, faz saber que pela 1.ª Secção deste Juízo, correm seus termos uns autos de execução de sentença, registados sob o n.º 9/80, em que é exequente FERNANDO JOSÉ PINA TABORDA E SILVA, residente em Lisboa e executada CERCICA — COOPERATIVA DE EDUCAÇÃO E REABILITAÇÔ DE CRIANÇAS INADAPTADAS DE CASCAIS, SCARL, com sede na Rua Dr. António Martins, n.º 2, no Estoril, e neles correm éditos de VINTE dias, citando os credores desconhecidos da mesma executada, para no prazo de DEZ dias, findo o dos éditos, a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, deduzirem, querendo, os seus direitos, desde que tenham garantia real sobre os bens penhorados, nos termos do Art.º 864.º do Código de Processo Civil.

Lisboa, 10 de Abril de 1980.

O JUIZ DO 8.º JUÍZO,
Abílio Lopes Cardoso
O ESCRIVÃO,
Francisco Cameira Rato

ATENÇÃO SR. COMERCIANTE
JÁ SE ENCONTRA EM FASE DE ACABAMENTO O MAIOR
CENTRO COMERCIAL DAS PAIVAS
222 ANDARES | COMPRE JÁ O SEU ESTABELECIMENTO NA URBANIZAÇÃO DA AZINHAGA DAS PAIVAS
E.M. Collares, Sociedade de Construção Civil, Lda
VISITE O LOCAL — TODOS OS DIAS
TEL. (OBRA) 2213165 — (VENDAS) 282107

ponto a ponto

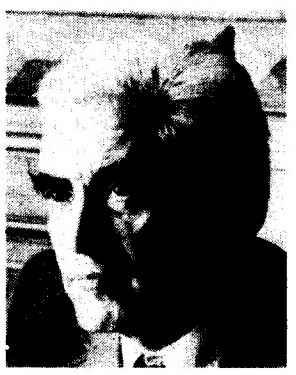
● A deputada Helena Cidade Moura, do MDP/CDE, participa hoje à noite na sessão de abertura das comemorações do 4.º Centenário de Camões, iniciativa da Câmara Municipal de Sesimbra por ocasião das festas do Senhor Jesus das Chagas.

● Vai ser constituída uma Associação de Amizade Portugal-Palestina, por iniciativa dos participantes portugueses na Conferência Mundial de Solidariedade com o Povo Árabe, que se realizou em Novembro passado em Lisboa. Está já marcada para amanhã, com o objectivo de propagandear a iniciativa, a realização de uma sessão pública na Sociedade Filarmónica Recreio Artístico da Amadora, na qual serão oradores Gualter Basílio, Castro Neves, Fernando Loureiro e Villaverde Cabral.

● O ministro da Indústria, Álvaro Barreto, desloca-se a Madrid na próxima semana, para participar num seminário sobre política industrial patrocinado pela OCDE. O encontro é organizado pelo Governo espanhol e à sessão inaugural preside o rei Juan Carlos. O ministro Barreto falará também sobre «as coordenadas e perspectivas da actual política industrial portuguesa», numa sessão promovida pela Câmara Hispano-Portuguesa de Comércio e Indústria. Manuela Silva, que foi secretária de Estado do Planeamento do II Governo, a CGTP e a UGT também foram convidadas a participar no encontro.

● Lemos Ferreira, chefe do Estado-Maior da Força Aérea, acompanhado pelo brigadeiro Almendra, comandante-adjunto do Corpo de Tropas Pára-Quedistas, deslcou-se à região de Mação, onde assistiu a alguns dos exercícios que as tropas de elite da Força Aérea vêm realizando, integrados num estágio de contraguerrilha. O estágio, que abrange oficiais, sargentos e praças, é uma das fases de preparação da Força Operacional do CTP.

● Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista, participa no próximo domingo num comício organizado pela Comissão Concelhia de Almada do seu partido, na Quinta de S. Simão, Cova da Piedade. Entretanto, no dia anterior, amanhã, Cunhal presidirá a mais uma reunião do Comité Central do PCP, que vai proceder à análise da situação política nacional e apreciar problemas internacionais.



FOLHETIM ARTÍSTICO

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

JÚLIO MEIO SÉCULO DEPOIS

«Júlio das Farturas» lhe chamaram, quando pela primeira vez expôs em Lisboa, num Salão de Independentes – que a crítica não queria que tanto o fossem, nos ares lisboetas. Modernos sim, mas tanto não – e que aprendessem a desenhar como os outros para verem como era mesmo a arte desejável, necessária e suficiente...

Passou-se isso há cinquenta exactos anos, e, na mesma parede da SNBA emprestada para o efeito, o Júlio expunha ao lado do Olavo, do Jaime de Figueiredo (cabo-verdiano que António Pedro descobrira) e do Altberg – outros que tais, em idêntico delírio expressionista. Sem falar na Sara Afonso e no Mário Eloy que igualmente abusavam da paciente abertura de espírito dos críticos de serviço. Os mestres que o modernismo já tinha eram outros, mais velhos e mais acalmados nas curvas do tempo, e mereciam elogio de clássicos. Com eles sem dúvida a arte portuguesa se renovava – mas com estes não! Ou com este Júlio que há já oito anos pintava só para amigos ou para o seu irmão José Régio, gente da «Presença» coimbrã que a Lisboa da «Brasileira» via com maus olhos piadistas, antes de por ela se deixar colonizar...

A descida de Júlio à cidade, num salão que pretendia ser uma espécie de ponto feito num passado recente e de alavanca para um futuro desejado, criou o problema maior do salão. Em breve, porém, problema deixou de haver, e daí a cinco anos, tendo feito no mesmo sítio uma exposição de cinquenta óleos e duas dúzias de desenhos, Júlio, entretanto engenheiro civil de profissão, deixou de pintar – prosseguindo no desenho uma silenciosa carreira mais cómoda na aparência do seu «Poeta» herói de mil histórias que são sempre as mesmas, ingenuamente líricas, com guitarras e meninas, algumas flores, asas por vezes e **clowns** e mendigos.

Mil desenhos vistos aqui e acolá, em paredes e ilustrações – mas a pintura ficou esquecida, senão escondida até que, em 1970, uma galeria a descobriu e lançou no mercado então florescente. Dez anos depois, e em condições de retrospectiva, por iniciativa da Câmara Municipal de Vila do Conde, do Centro de Arte Contemporânea do Porto, e na Fundação Gulbenkian, vê-mo-la em 48 espécies, datadas de 1922 a 1935 (e completadas por mais 130 óleos e desenhos), num vasto domínio que nos oferece a ideia completa desta arte importante.

Mais importante do que eu próprio supunha, ao historiá-la no conjunto da pintura portuguesa. Na verdade, porém, reservei, depois, ao pintor num livrinho recente sobre o «modernismo», um lugar a par de Eloy e de Pedro, dentro desse período estético que vai de 1915 a 40, ou que se desenvolveu nos anos 20 e passou para os seguintes, a par da tranquilização em que os pioneiros então entravam – e, assim fazendo, pu-lo onde deve estar e esta exposição o confirma, já a distância histórica. Da poesia lírica e revoltada de Júlio passa-se à ansiedade de Eloy e dali à angustiada teatralidade de Pedro, ponto por ponto nesta geração que é a «segunda» da arte moderna portuguesa, e que, com eles, vai até ao imaginário, em raríssima viagem.

«Poeta amorável» e «poeta satírico» disse de Júlio o irmão Régio, nisso classificando não só o pintor mas a própria geração coimbrã que ora era uma coisa ora outra, contra o burguesismo da vida nacional, republicana ou estadonovista, em idêntica moralidade estética.

Os anos 20 da Alemanha deram aflições críticas a Gorsz e a Dix, que retrataram o que tinham a retratar à sua volta. Alguns dos cachaços de Weimar passaram às telas de Júlio, como sinais dum idêntico mundo de catástrofe. Inspiração ingénua, algo provincial, sem prática visual directa (o que era mal da «Presença» literária também), esse imaginário tinha, no entanto, uma força que hoje melhor pode ser apreciada e entendida, no quadro sociológico do País (que mais ninguém assim entendeu...) e no quadro estético da sua pintura.

E no meio desta floresta vibrante de cores, vermelhos, amarelos e azuis, que são sinais imediatos duma veemência sincera e duma imediatidade de expressão, está o quadro «Família» que levou, ao contrário dos outros, quatro anos a pintar, entre 1928 e 32.

A «Família» é a do pintor, mesmo que iconograficamente o não seja. Do pintor, dum pintor – do pintor por excelência de imaginação. Ele pinta deitado sobre uma cadeira diante do cavalete de costas para nós; por detrás, a mulher leva um prato de frutos; pela frente, o filho, de bibe, toca uma corneta, enquanto (porque o quadro tem o seu tempo) pela janela aberta se vê a cidade de casas acumuladas –, seja ou não seja o Porto. O pintor sorri, a mulher olha feliz, o miúdo tem a corneta como se não precisasse de mais nada, tal como o pai tem a paleta e uma caixa de tintas no chão, não precisando também de nada mais. O tempo paira, detem-se dentro dum espaço fechado e cumulativo de coisas arrumadas. Trata-se de um dos melhores quadros dos limiares dos anos 30, ou da passagem das duas décadas dum «modernismo» incerto.

Talvez não seja o melhor quadro de Júlio, nem o mais imediatamente significativo; mas é-o, com certeza, imediatamente, quer dizer, por interposta síntese imaginosa.

Meio século passou, depois dos «Independentes» (em breve deles falarei aqui) e depois deste quadro – muito tempo na vida dum homem, menos, decerto, na vida dum poeta. Júlio não deu por isso – e o seu «Poeta» continua olhando e voando. E a menina continua igual a esta que tenho aqui emoldurada, longuíssimo o pescoço de cisne, pequena a cabeça clara, mínimo o seio, no rebordo do papel...

Portugal e o "fiasco" americano no Irão

As Lajes foram utilizadas de algum modo

— dizem observadores militares

Continuação da pág. 1

guesa. «Gaffe» diplomática? Não, segundos fontes ligadas ao Palácio das Necessidades.

O que se terá passado foi que o Governo AD, informado das intenções americanas, optou por uma jogada de antecipação lançando-se de imediato numa campanha pró-americana que não só surpreendeu os países europeus como a própria Administração norte-americana. Na verdade, o que fizeram Freitas do Amaral, primeiro, e Sá Carneiro depois, correspondeu àquilo que Carter gostaria que tivesse sido feito, não por um país de segunda linha, como Portugal, mas por alguém realmente importante como a Alemanha Federal, a Inglaterra ou a França.

Freitas do Amaral e Sá Carneiro não agiram através de qualquer solicitação normal dos EUA, expressa por via diplomática, mas a partir da intervenção televisiva de Carter – retransmitida para a Europa por satélite – na qual o presidente norte-americano, em vésperas da tentativa militar para libertar os reféns, pressionava os aliados europeus a adoptarem medidas severas contra o Irão.

Com esta «jogada» o Governo AD transformando-se em paladino dos interesses americanos, pretendeu não só capitalizar eventuais favores de Washington como demonstrar, nos planos interno e externo, que já vai longe o tempo em que Carlucci privilegiava o Partido Socialista e Ramalho Eanes, aliás de forma nada discreta.

Para além dos ressentimentos de ordem pessoal que Sá Carneiro conserva, a passagem de Carlucci por Lisboa deixou outras marcas que o Governo AD se tem esforçado por apagar e que conduziram, por exemplo, a que, até bem próximo das eleições de 2 de Dezembro último, os americanos apostassem na repetição dos anteriores êxitos eleitorais socialistas.

A crise iraniana e a questão afegã foram «ouro sobre azul» para Sá Carneiro e a sua equipa que puderam, logo a seguir à crise, em Janeiro deste ano, promover uma série de iniciativas de aproximação aos EUA, as quais deram tantos mais nas vistas quanto ultrapassavam o peso real de Portugal em questões internacionais de tão delicada natureza.

Ainda durante a campanha eleitoral, e numa antevisão do que iria ser a política atlântica da AD, dirigentes «aliancistas» haviam confirmado que cederiam os Açores para escala de aviões militares americanos envolvidos numa eventual intervenção militar no Irão.

Bloomfield desmente, no entanto, que as Lajes tenham sido utilizadas na malograda operação de Tabas. Fontes portuguesas apontam contudo que os C-130 que partiram do Egipto rumo ao Irão poderão ter escalado os Açores muito antes de 24 de Abril usando a operação estava ainda em fase de preparação. Este seria, aliás, o percurso mais lógico daqueles aviões que, normalmente, não têm base no Egipto.

Há pouco mais de um mês a Imprensa portuguesa relatava a presença de fuzileiros norte-americanos nas Lages bem como de aviões de transporte dos EUA. O assunto chegou a subir ao Parlamento mas nem o Governo nem a Embaixada norte-americana deram resposta satisfatória às dúvidas que então se levantaram.

Na altura chegou a ser focada a eventualidade desta movimentação norte-americana ter o Irão como alvo. Porém a intervenção armada de 24 de Abril último encontrava-se no maior segredo, em Washington, e só agora se soube que a «aventura» estava preparada desde Novembro de 1979.

Todo este encadear de factos leva a que observadores militares portugueses dêem como praticamente certo que os Açores serviram, de algum modo, para os planos americanos, tanto mais que parece pouco provável que qualquer outro país europeu, normalmente utilizado como base militar pelos EUA, se prestasse aos desígnios norte-americanos, tendo em atenção os efeitos que tal poderia provocar nas suas relações com os países do Médio Oriente.

Saber até que ponto esteve o Governo português implicado é a interrogação que agora se coloca e à qual, para já, Eanes poderia responder

Segundo Afonso Queiró, vindo de Coimbra...

Governo AD tem legitimidade para rever a Constituição!

«Quero ainda agradecer-lhe esta viagem de regresso ao passado, aos bons velhos tempos em que fui seu aluno em Coimbra!»

Habitualmente sombrio, ou cara de pau, Afonso Queirós sorriu, quase enlevado. Não recordava, certamente o autor do elogio, mas isso era o menos. Lembrar os «bons velhos tempos» era sempre grato ao antigo catedrático de Direito Administrativo e Político da Faculdade que gerou Oliveira Salazar um amigo que Afonso Queiró jamais deixou de admirar e fielmente servir.

Durante cerca de uma hora, numa das salas da Universidade Livre de Lisboa, o rival administrativista de Marcelo Caetano falou da nossa actual Constituição. O auditório, cerca de cem pessoas, incluía estudantes, antigos alunos seus e alguns curiosos (caso de Jorge Miranda – sempre em todas, como há dias na residência do embaixador dos EUA, com Lucas Pires, também para falar da Constituição).

Foi um discurso cansativo, monótono, redundante e mal servido, ainda, por uma dicção arrastada e um francês medíocre. As citações de, entre outros, Rousseau e Montesquieu, dificilmente se entendiam. Mas houve grossa novidade: o antigo procurador à Câmara Corporativa e ex-deputado da União Nacional (1949) mostrou-se um defensor intransigente, quase sectário, da «soberania popular»,

Foi de tal ordema argumentação que produziu acerca dos valores democráticos – para justificar as suas «receitas» de revisão da Constituição – que Jorge Miranda, num tom sério e elegante, perguntaria, no final se Afonso Queiró não estaria a «absolutizar» essa soberania popular, contrariando as «concepções fundamentais do Estado de Direito».

O autor de «Os Fins do Estado» (1938) perdeu aqui o sorriso beatífico do final da sua exposição, quando dissera que a conferência estava fora de qualquer propósito de intervenção política». E citou a Lei de Delimitação dos Sectores como exemplo dos entraves alusivos que a a Lei Fundamental traz ao exercício do poder político para acabar (esquecido já da «soberania popular»' afirmando que «o povo votou uma lei celerada, antidemocrática» (a Constituição)!...

Uma das «receitas» (o referendo foi outra) de revisão adiantadas por Queiró está já em prática. Trata-se da acção concreta do Governo AD. Para o repentino teórico da soberania do povo, uma coligação que apareça ao eleitorado com um projecto de revisão constitucional, se tiver o apoio maioritário no escrutínio pode considerar-se como «legítimo o poder constituinte de que essa maioria vier a fazer uso».

Mais claro e mais bem informado sobre os variados sistemas constitucionais, Jorge Miranda deu lição nos dez minutos finais em que questionou Afonso Queiró (a quem convidou para idêntica conferência na Universidade Católica...). Demonstrou, ao contrário do afirmado por Queiró, que, por exemplo, a actual Constituição espanhola, tem no seu articulado, princípios de organização económica – tão contestados na nossa pelo professor de Coimbra.

Considerou igualmente demasiado «oitocentista» a perspectiva do conferencista no que toca aos limites constitucionais da soberania popular».

E perguntou-lhe como poderia funcionar a Comissão Constitucional face a uma lei quadro do referendo. Respeitar o que estabelece a Constituição que nos rege ou arvorar-se em Tribunal Constituinte? Queiró não teve resposta!

Reformadores não fazem contratos com a AD contra a bipolarização

Por se considerarem de centro-esquerda e serem adversários da bipolarização, os Reformadores nunca assinarão qualquee contrato com a AD, mas apenas com o PSD, com quem eventualmente poderão manter compromissos, mesmo que a AD se desfaça – disse-nos esta manhã uma fonte bem colocada dos Reformadores a propósito das conversações mantidas com o Governo e com os sociais-democratas sobre o projecto da revisão da Lei Eleitoral.

As reuniões com o PSD vão prosseguir ainda que não tenham datas aprazadas. Nos últimos contactos havidos em S. Bento, em que excepcionalmente esteve presente, por minutos Lucas Pires, os Reformadores divulgaram a sua posição acerca do sentido do seu voto: a favor, se os emigrantes votarem nos seus círculos de origem (proposta que tanto o Governo como a AD não aceitam); pela obtenção, se for contemplada a criação de apenas um círculo para os emigrantes com o número de deputados correspondentes aos números de emigrantes inscritos; contra, caso esta medida não seja aceite. Dez dias depois deste comunicado dos Reformadores, as posições de ambos os lados mantêm-se.

Entretanto, ainda que a nossa fonte considere ser tal notícia mera especulação, a RDP no seu noticiário da meia-noite reflectia sobre a possibilidade de os Reformadores serem substituídos pelo «grupo de Coimbra», em que pontificam Mota Pinto e Barbosa de Melo, em próximo acordo para as legislativas do Outono.

Provocação norte-americana à vista?

Juristas portugueses tomam posição sobre problema dos "asilados" de Havana

«Os parasitas nunca se deram bem nas sociedades em que, por via das transformações sociais profundas, os valores supremos da vida passaram a ser o trabalho, a disciplina cívica, o dever e a honra de servir os interesses da colectividade» – consideram juristas portugueses, em tomada de posição pública acerca da questão dos «asilados» de Havana.

Analisando a questão à luz do direito internacional, afirma-se no citado documento subscrito por Levy Batista, Luís Azevedo, Duarte Vidal, Lopes de Almeida, Luís Catarino, Albertino de Almeida e Maria Antonieta Pereira que, em causa, estão, fundamentalmente o direito de asilo e a imunidade diplomática.

«Das pessoas que se reuniram na Embaixada do Peru em Havana – indica o documento – nenhuma estava em condições de beneficiar do direito de asilo, pois entre elas não se contava qualquer perseguido político. São, pelo contrário, delinquentes comuns, individuos associais, que passaram a constituir matéria-prima para a fabricação de «heróis» e «mártires da liberdade».

Aqueles juristas salientam ainda o facto de Cuba, apesar disso, nunca ter posto a questão no terreno da luta contra a delinquência, mas antes na advertência de que «o asilo concedido a deliquentes, que, pela força, entram numa Embaixada, constitui um evidente estímulo ao terrorismo, pondo em grave risco a imunidade e a segurança das missões diplomáticas».

No documento é recordada a morte violenta do soldado Pedro Ortiz, em 1 de Abril, causada por indivíduos que forçaram a entrada na Embaixada peruana, que tinha protecção exterior ao abrigo da Convenção de Viena, de 1961, sobre as relações diplomáticas.

As posições contraditórias do Governo peruano

Regista-se, também, a circunstância de o direito de asilo ter «uma tradição muito viva nos países da América Latina» e que, fiel a essa prática, o Governo cubano faz todos os «esforços para que o direito de asilo não se degrade a condição de instrumento de protecção de delinquentes comuns e outros tipos associais», embora – na «conjuntura resultante dos acontecimentos nas embaixadas do Peru e da Venezuela» – concretize a promessa de «autorizar a saida do país a todos os que obtenham autorização de acolhimento nos países de destino».

«A posição de Cuba – sublinha-se, entretanto – é, todavia, intransigente quanto a um ponto: a nenhum dos indivíduos que, pela força, penetraram nas embaixadas será permitida a saída do país».

Os juristas portugueses interrogam-se ainda quanto ao «significado e alcance da manobra desencadeada contra a República de Cuba, o povo cubano e a sua Resolução socialista: os governos que têm surgido com maior destaque nesta campanha estão dispostos a conceder vistos aos indivíduos que, sem justificação, e pela força entraram nas embaixadas – mas não estão dispostos a concedê-los àqueles que, normalmente, em termos de boa paz, os requerem. Porquê, então, esse tratamento discriminatório?»

«Por que razão – prossegue o documento – o governo do Peru demitiu o seu embaixador Edgardo de Habish, que perante uma situação idêntica, em Havana, convidou a regressar a suas casas um grupo de invidíduos que, sem quaisquer razões de ordem política e pela violência, penetraram na Embaixada? Por que razão o governo peruano o obrigou a receber na embaixada esses indivíduos, antes de o demitir?»

«Por que razão o mesmo governo peruano continua a não conceder vistos às pessoas que solicitaram autorização para seguirem para o Peru, e às quais as autoridades cubanas garantiram já que lhes concedem os documentos necessários para partirem?».

Provocação militar dos EUA?

Chamando a atenção para as manobras militares que os EUA vão realizar dentro de dias nas Caraíbas «com a participação de poderosos meios terrestres, navais e aéreos, nas quais se inclui o desembarque de dois mil «marines» na base naval de Guantanamo» – localizada em Cuba, e que, por tratado firmado já antes da revolução, apenas deverá ser usada para reabastecimento de navios – aqueles juristas sublinham que «a intenção intimidatória é patente, e dela não pode desligar-se toda a campanha que sobre o problema dos «asilados» nas embaixada tem vindo a ser orquestrada nos meios que condicionam a formação da opinião pública nos países capitalistas».

Eanes em Itália: de 14 a 17

Visita oficial ao Papa e entrada para a CEE

A visita oficial do Presidente da República, general Ramalho Eanes, ao Papa João Paulo II, assianalará o ponto mais importante da viagem presidencial a Itália. De 14 a 17 deste mês, o Presidente da República deslocar-se-á a Itália, acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Freitas do Amaral e um membro do Conselho da Revolução.

Para além dos contactos e visitas protocolares, Ramalho Eanes será recebido pelo Presidente da República italiana e pelo Presidente do Conselho de Ministros. Manterá ainda conversações com delegações hatronais e sindicais daquele País. A adesão de Portugal à CEE estará, sem dúvida, no centro de todas as conversações. Com características agrícolas, idêntic s às do nosso país, a Itália poderá fornecer elementos sobre as vantagens e inconvenientes dessa adesão.

Para além disso, a política externa também ocupará grande parte dos contactos oficiais. A Comsnidade Económica Europeia tem afinado as suas posições de política externa pelos EUA. No entanto, há divergências entre os diferentes parceiros da CEE. Também a quota de cada estado-membro tem criado, ultimamente, alguns atritos entre a Inglaterra e a CEE. NXESTA VIAGEM, O Governo da Ad rá tentar conseguir «trunfos» junto do Presidente do Conselho de Ministros e Presidente do Conselho de Ministros de Itália, Francesco Cossiga.

No entanto, será a visita oficial ao Vaticano (a primeira de um Chefe de Estado desde o início do Pontificado de João Paulo II) que marcará esta visita de Ramalho Eanes a Itália. As relações entre a Igreja e o Estado Português foram sempre muito estreitas, mesmo durante o regime fascista. No entanto, Paulo VI, quando se deslocou a PXORTUGAL, PARA VISITAR O Santuário de Fátima, não esteve em Lisboa a «demarcar-se» assim da política colonialista portuguesa.

Depois da visita a Cabo Verde, Ramalho Eanes, explicará também aos dirigentes italianos a política externa portuguesa, que a Oposição classifica como alinhada aos «falcões», da Europa. O Presidente da República deslocar-se-á, em breve, à Noruega, que tem recusado aderir à CEE.

Com vista às próximas eleições

Actualização do recenseamento começou hoje em todo o País

● Prazo termina no fim deste mês

A actualização do recenseamento eleitoral começou hoje em todo o País, terminando no próximo dia 31.

Todos os cidadãos com dezoito anos completados entre a última actualização e o final de Maio devem inscrever-se na Comissão Recenseadora da freguesia onde residem.

Nas mesmas circunstâncias se encontram as pessoas que, por qualquer outra razão, tenham adquirido capacidade eleitoral, designadamente pela caducidade das incapacidades cívicas referidas no artigo 308 da Constituição.

Por outro lado, também os eleitores que, embora já inscritos, mudaram entretanto de residência (para freguesia diferente, obviamente) devem transferir a sua inscrição para a Junta de Freguesia da nova morada.

As Comissões Recenseadoras funcionarão, em princípio, nas sedes das Juntas de Freguesia e em horário que elas próprias divulgarão através de edital.

A inscrição no recenseamento é obrigatória e constitui uma condição necessária para poder votar.

O número de eleitores recenseados em 1979 foi de 6.908.141, ocorrendo a actualização ao abrigo da mesma lei, pois uma proposta governamental sobre essa matéria, foi derrotada pelo Parlamento em Abril.

Novo Presidente para a CNE

O Conselheiro Melo Franco, juiz do Supremo Tribunal de Justiça, vai ser nomeado presidente da Comissão Nacional das Eeleições em substituição de Adriano Vera Jardim – disse na quarta-feira, à ANOP, João Franco, da CNE.

O conselheiro Adriano Vera Jardim comunicou ao Presidente da Assembleia da República que renunciava ao cargo de presidente daquela Comissão.

Esta decisão de Vera Jardim foi seguida de diligências de Leonardo Ribeiro de Almeida junto do Conselho Superior da Magistratura, para que, nos termos da Lei, indique um substituto para o presidente cessante.

A Comissão Nacional das Eleições ainda não apreciou todas as contas dos partidos políticos referentes a gastos efectuados com as últimas eleições autárquicas.

Por outro lado ainda não foram enviados à Imprensa Nacional-Casa da Moeda, para publicação no diário oficial, os resultados das últimas eleições autárquicas.

Ramalho Eanes esteve no aeroporto

Eugénia Neto regressou a Luanda

Maria Eugénia Neto, escritora e viúva do primeiro presidente da República Popular de Angola, Agostinho Neto, partiu ontem para Luanda, após uma estadia, em privado, de várias semanas, no nosso País.

Eugénia Neto, que assistiu no passado dia 4 de Fevereiro à inauguração da Embaixada da RPA, em Paris, onde descerrou um busto de Agostinho Neto, seguiu depois para Itália, antes da viagem a Portugal, também em visita privada.

De naturalidade portuguesa, Eugénia Neto, autora de colectâneas de contos, traduzidos em várias línguas, casou-se em Lisboa, em 1958, com o então dirigente do MPLA.

O Presidente Ramalho Eanes e sua esposa, estiveram no aeroporto a despedir-se da viúva de Neto.

O chefe do Estado português tinha convidado, em 1979, Eugénia Neto a passar um mês em Portugal.

festa do Avante!
não esqueça!
este ano é
EM JULHO
11.12.13
ALTO DA AJUDA
1º SORTEIO da EP
4 de Maio
Festa da Amizade
17 horas – Almada

somos prémio internacional ALIMENTAÇÃO EUROPA 1980

Depois da medalha de prata de 1978 e das duas de ouro em 1979, na "Monde Selection", os produtos "Nacional" conquistaram pela segunda vez o troféu "International Food/Europe 1980", repetindo o êxito de 1979.

Foi a confirmação da qualidade superior dos produtos "Nacional", o resultado do apuramento técnico, do equipamento altamente evoluído e do trabalho eficiente.

Um prémio à iniciativa industrial de uma empresa Portuguesa em expansão que acompanha o desenvolvimento do sector alimentar.

Nacional

SISTEMA

COMPANHIA INDUSTRIAL DE PORTUGAL E COLÓNIAS, S.A.R.L.

Assembleia da República

A máquina e a tabuada

Tal como tinha acontecido quando da interpelação ao Governo, Partido Comunista e Governo, mais concretamente ministro das Finanças, ficaram num frente-a-frente. Todos os outros grupos já tinham esgotado o seu tempo. O PCP guardou nove minutos para depois da intervenção de Cavaco e Silva. E foi um «corpo-a-corpo» em directo. A equipa económica de deputados comunistas mostrou o que «valia» durante esses nove minutos. Carlos Carvalhas, porta-voz, insistia com o ministro. Octávio Teixeira e Ilda de Figueiredo, com uma máquina de calcular, faziam contas para responder aos números que o ministro ia debitando.

E foram importantes estes nove minutos: 1.º O ministro Cavaco e Silva admitiu que o défice da balança de transacções correntes poderá subir mesmo ao bilião de dólares, dando razão ao PCP (previu sempre um défice superior aos 900 milhões), com as implicações económicas que isso representa. E em 2.º lugar, confirmou que as empresas públicas e nacionalizadas contribuíram de 1977 a 1979 com 12,5 milhões de contos para o Estado, desmentindo, assim a campanha orquestrada dos «défices» das empresas públicas.

O ministro Cavaco e Silva considerou que «tal como nos países totalitários, as empresas públicas têm de dar lucro. O contrário é que estaria mal». Moral da história: as empresas públicas – o Governo e o ministro admitiu – não são o «lobo mau» da economia portuguesa.

Acertar as máquinas

O ministro Cavaco e Silva, após ter ouvido a Oposição (toda a Oposição) dizer que os números estavam errados, deturpados, desenvencilhou-se, assim, dirigindo-se ao PCP: «Estava a pensar em emprestar-lhe a minha máquina para fazer as contas. Afinal, não empresto, porque me podem avariá-la.» A menos que ela já o esteja.

Na verdade, Herberto Goulart (MDP), João Cravinho e António Guterres (PS) e Octávio Teixeira (PCP) demonstraram até à exaustão a «distorção» dos números do OGE. Denunciaram a «campanha eleitoralista do Governo» ao afirmar que «o nível de vida das famílias portuguesas vai aumentar», etc. Confrontaram-se números. O ministro das Finanças (como tinha feito na interpelação) falou para os economistas do Parlamento. E, no final, com as mesmas máquinas de calcular, as contas nunca saíram certas. A este respeito, António Guterres (PS) sublinhou: «O sr. ministro das Finanças ofereceu a um partido da Oposição a possibilidade de utilizar a sua máquina de calcular. Pela nossa parte, menos sofisticadamente, recomendamos-lhe, bem como ao sr. Primeiro-Ministro a leitura atenta da tabuada. É que, por muito que pese ao Governo, 2 e 2 não são 10 quando se trata de benefícios concedidos por este e 2 e 2 não são 0,5 se se referem a impostos a pagar pelos cidadãos. 2 e 2 são 4». Referia-se aos números do Orçamento e, particularmente, a baixa de impostos. Quem mais ganha, maior redução terá nos impostos. Benefícios, parece que aumentará o abono para uma família com 10 filhos que ganha... menos de 11 contos por mês (???). Se os filhos sobreviveram até agora. Trabalhadores rurais não verão um tostão de aumento das pensões de Reforma; contratos colectivos ficarão pelos 18%, etc., etc.

A defesa

O ministro da Agricultura proferiu um discurso «calmo», para não levantar «ondas». António Campos (PS) revolvia-se no seu lugar. A direcção do grupo parlamentar não lhe deu «tempo». Foi lá à frente «convecer» a direcção do grupo parlamentar. Lá conseguiu um minuto. Foi pena. Poderíamos ter assistido a um bom debate. Por isso, (não contando com o debate entre Sousa Tavares e Mário Tomé), a intervenção do ministro da Agricultura passou «ao de leve».

Também um discurso de fundo, importante, veio da bancada do CDS: Luís Barbosa, economista, fez uma intervenção de defesa do OGE, mas adiantou já um programa de Governo para os próximos quatro anos. «A maioria da maioria» como lhe chamou alguém da Oposição, está já a «ver» para além das eleições legislativas. Este OGE está no «papo» e, portanto, vamos falar do futuro. Foi o que fez Luís Barbosa. Foi, de longe, o melhor discurso dos partidos que apoiam o Governo AD. E não se deve menosprezar isso mesmo.

Lucas Pires: um desastre

Já Lucas Pires (CDS) foi um «desastre». «Discurso estruturalmente fascista» chamou-lhe Mário Tomé (UDP). Talvez, mas sobretudo de uma falta de «nível» a toda a prova. Dantes, Lucas Pires fazia «discursos políticos». Na noite do debate do OGE, o deputado centrista foi para a Assembleia «desconversar». Isto é, Lucas Pires estava a querer «conversa», «escândalo» com a Oposição. Só que... ninguém lhe respondeu.

Ausente do maior dos debates do OGE, Lucas Pires não disse uma palavra sobre o que se estava a discutir. Não responde a nada nem a ninguém. Foi ouvido com interesse durante algum tempo, pelos partidos da AD. No meio de um debate económico, sabe bem uma «piada». Mas não se leva a sério. Isso é o pior que pode acontecer a um político. E Lucas Pires, pela segunda vez (a primeira foi logo a seguir à celebração do aniversário da Constituição), cai nesse erro.

Por fim, o Plano e o OGE lá foram aprovados com 125 votos a favor e 111 contra. Era cerca da uma da manhã. Oposição e Governo guardavam a máquina de calcular. O público abandonava as galerias e alguns faziam «contas»... de bolsos vazios. E os deputados sociais-democratas da Madeira e dos Açores saíam muito satisfeitos: tinham conseguido uma alteração ao OGE: mais um milhão de contos para ajudar à reconstrução das zonas afectadas pelos sismo dos Açores. Várias reuniões com Cavaco e Silva e Pinto Balsemão, tinham resultado. Eles ameaçaram fazer «tremer» a votação...

F.M.

AOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CELULOSE, PAPEL, TRANSFORMAÇÃO GRÁFICA E IMPRENSA DO SUL E ILHAS

ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

do Sindicato que representará os trabalhadores de CELULOSE PAPEL CARTONAGEM ARTES GRAFICAS IMPRENSA

LISBOA (C A C O) 17 MAIO 1980

CONVOCATÓRIA

O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Cartonagem e Afins -- Zona Sul, o Sidicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes, o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Cartonagem e Afins -- Zona Centro e o Sindicato de Trabalhadores na Imprensa, vêm convocar todos os trabalhadores dos ramos de actividade das celuloses, papel, cartonagem, artes gráficas e imprensa, filiados ou não nas associações sindicais subscritoras (com excepção dos que estejam filiados noutros Sindicatos), que exerçam a sua actividade nos distritos de Leiria, Portalegre (nestes dois distritos com excepção para os trabalhadores gráficos), Santarém, Lisboa, Setúbal, Évora, Beja, Faro e nas Regiões Autónomas da Madeira e Açores, para uma **Assembleia Constituinte** de um novo Sindicato, resultante da fusão dos Sindicatos subscritores, com aquele âmbito geográfico e profissional, a realizar no próximo dia 17 de Maio de 1980, no Pavilhão do Clube Atlético de Campo de Ourique, Travessa do Cabo, n.º 3 e 3-A, em Lisboa, com início às 9 e 30 horas, e com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

1 – Deliberação acerca da constitição do novo Sindicato.
2 – Discussão e aprovação dos Estatutos e dos regulamentos da assembleia geral e eleitoral.
3 – Eleição da Comissão Directiva

NOTA:

O projecto de estatutos e regulamentos da assembleia geral e eleitoral a submeter à apreciação da Assembleia Constituinte, para além de terem sido distribuídos poderão ser levantados por qualquer trabalhador interessado na sede dos Sindicatos convocantes. Pode, igualmente, ser levantado, nos mesmos locais, o projecto de regulamento de funcionamento da Assembleia Constituinte.

As propostas de alteração aos estatutos e aos regulamentos da assembleia geral e eleitoral devem ser enviados para a Comissão Dinamizadora de Reestruturação, Largo da Trindade, n.º 16-1.º, Lisboa, ou para as sedes dos Sindicatos convocantes, até ao próximo dia 7 de Maio, a fim de poderem ser impressas e distribuídas aos participantes na assembleia.

Lisboa, 14 de Abril de 1980

Pelo Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Cartonagem e Afins – Zona Sul

O presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) *Isidro Rodrigues Gomes*

Pelo Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Cartonagem e Afins – Zona Centro

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) *Adriano Alberto Santo Leitão*

Pelo Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) *Jaime Marques Machado*

Pelo Sindicato de Trabalhadores na Imprensa

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) *António Carlos Troufe dos Santos*

SAGITÁRIO

RESTAURANTE

Especialidade:

Fondeu Bourguinhonne

Rua de Belém, 10-12 — 1300 LISBOA
Telefone: 64 56 87

ENCERRADO AOS DOMINGOS

PAÍSES SOCIALISTAS

CIRCUITOS • 1 SEMANA DE VIAGEM • TUDO INCLUIDO

POLÓNIA · R.D.A. · JUGOSLÁVIA
ROMÉNIA · BULGÁRIA

Partidas de Maio a Setembro

MUNDIVIAGENS
OPERADORES TURÍSTICOS

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se todos os consumidores de que o funcionamento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 4 (domingo) das 8 às 15 horas, nas seguintes Freguesias e Zonas:

— LOURES — CANEÇAS — ODIVELAS — BUCELAS — LOUSA — S. JULIÃO DO TOJAL — S. ANTÃO DO TOJAL — FRIELAS — POVOA DE SANTO ADRIÃO.

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA DE LOURES, 30 DE ABRIL DE 1980

O ENGENHEIRO DIRECTOR DELEGADO,
Casimiro Martins Neves Cabaço

GNR perdeu a causa

Dois trabalhadores absolvidos em Arraiolos

Julgados no Tribunal de Arraiolos, sob a acusação de «desobediência e ofensas corporais à autoridade», foram absolvidos os trabalhadores agrícolas Angelino António, de 64 anos e António José Arcadinha de 20, com base nos acontecimentos ocorridos durante a desanexação da herdade dos Textos, em Setembro de 1977.

Um contingente da GNR, constituido por cerca de cinquenta guardas, mantêve-se junto das instalações do Tribunal, numa atitude que os trabalhadores consideraram intimidatórios visto que nenhum antecedente justificava aquela manifestação de força.

A acusação contra os dois trabalhadores, agora absolvidos, foi formulada na sequência de uma carga brutal da GNR em que ficaram feridos mais de 50 assalariados rurais, alguns deles em estado grave, caso de Manuel Justino Antas que teve de ser transportado para o Hospital de Santa Maria com o maxilar inferior fracturado.

Na operação efectuada na herdade dos Textos participaram mais de duas centenas de elementos da GNR (grande parte vinda de Lisboa) com dezenas de jeeps, «shortlands», um helicóptero e cães polícias. No comando distinguiu-se o graduado Jerónimo Santos que deu cinco minutos aos trabalhadores, concentrados no local, para se retirarem. Sem que o tempo tivesse ainda expirado, as forças da GNR, procederam a uma carga indiscriminada, utilizando bastões, e gases lacrimogéneos.

Em fuga, os trabalhadores foram perseguidos pela GNR, num espaço de dois quilómetros, tendo chegado às terras da UCP «Humberto Delgado», onde alguns se refugiaram. Pela primeira vez, a GNR registou em «vídeo tape» os acontecimentos em que eram protagonistas milhares de trabalhadores desarmados a correr à frente de uma força apetrechada com os mais sofisticados recursos. Onde estava portanto a «desobediência e a agressão à autoridade»? A sentença do Tribunal de Arraiolos veio provar que a acusação, contra Angelino António e António Arcadinha, não tinha qualquer fundamento.

Na altura era secretário de Estado da Estruturação Agrária, Carlos Portas que notificou a UCP «6 de Agosto» no sentido de entregar a herdade dos Textos à Fundação Abreu Calado, de Benavila. Os trabalhadores contestaram a pretensão do MAP, liderado por António Barreto, argumentando que este dissera várias vezes «não ser possível fazer-se a gestão das UCPs de grande dimensão. Ora o despacho do seu ministério vinha precisamente contrariar as afirmações proferidas pelo titular da pasta. «Será, agora, possível e positivo em termos de reestruturação agrária gerir-se uma herdade que dista mais de 60 quilómetros da sua sede?» – perguntavam os trabalhadores.

Estes argumentos não convenceram quem estava firmemente empenhado na destruição da Reforma Agrária. Quem pretendia apenas tirar a terra aos trabalhadores, a bem ou a mal. E assim foi: a mal – com repressão.

PUB.

SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

PROFESSORES EM LUTA PELA PRC!

PLENÁRIOS DIA 6 DE MAIO

Com a seguinte **Ordem de Trabalhos:**
Proposta Reivindicativa Comum dos Trabalhadores da Função Pública
1. **Análise** da situação
2. **Decisão** sobre formas de luta

	LOCAL	HORA
LISBOA	Teatro Vasco Santana	21.30
SANTARÉM	Sindicato (edifício Seminário)	21.30
SETÚBAL	Escola Industrial Comercial	21.30
BARREIRO	Esc. Sec. Alfredo da Silva	21.30
TOMAR	Esc. Industrial e Comercial	18.30
ABRANTES	Convento de São Domingos	21.30
TORRES VEDRAS	Liceu de Torres Vedras	18.00
CALDAS DA RAINHA	Escola Industrial e Comercial	21.30

REUNIÕES SINDICAIS DE ZONA DIA 5 DE MAIO

Com o fim de preparar as jornadas de luta a aprovar nos Plenários, a Direcção convoca reuniões de zona no dia 5 de Maio, às 18.00 horas nos seguintes locais:

ZONA NORTE LISBOA — Escola Prep. Eugénio dos Santos
ZONA OCIDENTAL LISBOA — Escola Prep. Manuel da Maia
ZONA ORIENTAL LISBOA — Liceu Camões
ZONA LOURES/ODIVELAS/MAFRA — Escola Prep. Avelar Brotero
ZONA LINHA DE SINTRA — Liceu Queluz
ZONA LINHA DE CASCAIS — Liceu São João do Estoril
ZONA ALMADA/SEIXAL — Esc. Técnica Emídio Navarro
ZONA BARREIRO/MOITA/MONTIJO — Esc. Secundária Alfredo da Silva

Lisboa, 24 de Abril de 1980

Circular n.º 1/049/80

A DIRECÇÃO
Filipe Diniz

NOME
MORADA
LOCALIDADE
TEL.
ESTOU INTERESSADO EM MAIS INFORMAÇÕES
PREENCHA O TALÃO E ENVIE-O PARA A MORADA INDICADA.

TUPATUR-EMPREENDIMENTOS & TURISMO, LDA.-PENICHE
TUPATUR
Parque de Campismo do
BALEAL

Tupatur-Empreendimentos e Turismo Lda.
Av. João XXI, 12 r/c dto. 1000 Lisboa · Telefs. 801120 · 89 3161

O SEU PARQUE DE CAMPISMO

«UM OÁSIS FLORESTAL JUNTO AO MAR»

EQUIPAMENTO

Piscina para adultos e crianças. Campo de Volley. Campo de Basquete. Andebol, dois Court's de Ténis, pranchas de surf e windsurf para aluguer. Garagem para 50 Roulotes. Restaurante Self-Service. Supermercado. Parque Infantil com Vigilante. Salão convivio. Snack-Bar. Discoteca. Posto de Socorros. Recepção. Parqueamento Privado. Serviço de Vigilância. Tomada de corrente para Roulotes (individual)

SISTEMA DE ALVEOLOS

Foram criados três tipos: 40 m2, 60 m2 e 100 m2.
Os alveolos de 60 m2 e 100 m2 destinam-se basicamente aos diversos tipos de roulotes.
Os de 100 m2 permite ainda a implantação de casas tipo «chalet» ou desmontáveis.

GESTÃO DE ALVEOLOS

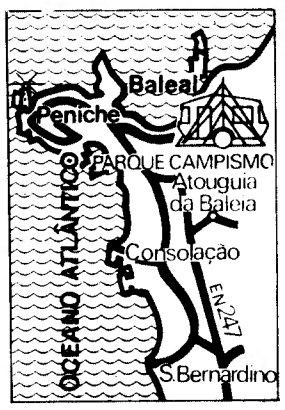
A direcção do parque será eleita por todos os proprietários. O dono do alveolo, poderá assumir a administração do mesmo nos meses não ocupados e, aluga-lo a terceiras pessoas, com ou sem o seu equipamento, o que lhe irá proporcionar anualmente um rendimento.

ESTATUTO JURIDICO

O proprietário do alveolo é livre de alugar ou emprestar por conta propria.
O alveolo é tansmissivel por herança ou venda.
Os lucros liquidos apurados anualmente pelo Parque, serão divididos por todos os proprietários dos alveolos, na proporção do capital investido.

OUTROS BENEFICIOS

A Tupatur, pretende espalhar uma rede de Parques de Campismo por todo o Portugal. O proprietário do alveolo do Baleal, poderá anualmente, trocar o seu local de ferias.
Igualmente a partir de Setembro, irá pôr à disposição dos proprietários de roulotes uma garagem com 50 lugares.
Visitas ao Domingo em autocarro a partir de Lisboa. Marque os seus lugares pelo telefone 80 11 20, é nosso convidado.



o Diário de Lisboa VENDE-SE NO PORTO

nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

de ontem para hoje

Amadora: incêndio na "Fábrica dos Ossos"

Um violento incêndio destruiu ontem à noite (cerca das 22 horas) grande parte do recheio da «Fábrica dos Ossos», localizada no Aoto dos Moinhos e dedicada à manufactura de carvão arfimal. O sinistro, cujas causas se desconhecem por enquanto, declarou-se junto de uma caldeira, na pilha de ossos acumulados, após fervura. No combate ao fogo participaram os Bombeiros Voluntários da Amadora que, ao cabo de vinte minutos, conseguiram neutralizar as chamas que já lavravam em todo o interior do edifício. Não se registaram desastres pessoais.

Cooperativa «Traslar»: 120 moradias em Chaves

A Cooperativa de Habitação «Traslar» vai construir 120 moradias na cidade de Chaves. Um director da cooperativa declarou ontem que o empreendimento implicará em 120 mil contos e será erguido na zona de Nantes, nos subúrbios daquela cidade. O terreno foi adquirido, há perto de dois anos, por quatro mil contos. A Cooperativa «Traslar» vai construir também 250 casas na cidade de Vila Real, orçamentadas em 250 mil contos.

Em Oeiras: Manuela Eanes inaugurou lar

Manuela Eanes inaugurou anteontem à tarde em Oeiras um centro de dia destinado à terceira idade. O centro tem lotação para cento e vinte beneficiários diários. A mulher do Presidente da República, visitou ainda naquela localidade um infantário utilizado por cinquenta crianças.

Palácio de Cristal: «Expomóvel-80» com 92 expositores

Abriu esta tarde, no Palácio de Cristal, a «Expomóvel-80» – III Salão de Mobiliário e Decoração, uma iniciativa da Associação Industrial Portuense. No certame, visitado ontem pelos jornalistas encontram-se largamente representados o mobiliário e os artigos de decoração sendo de 92 o número de expositores. A exposição encerra no próximo dia 11.

Sangue nas estradas: quatro mortos e 54 feridos

Quatro mortos e 54 feridos é o balanço dos 38 acidentes de viação registados pela GNR nas estradas portuguesas, entre as 12 horas do dia 30 e as 12 horas de hoje. Dos feridos, 26 encontram-se em estado grave.

Condição Feminina: Isabel Barreno no Palácio Foz

A Comissão da Condição Feminina, segundo anunciou ontem irá realizar na sala do cinema do Palácio Foz um seminário com sete sessões de duas horas sobre «Maternidade – mitos e ideologias que a condicionam», dirigido pela escritora Maria Isabel Barreno. As sessões terão lugar das 13 às 15 horas, dos dias 8, 13, 15, 20, 22, 27 e 29 do corrente – terças e quintas-feiras. As inscrições podem ser feitas até ao dia 7 de Maio inclusive na Comissão da Condição Feminina (Helena Simas). Av. Elias Garcia, n.º 12 – 1º, Lisboa – telefones: 774632, 732835 e 732167, sendo o seu custo de trezentos escudos – 150 escudos para estudantes. Entretanto, na próxima quarta-feira, dia 7 de Maio, às 17 e 30 horas, realiza-se na Faculdade de Letras – Anfiteatro I um colóquio sobre «Feminino – Masculino – redução e mudança de atitudes», introduzido por Joana de Barros Baptista, presidente da Comissão da Condição Feminina e orientado por Isabel Romão.

Vitor Mendes: colhida em Las Ventas

O novilheiro português Vitor Mendes, foi ontem colhido, em Las Ventas – Madrid –, sofrendo uma ferida de quinze centímetros na coxa direita e ligeira comoção cerebral. A colhida ocorreu quando Vitor Mendes, que fazia a sua estreia na capital espanhola, tentava colocar o terceiro par de bandarilhas no seu primeiro novilho, pertencente à ganadaria portuguesa dos herdeiros de João Branco Núncio. A cornada com Trajectória para fora, afectou a parte interna do músculo adutor superior, bem como o sector vascular, sendo o prognóstico classificado como «menos grave» pelo médico Garcia Dela Torre.
A novilhada ficou assim reduzida a um nano-a-mano entre Fernando Martin «Sacromonte» (silêncio nos três que matou, um dos quais em substituição de Mendes) e Manuel Rodriguez «El Mangui» (assobios-aplausos silêncio).

Com Maurice Aubree: despachantes oficiais reunidos no Estoril

Iniciou-se ontem num hotel do Estoril, prolongando-se até ao próximo domingo, o III Colóquio de Despachantes Oficiais. A iniciativa pertence á Câmara dos Despachantes Oficiais e nela participam como conferencistas, entre outros, Maurice Aubree, chefe de divisão da União Aduaneira da Comissão das Comunidades Europeias e Rogério Fernandes Ferreia, especialista em fiscalização e gestão de empreas. Na primeira sessão do colóquio foi apresentada uma tese sobre os problemas resultantes da forma de actividade dos despachantes privativos.

Em Leiria: retransmissor de TV exigido por 3310

Um abaixo-assinado colocado a circular no concelho de Leiria exige a instalação de um retransmissor de TV na região. A iniciativa, que partiu da freguesia de Caranguejeira, deve-se ao facto de ser muito deficiente a qualidade das imagens recebidas nos televisores dos habitantes do concelho. Uma cópia do abaixo-assinado, com 3310 assinaturas, foi ontem enviada pelo governador civil de Leiria ao secretário de Estado da Comunicação Social e à RTP.

Um caso por deslindar

Quem puxou o gatilho contra Augusto Mota?

No passado sábado, quando com outras crianças jogava à bola, junto ao Jardim da Praça da Alegria, foi atropelado mortalmente o menor Alexandre Mota, de oito anos de idade, cujo funeral se realizou ontem da capela de S. José, para o cemitério do Alto S. João.

No dia 25 de Junho de 1979, o nosso jornal noticiava que na madrugada desse dia (pelas 4 horas), junto ao café «Galo», um polícia á paisana abatera a tiro um jovem de 28 anos, Augusto José Rodrigues Mota, morador na Rua da Alegria, n.º 76, que viria a morrer, após quase seis meses em coma, no Hospital de S. José.

Aparentemente, estas notícias nada têm de comum, a não ser o facto do apelido da criança morta no passado sábado e a do homem abatido em 25/6/79, serem idênticos. Porém, alguma coisa se liga aqui o suficiente para nos permitir inseri-las no mesmo apontamento. Na realidade, o pequenito vitimado no acidente da Praça da Alegria e que foi ontem a enterrar, era filho do Augusto Mota, abatido a tiro, como já dissemos, por um polícia à paisana e, ao que parece, sem motivos que admitam qualquer lógica.

Ambos os mortos eram a única família que restava ao sr. António Mota, proprietário dum pequeno estabelecimento situado na Rua da Alegria: Augusto Mota era o seu único filho e o menor Alexandre, o único neto. Para além disto, ou seja, para além do desaparecimento brutal dos dois únicos familiares, a António Mota só lhe resta um grande, grande vazio.

É preciso que se faça justiça

Contudo, o caso de que fazemos notícia, não se centra nesta velhice desolada – que só por si era capaz de dar um apontamento humano, digno de registo. De facto, o que acontece é que o sr. António Mota ainda aguarda que justiça seja feita sobre a morte do filho, morto friamente na madrugada de 25 de Junho de 79. E ele quem nos diz:

–O meu Augusto encontrava-se ali, junto ao café «Galo», a conversar com uns amigos aqui do sítio. Dentro do café, houve um indivíduo que começou a fazer distúrbios, o que levou o encarregado do estabelecimento a chamar a Polícia. Compareceram dois guardas da esquadra da Alegria, fardados, e arrastaram para a rua o indivíduo em questão. Mas, segundo o que viriam a afirmar os amigos do meu Augusto, o procedimento dos guardas era quase brutal. O indivíduo que provocara os distúrbios devia estar embriagado... Deu-se então uma intervenção de um dos amigos do Augusto, o João Rodrigues, que terá dito aos polícias que não batessem mais no homem, porque ele já ia preso e não havia necessidade de se fazer isso... Os polícias não lhe ligaram e continuaram a arrastar o homem a caminho da esquadra. Mas nisto, veio do interior do «Galo» um outro sujeito, que mais tarde se soube ser um polícia à paisana, que ao ouvir o que dissera o João Rodrigues, foi ter com os dois guardas que levavam o preso e instigou-os a voltarem atrás, para o agredirem. E os polícias assim fizeram, segundo contam os amigos do meu Augusto. Mas talvez, não batessem muito, porque o tal à paisana, a certa altura, terá dito que «era preciso bater com mais força». Penso que se tenha gerado alguma confusão e, de repente, o polícia à paisana aponta a arma ao meu Augusto e dispara à queima-roupa, estendendo-o com um tiro na nuca. Levado para S. José, o meu filho esteve quase seis meses sem dar acordo de si,

Augusto Mota

falecendo no dia 8 de Dezembro de 1979. Entretanto e apesar da participação e das diligências do meu advogado, o polícia que o matou ainda nem sequer foi identificado. Se foi, não o sabemos. E é preciso que se faça justiça».

Um guarda da PSP não identificável?

António Mota tem razão para levantar de novo o problema da morte do filho. Na verdade, é inconcebível que ao fim de quase um ano sobre os acontecimentos da porta do «Galo», não haja notícia do processo-crime contra o guarda que atirou a matar. O advogado que António Mota interessou no caso, afirma que o referido processo se encontra pendente na Polícia Judiciária, mas que... até agora não fora possível identificar o polícia em causa. Entretanto, António Mota diz que nunca foi chamado, nem a depôr como pai da vítima (o que seria natural), nem para o informarem do andamento do respectivo processo. Mais: um grupo de moradores da zona da Praça e Rua da Alegria, enviaram um abaixo-assinado dirigido ao Presidente da República, exigindo saber se os guardas da PSP intervenientes nos acontecimentos de 25 de Junho, estão ou não a ser objecto do respectivo processo-crime. Não receberam qualquer resposta, o que os leva a acreditar que tal documento nunca chegou às mãos do general Ramalho Eanes ou que, se lá chegou e houve indagações, a respeito, as coisas se **perderam** por não se sabe onde.

Se tudo isto corresponde à verdade – e tudo leva a cer que sim – pode fazer-se uma pergunta embaraçosa: existirão numa corporação como a PSP, agentes não identificáveis?

Por outro lado, sabe-se que o homem abatido pela Polícia, estava longe de ser um marginal. Electricista de profissão, trabalhava num dos teatros do Parque Mayer e fizera-se estimar por quantos o conheciam. Numa reportagem realizada pelo «DL» no mesmo dia do seu funeral (12 de Dezembro de 79), vizinhos e amigos, são unânimes em afirmar que se tratava de um homem avesso a violências e a provocações. E que a violência de que foi vítima, fora de tal modo vazia de sentido, que um outro guarda que se encontrava de serviço à porta do consulado espanhol da Rua do Salitre, indignado, chegara a puxar da pistola contra o agente à paisana que abateu o Augusto Mota.

Sobram, num caso como este, elementos de culpa bastantes para justificar uma investigação séria, que determine as verdadeiras responsabilidades dos intervenientes nos acontecimentos. Para além do mais, não se trata duma questão de lana caprina: há, no meio de tudo isto, a morte de um homem. E há a mágoa, daquele velho da Rua da Alegria que chora sobre a morte duma criança:

–Se o pai do meu Alexandre fosse vivo, provavelmente não lhe tinha acontecido este desastre.

É que o garoto, não tinha mãe, e nas suas horas vagas, o Augusto fazia vigilância à sua infância irrequieta. Talvez uma coisa nada tenha a ver com a outra. Mas ao menos, que se dê a António Mota, a possibilidade de saber quem foi que lhe matou o filho e porque o fez. E que, como ele diz, «se faça justiça».

Josué da Silva

Motorista de táxi abatido no Cadaval

Num eucaliptal próximo do Cadaval, foi ontem à tarde encontrado o corpo do motorista de táxi José da Fonseca, de 57 anos, natural daquela vila ribatejana, José da Fonseca, tinha uma bala na cabeça, e segundo testemunhas oculares, fora visto de manhã a introduzir dois «clientes» na viatura. A viatura detectada ainda ontem na Gafanha da Nazaré, apontava vestígios de ter sofrido um acidente. Na opini da PJ, o taxista poderia ter sido abatido após opor resistência aos assaltantes, empenhados, possivelmente em despojá-lo dos valores que traria consigo.

A «comunidade» de Alícia

A portuguesa Maria Alícia de 24 anos, foi detida em Alicante (Espanha) acusada de prostituição e tráfico de dólares falsos. Com Maria Alícia foram presos seis espanhóis (entre os quais uma mulher (Elisa Fernandez Lopez) e um belga. Maria Alícia e Elisa trabalhavam num clube nocturno situado naquela cidade e viviam «em comunidade», num apartamento da praia de San Juan. As autoridades conseguiram recuperar cinco mil dólares falsos, trazidos presumivelmente de Itália pelo belga Jacques Jean Roger Pierrin. Maria Alícia e a sua «comunidade» actuavam não só em Alicante como ainda em Benidorm e Valência.

«Cheguem-se p'ra lá!»

Dois jovens obrigaram o médico Ferreira de Almeida, que seguia acompanhado da mulher, a parar o seu carro na Av. Rainha D. Amália (ao Lumiar). Depois, sem cerimónia, e sob a ameaça de duas pistolas disseram para o médico e para a mulher: «Cheguem-se para lá!». E ocuparam o banco da frente. Carro em movimento (conduzido por um dos assaltantes) até à Avenida Padre Cruz, em Benfica, onde o casal acabaria por ser despejado. Eram 21 horas da véspera do 1.º de Maio, e até ao fim desta manhã não havia noticia dos jovens e do carro.

Num creme-claro

Mascarados e armados de pistolas (como é de norma) quatro desconhecidos, que se faziam transportar (e depois fugiram num «Datsun» creme-claro) assaltaram anteontem de manhã a tesouraria da Fazenda Pública de Oliveira de Frades (Viseu). Levaram mil e duzentos contos e desapareceram, sem deixar rasto, por uma estrada secundária, em direcção a Talhadas.

Desertores da Legião

Três desertores da Legião Estrangeira, Espanhola, um chileno e dois franceses, que assaltaram e desviaram um avião DC-9 da Ibéria, das Canárias para a Suiça, foram condenados a penas de vinte meses de prisão pelo Tribunal Criminal de Genebra. Armados com metralhadoras ligeiras, os três homens obrigaram, em 5 de Agosto, último, o piloto do avião, com 12 pessoas a bordo, a aterrar primeiro em Lisboa, onde permitiram que os dez passageiros desembarcassem ordenando-lhe depois que seguisse para Genebra, onde se entregaram às autoridades suiças. Os advogados de defesa argumentaram que os réus não podiam suportar por mais tempo as condições duras da Legião Estrangeira Espanhola e não tinham causado prejuízos ou ferido alguém durante a sua fuga.

«Caso PRP»: 30 anos de prisão

Penas de prisão maior que totalizam 30 anos de cadeia foram anteontem aplicadas a trêa dos seis réus do «Caso PRP», julgados no 2.º Juizo Criminal do Porto. Os réus eram acusados de envolvimento em assaltos às agências dos Bancos Borges e Irmão, no Monte dos Burgos, Banco Totta e Açores, em Valongo, e Borges e Irmão, em Matosinhos. O tribunal, presidido pelo dr. Sousa Guedes determinou as seguintes penas: Luís Filipe Veloso Pinheiro, de 35 anos, estudante, 14 anos de prisão e 20 contos de multa, Agostinho Alves Calçada, de 30 anos, soldador de Viana do Castelo, 14 anos de prisão e Carlos Alberto Heitor da Silva, de 41 anos, empregado de hotelaria de Lisboa, 2 anos de prisão, que foram julgados à revelia. Os restantes Fernando Manuel dos Santos Ramalho, de 25 anos, empregado bancário, foi amnistiado tendo sido absolvidos Manuel Joaquim Pereira Duarte, de 26 anos, de Barcelos, ausente em parte incerta, e Eduardo António Miranda, da Silva, de 26 anos, motorista, também de Barcelos.

Antigo activista do ELP/MDLP

O "capitão Roby" é um burlão internacional e passador de dólares falsos

É um antigo operacional do ELP/MDLP o «capitão Roby» a que se refere a nota da Polícia Judiciária distribuída à Imprensa na última quarta-feira solicitando às eventuais vítimas o contacto com aquela Polícia.

A Judiciária em cumprimento de um despacho do juiz de Instrução limita-se, por estranho que pareça, a mencionar as falsas identidades do referido indivíduo: Capitão Roby; tenente-coronel engenheiro das FAP, Robles Monteiro; comandante da Marinha Mercante, Jorge Lencastre; comandante da Companhia aérea Lufthansa; Inspector de um companhia de seguros e professor de línguas, recusando, apesar da insistência dos jornalistas, divulgar a verdadeira identidade do burlão.

Acontece porém que é já conhecido das páginas do «DL». Trata-se de Jorge Manuel Veríssimo Monteiro que na madrugada de 8 de Janeiro de 1977 foi detido no quarto 604 do Hotel Altis em Lisboa, na posse de 10 mil dólares US de extracção algarvia, além de uma pistola de calibre 9 milímetros e de uma granada militar, tipo ofensiva. Encontrava-se na companhia de Ivone Maria Sirgade, por quem trocara a companhia de duas outras senhoras com quem vinha vivendo em triângulo amoroso e que toda a noite o esperaram no Hotel Penta: Maria Manuela Furtado e a espanhola, Maria del Carmen Padillo proprietária do automóvel que vinha sendo utilizado na transferência para Espanha de boa parte dos milhões de dólares impressos em Vila Real de S. António.

Esta jovem espanhola refugiara-se em Portugal depois de se ter envolvido num rapto simulado de uma criança de conivência com os pais da mesma para obtenção de vultuoso resgate a ser pago pelo avô da menor. O marido Carmen, também interveniente no golpe, não fugira a tempo e ficara hóspede da «Securitá».

ELP/MDLP recrutava cadastrados

A prisão do Jorge Manuel Veríssimo Monteiro, vulgarmente conhecido por «capitão Roby» a partir da altura em que passou a operacional daquelas gémeas organizações terroristas, viria a ser detido na sequência da prisão de um dos falsários, Mário Jorge Mendes Jacinto, quando no automóvel da Carmen Padilho se preparava para da Pichelaria, bairro da zona oriental de Lisboa, transferir 555 mil dólares algarvios para Madrid. Tinha consigo uma arma e granadas iguais às que foram encontradas ao Roby.

Por outro lado, o «capitão Roby» era amigo do principal responsável pela falsificação dos dólares, João António Gonçalves Pacheco, comerciante de Vila Real de S. António, conhecido por «sr. engenheiro». Ambos eram usados para contactos entre os responsáveis pela orgarnização terrorista em Espanha e entidades em Portugal. Na fronteira, o cap. Roby, para facilitar a passagem intimidava os guardas dizendo: «Este carro é do movimento.»

Aliás a veia humorística do Roby, pode avaliar-se quando da sua fuga da cadeia há cerca de oito anos. Havendo requestado a esposa de um jogador de futebol que, obtido o divórcio, se dispôs a novo enlace. O Roby consegue a respectiva autorização da entidade carcerária e lá vai, custodiado por dois guardas, até à Conservatória do Registo Civil e daqui até ao Hotel Sheraton (nada menos), onde se realizou o copo-d'água. Procede de tal modo que consegue ir com a noiva para a lua-de-mel sem que os guardas, convidados para a festa, dessem por isso.

Dois meses depois da sua captura no Hotel Altis, a 10 de Março de 1977, consegue outra fuga. Depois de adormecer a vigilância dos funcionários da PJ, a quem conseguiu convencer da sua intenção em colaborar no intuito de lhes indicar pessoas e locais passa a sair à noite devidamente acompanhado. De tal modo se arranjou que consegue fugir na viatura de um novel agente, cuja isenção deixou dúvidas e por tal motivo foi procurar outro emprego.

A Dinamarca havia expulso o Roby mas polícias de diferentes países da Europa estavam, e estão, interessadas na sua captura, por fraudes de natureza e valores vários.

No julgamento dos autores da falsificação dos dólares efectuado em Faro, durante os meses de Junho e Julho de 1977, ficou bem demonstrado que esta operação fora ordenada e se enquadrava no plano de actuações do ELP/MDLP.

Recordemos que foram condenados: Guilherme da Silva Lopes, antigo industrial em Malanje conhecido por «Rei de Malanje». Financiava aquela organização terrorista com fundos enviados da Suíça, para onde transferira vultuosas verbas que tinha em Angola. Respondeu revel e foi-lhe aplicada a pena de 17 anos.

O irmão, Manuel da Silva Lopes, proprietário em Mangualde, respondendo também à revelia foi condenado a 12 anos de prisão.

O João António Gonçalves Pacheco, de Vila Real de S. António, amigo do Roby, apanhou 17 anos que ainda não começou a cumprir apesar de se encontrar em Espanha e vir com frequência ao Algarve.

Condenado a 6 anos, o já referido Mendes Jacinto, que transferia meio milhão de dólares para as mãos do responsável do ELP/MDLP em Espanha em cada viagem. Quatro anos couberam ao fotomecânico, Rufino de Oliveira Nunes, seis anos para Mário Zanati e dois para Maria Alice Rodrigues dos Santos.

Repetimos. Ficou bem demonstrado em tribunal a ligação da rede de falsificadores de dólares ao ELP/MDLP, e que o capitão Roby, com largo cadastro internacional teria sido por esse motivo considerado útil para aquela organização terrorista. Encontra-se preso desde Março, depois de três longos anos de liberdade para a prática de inúmeras fraudes. No entanto, e apesar de tudo, a Polícia Judiciária entende que a divulgação da sua verdadeira identidade afecta a sua dignidade e idoneidade. Nós não entendemos assim.

BULGÁRIA
VIAGENS DE TURISMO COM VISITAS SOCIAIS
28/4(1º Maio), 19/5(Dia Nac. Cultura)
02 e 16/6(Com. Aniv. G. Dimitrov)
14/7, 04 e 14/8, 04/9(Festa Nac.)
06/11(7 Nov.) e 29/12(Fim Ano)
SOFIA, RILA, VARNA
BURGAS e outras
TUDO INCLUIDO
Informações e inscrições das 10 às 19,30 h na
ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-BULGÁRIA
R. S. NICOLAU, 119 - 2º LISBOA - TELEF. 323963
ORGANIZAÇÃO DA MUNDIRAMA

Caso Delgado

Por discordar da libertação dos "pides" implicados acusação quer demitir-se

A audiência de anteontem, em Santa Clara, primou por duas coisas: falta de maioria das testemunhas convocadas (testemunhas abonatórias do réu revel Barbieri Cardoso) e rapidez de execução. De facto, começando bastante mais cedo do que aquilo a que nos habituamos, nesta audiência seriam ouvidas apenas duas das seis testemunhas que estariam chamadas a depor. Foram elas, o dr. Gilberto Santos e Castro, irmão de um antigo governador de Angola, quando aquele país africano era colónia portuguesa e o dr. Sollari Alegre, que foi secretário de Estado de Salazar.

Como testemunhas abonatórias, pouco ou nada adiantaram: para eles, Barbieri Cardoso era a melhor pessoa do mundo, inteligente, virtuoso, incapaz de tomar parte numa conjura como aquela porque está a ser julgado. O costume.

Provável demissão de advogados

Chegou até nós a notícia, ainda não confirmada, de que os advogados da acusação particular, drs. Luís Saias, Abranches Ferrão e José Luís Nunes, estavam dispostos a enviar um do-TMT, de Santa Clara, onde, como se sabe, decorre o julgamento do «Caso Delgado». Protestando nesse documento contra a libertação dos pides Pereira de Carvalho e Agostinho Tienza, respectivamente réus por autoria moral e material na morte do General em Badajoz no ano de 65, se desligavam do referido julgamento, por considerarem a sua presença inútil numa causa claramente comprometida com o acto (para os ditos advogados, profundamente ilegal e que admite um forte contencioso de dúvidas jurídicas) de libertação dos dois únicos réus presentes em audiência.

O julgamento prossegue na próxima 4.ª feira.

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDIÁRIA

DIA 9-5-80
ÀS 21.30 HORAS
NO SINDICATO DA IMPRENSA LISBOA

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICOS

Nos termos da alínea b) do Artº 32º dos Estatutos, convoco, em sessão extraordinária, a Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos que se realizará no próximo dia 9.5.80, pelas 21,30 horas, no salão do Sindicato da Imprensa, Largo da Trindade, 16-1º, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto 1 - Discussão e deliberação duma proposta da Direcção sobre a necessidade e processo de alteração dos Estatutos do Sindicato;

a) Calendário
b) Regulamento de funcionamento da Assembleia Geral.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Alvaro Fernandes Rana

Lisboa, 29/4/80

Por força da convocação da Assembleia Geral para o dia 9.5.80 e de acordo com o Artº 56º dos Estatutos, realizar-se-ão Assembleias Regionais com a mesma O. T. da Assembleia Geral:

DELEGAÇÃO	LOCAL	DATA	HORA
NORTE	Nas instalações da Delegação	6/5/80	21,30
CENTRO	Nas instalações da Delegação	7/5/80	21,30

super s
PROMOÇÃO
Biquinis e Soutiens
59.5
Toalhas de Jardim
1,5 x 1,5
298.
Calças Denin
598.
Cretones
C 1,30
98.
Saia Schints
398.
Vestidos
SHANTUNG CREME
598.
Armazéns CONDE BARÃO

Governo intransigente

Função Pública marca greve para os dias 8 e 9

Os sindicatos subscritores da proposta reivindicativa comum (PSC) da Função Públic decretara uma greve no sector para os dias 8 r 9 de Maio.

A decisão foi tomada durante um ptenário das direcções sindicais subscritoras da PRC.

A greve, à semelhança da que se verificou no dia 17 de Abril, tem como objectivo obrigar o Governo a negociar novas tabelas salariais e a reconhecer aos trabalhadores da Função Pública direitos sindicais e à reestruturação de carreiras.

A Função Pública abrange cerca de tresentos mil trabalhafores.

Segundo os sindicatos, o Governo, «apesar dos esforços desenvolvidos pelos sindicatos, manteve-se intransigente, não demonstrando real vontade de encetar um efectivo diálogo, que permitisse o desbloqueamento da sit ação». Essa atitude diverge da «concordância quase unânime» com as reivindicações sindicais, manifestadas pelos grupos parlamentares, e contrasta com as declar ções públicas do primeiro-ministro, que prometeu aumentos salariais não inferiores à subida do custo de mida.

Registos e notariados: 70% de adesão.

A greve de 24 horas dos trabalhadores dos registos e notariado realizada na quarta-feira a nível nacional teve uma adesão de 70 por ce to, segundo informou fonte sindical.

A paralisação atingiu os 100 por cento em muitas repartições – declaros o sindicato do sector, com base em dados provisóios. Em Coimbra, Evora e Portalegre os trabalhadores não a1deriram à greve.

Esta visave obter a aprovação e publicação de umdiploma que» salvaguarde os direitos dos escriturários providos em primeira classe, com menos de cinco anos de serviço» e que considere «o tempo prestado pelos trabalhedores nos serviços dos registos e do notariado nas ex-colónias».

Pretende-se ainda a publicação de uma portaria que» actualize as participações emolumentares dos oficiais dos registos e do notariado» e a entrada em vigor de novos vencimentos.

Greve nas Minas de Urgeiriça

Os cerca de 600 trabalhadores da empresa pública de urânio ds Minas da Urgeiriça, no concelho de Nelas, efectuaram há dias uma paralisação de quatro horas por turno, com uma adesão que rondou os 97 por cento, em defesa de reivindicações constantes do respectivo caderno, apresentado à gerência.

As reivindicações referem-se ao aumento salarial, subsídio de alimentação e redução de uma hora por dia para os trabalhadores do fundo. O esquema de greve aprovado prevê, caso as reivindicações não sejam satisfeitas, paralisações de 8 horas a patir de 5 de Maio e paralisação por tempo indeterminado a partir de 7 de Junho, no caso de a situação não ser resolvida.

Brasil

Importante vitória dos metalúrgicos

Dezenas de milhares de metalúrgicos dos arredores de São Paulo, em greve há 31 dias, festejaram ontem uma retumbante vitória: a reconquista do estádio de São Bernardo, ocupado havia duas semanas pelas forças da ordem.

Ontem de manhã, a vila de São Bernardo parecia em estado se sítio. Milhares de homens armados, centos de viaturas da Polícia Militar e de veículos blindados investiram pelas praças, ruas e estádio desta localidade, que, desde o começo da greve dos metalúrgicos, se tornou a capital operária do Brasil.

A Sé, onde o bispo da região, Dom Cláudio Hummes, devia celebrar missa em honra dos trabalhadores, estava cercada pelas tropas de choque da Polícia Militar. A multidão comprimia-se no adro do templo a transbordar e a missa corria o risco de se transformar em tragédia, pois a polícia proibira ajuntamentos na praça, enquanto colunas de trabalhadores não paravam de convergir para a igreja, pelas ruas adjacentes. E foi então que, apesar do aparato policial, a assistência decidiu, depois de uma votação por mãos levantadas, atravessar a vila e desfilar até ao estádio de São Bernardo.

Produziu-se então um golpe de teatro: perante a afluência crescente dos trabalhadores à volta da Sé, as forças policiais anunciaram finalmente que a marcha para o estádio estava autorizada e que o campo de futebol estava livre.

Um responsável do comando de greve transmitiu a notícia e a alegria apoderou-se da multidão que enchia a catedral e que começou a abandoná-la.

«Agora, imediatamente, libertem os nossos presos» reclamavam os manifestantes, numa alusão aos 17 dirigentes sindicais detidos há semana e meia.

A sua entrada no estádio foi triunfal. Havia duas semanas que não se realizava nenhuma Assembleia Geral, pois a polícia tinha-o ocupado.

O bispo, Dom Cláudio Humes, na presença de três dezenas de dirigentes sindicais, saudou esta «grande vitória» e reafirmou o apoio da Igreja aos grevistas. «Vós é que ides construir o Brasil de amanhã, um Brasil novo, justo e humano» frisou ele.

Por outro lado, um dos responsáveis do Movimento da Unidade Sindical Brasileiro, João Paulo Pires de Vasconcelos, dirigiu um apelo aos sindicatos estrangeiros para que apoiem material e financeiramente a greve dos metalúrgicos da cintura industrial da capital bandeirante.

Sindicalistas raptados na Guatemala

Vinte sindicalistas e duas crianças foram raptados do interior de um sindicato, na Cidade da Guatemala, por um grupo de homens mascarados.

Ao rapto dos sindicalistas que se encontravam na Central dos Trabalhadores Guatemaltecos, a preparar uma manifestação por aumentos salariais, há a acrescentar um surto de violência que, nos últimos três dias, já vitimou oito pessoas.

Na quarta9feira foram encontrados a cerca de cem quilómetros da Cidade da Guatemala, quatro corpos com 1sinais de tortura. No dia anterior, três camponeses tinham sido assassinados por pistoleiros, na cidade de Acapulas, e, na capital, foi morto a tiro um arquitecto de 31 anos.

Acordo sindicatos -FA's na Bolívia

Num gesto inédito na política boliviana, as forças armadas e a Central Operária Boliviana (COB) subscreveram um acordo em que se comprometem a dedicar o seu esforço conjunto à defesa do processo democrático.

Este acordo põe fim a um período de tensão entre ambas as partes, e surgiu na sequência de uma reunião ao mais alto nível presidida pelo presidente Lídia Gueiler.

Militares e sindicatos comprometeram-se respeitar a Constituição política do estado, e a manterem um diálogo franco que desanuvie o clima de tensão existente, «a bem da tranquilidade do povo e dos altos intetesses da nação».

Itália

A mulher continua a ser discriminada no trabalho

A paridade entre homem e mulher no campo laboral existe em Itália apenas na lei por falta de uma força sindical organizada e desinteresse das próprias trabalhadoras.

Esta foi uma das conclusões a que chegaram os participantes de um congresso realizado em Pavia durante o último fim-de-semana.

A lei da paridade, aprovada em Dezembro de 1977, revolucionou a legislação laboral para a mulher já que os diplomas precedentes se limitavam a salvaguardar a saúde e tornar menos pesadas as tarefas das que são «esposas, mães e trabalhadoras».

A legislação anterior, em especial e da época fascista, que estabelecia a «família prolífica», tendia a eliminar a mulher do mercado laboral com o objectivo de reduzir o desemprego masculino.

Para Mussolini «as mulheres não deviam contar na sociedade».

Registou-se na altura uma vaga de despedimentos de operárias e, até, de professoras.

Nos últimos anos caíram os obstáculos, pelo menos decorreftes da lei, que impediam à mulher o acesso a «todos os cargos profissionais, empregos públicos, carreiras e categorias, sem limitações».

Dois anos depois da entrada em vigor, a lei é escassamente aplicada, segundo concluiram os participantes do Congresso de Pavia.

As explicações oficiais são de que «muitas mulheres ignoram os seus direitos».

TEATRO
HOJE DIA 2
ESTREIA
NO ÁDÓQUE
Às 21.45 DOMINGOS MATINÉS AS 16 H
"das tripas coração"
ORIGINAL DE JOSÉ JORGE LETRIA
MÚSICA DE SAMUEL
com
maria dulce
numa grande criação

«O RETRATO DA MULHER PORTUGUESA DESDE A RESISTÊNCIA ATÉ AOS NOSSOS DIAS»
«O DESABAFO DUMA MULHER DO POVO»
ENCENAÇÃO: ANTÓNIO MACHADO
MAQUETE DO CENÁRIO E FIGURINO: MÁRIO ALBERTO
EXECUÇÃO: ANTÓNIO MADEIRA
LUMINOTÉCNICA: ANTÓNIO MILÉU
PONTO: ANTÓNIO MACEDO • ADMNIST. DA COMP.: DOMINGOS ALVES
BILHETES À VENDA NO LOCAL

PART-TIME
23.200$00
Companhia inglesa para conclusão dos seus quadros de trabalho externos e internos admite de imediato, 2 pessoas. Todos os candidatos podem ao contarem, apenas amanhã sábado na Rua Duque Palmela, n.º 30-5.º letra B, deverão ter como mínimo o curso complementar dos liceus e comparecerem somente às 12.30 horas.

ATLETISMO
ESTÁDIO JOSÉ ALVALADE
DIAS 3 e 4 DE MAIO
ÀS 16.00 HORAS
Masc. e Fem.
com a participação do Benfica, Sporting, Belenenses, Cdul, Cuf, etc.
ORGANIZAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE ATLETISMO DE LISBOA
Entrada grátis até aos 12 anos

GTH PUB
GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA.
Tv. S. Vicente, 11
Tel. 87 56 26
HOJE ÀS 21.45
Curta série de espectáculos
«MISS JULIE»
de August Strindberg
com: ELISA LISBOA
FERNANDA BARRETO
WLADIMIR FRANKLIN
De 4.ª a 2.ª feira às 21.45
Matinées aos sábados às 16 h
Domingos só às 17 h.
Folga às 3.as feiras
Interdito a M/13 anos
Entrada gratuita sócios Voz Operário
SUBSÍDIO DA S. E. C.

Casa de pasto
"Os Papagaios"
José Outrelo Magalhães
Rua Cascais, 13 e 21 — Lisboa, 3

CURSOS
MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
GRAVAÇÃO DISKETTES 3742
Recolha de dados p/computador
SISTEMAS IBM e UNIVAC
Início: 7-5-80
DACTILOGRAFIA
EM MÁQUINAS MANUAIS
OU ELÉCTRICAS IBM
Início: todos os dias
Incrições limitadas
EXTERNATO CONTINENTAL
TEL. 32 56 52 — 36 42 72
R. do Arsenal, 100-1.º
1100 — LISBOA

TOTOBOLA

CONCURSO N.º 37 DA 19.º EPOCA

COMUNICADO

Em virtude do jogo n.º 13 — Dusseldorf - M'Gladbach, ter sido antecipado, o resultado respectivo será obtido por sorteio, nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos concursos.

As bolas entrarão na esfera do sorteio, que é público e se realiza na sala de escrutínio do Totobola, pelas 16.45 h de domingo, dia 4, nas seguintes quantidades:

«1»	«X»	«2»
8	3	1

Lisboa, 2 de Maio de 1980

Na NAZARÉ o Diário de Lisboa vende-se na TABACARIA BATISTA

No município de Lisboa

Um milhão e 200 mil contos a menosperante passividade de vereadores AD

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Nuno Kruz Abecasis, e todos os vereadores da AD presentes na reunião camarária de quarta-feira passada, votaram contra duas moções apresentadas pela APU e pelo PS (derrotando-as, portanto) que exigiam a aplicação integral da Lei das Finanças Locais.

À mesma hora em que tal votação se processava, os deputados AD faziam passar na Assembleia da República a proposta governamental do Orçamento Geral do Estado, que, subvertendo a Lei das Finanças Locais, retira às autarquias e ao Poder Local a módica quantia de 25 milhões de contos.

O município de Lisboa, por exemplo, ficou prejudicado em 1 milhão e duzentos mil contos, como foi expressamente reconhecido por Kruz Abecasis, num relatório apresentado logo no início da reunião da edilidade.

Mesmo assim Kruz Abecasis, fielmente seguido pelos seus pares da Aliança, não foi capaz de votar aquelas moções, que, de um modo claro, punham em xeque a política do Governo AD. Isto, apesar das repetidas afirmações de independência perante o Executivo fetas pelo presidente da CML ao longo da sessão...

A reunião da edilidade, que não chegou a entrar na ordem do dia, caracterizou-se ainda pela aprovação de uma saudação aos trabalhadores portugueses e em especial aos de Lisboa pela passagem do 1.º de Maio (A AD rejeitou propostas no mesmo sentido, ainda que mais significativas, do PS e da APU, dando mostras de uma inconcebível intolerância) e pela não admissão pela AD, mesmo para discussão que fosse, de uma moção da APU pedindo um inquérito a graves acontecimentos verificados recentemente na freguesia de Santa Isabel.

As propostas rejeitadas

A proposta do PS quanto à não aplicação da Lei das Finanças Locais era clara: considerando, o entre outras coisas, que o município de Lisboa fica prejudicado em mais de um milhão de contos a que tinha direito, e que o Orçamento que o município aprovou fica por sua vez reduzido em cerca de 400 000 contos, propunha que se protestasse firmemente contra tal atropelo, «cujos reflexos se irão inevitavelmente fazer sentir na qualidade dos serviços que é dever prestar aos cidadãos da cidade». A APU, por seu lado, ia mais longe, lembrando claramente na sua moção, que o programa da AD para o município referia no seu ponto 1 que «todas as carências da cidade (...) têm um prazo socialmente útil para lhes ser dada satisfação», enquanto que no ponto 2 diz que «em caso algum, a Câmara Municipal poderá, com o argumento de limitação dos seus próprios recursos, alongar esse prazo, tornando-se, assim, travão do desenvolvimento da comunidade que lhe compete servir».

A proposta de moção acrescentava ainda que ao ser retirado um milhão e 200 mil contos ao município isso impossibilitava a execução de numerosas obras, «já que tal valor daria azo, desde que aplicado, ou à construção de 1200 fogos (1000 contos cada), ou de 100 escolas (12000 contos cada), ou de 200 creches (6000 contos cada) ou de reconstrução de 100 ruas (12000 contos cada) ou a um significativo investimento no Grande Interceptor de Esgotos de Lisboa, ou ainda à combinação de várias das subparcelas referidas».

Nada, porém, demoveu o presidente Abecasis (os restantes vereadores AD não contam – seguem sempre o que diz e faz o presidente. Mesmo quando reconhecem, como foi o caso, que ele se tinha «enterrado» na questão das Finanças Locais). Na verdade, respondendo a um vereador da APU que havia afirmado que a Lei das Finanças Locais não era susceptível de mais do que uma interpretação quanto à verba a atribuir aos municípios, Abecasis, muito senhor de si, diria que, pelo contrário, a Lei era profundamente controversa, pois dizia taxativamente que a verba era até 18 por cento. «Ora, se a Lei diz até 18, pode muito bem ser menos...» – acrescentou. E logo Silva Graça, Anselmo Aníbal e Aquilino Ribeiro Machado vieram a terreiro explicar ao presidente que ele nem sequer a Lei conhecia, uma vez que – leram o articulado – a verba em questão nunca poderia ser inferior a 18 por cento. «Como vê» – frisou, irónico, Silva Graça – «é exactamente o contrário do que disse. Mas compreendo: certamente confundiu com o tecto salarial do Mota Pinto, que também falava nos 18 por cento...»

O espectáculo

Aliás o espectáculo Kruz Abecasis estendeu-se ao longo de toda a sessão, pois, verdade seja dita, nunca se atrapalha. Se apanhado em falso, como foi o caso da LFL, ele não se dá por achado e, no meio de justificações confusíssimas, acrescenta com à-vontade afirmações deste género: «É bom que se saiba que Lisboa precisa é de 150 000 casas e não das 4 ou 5 mil que se constroem por ano. Não é com este milhão e 200 mil contos que se resolve o problema. Além disso Lisboa tem outros problemas» Ou então, se confunde o ensino básico com o secundário lhe é chamada a atenção para o facto, acrescenta. «Ou ensino secundário básico» Ou ainda tiradas engraçadíssimas como: «Eu bato o pé quando quero e como quero e quando julgo oportuno»; «Eu sei falar português e o povo português sabe ouvir português»; «Nunca fui servil para ninguém»; «A Câmara não é nem mãe da Junta de Freguesia»; «O senhor vereador Ferreira ar perdeu o lugar»; «O Jardim Zoológico já só tem um elefante. E um Jardim Zoológico sem elefantes não é um Jardim Zoológico. E não foi só o petróleo que aumentou – um elefante já custa dois mil e tal contos»...

Mas, a nível de tiradas, a mais interessante foi, sem dúvida, pela sinceridade que demonstra, a que Kruz Abecasis proferiu quando, mais uma vez, descobriu que não sabia como proceder quanto à metodologia a seguir na votação de uma proposta. Sorrindo, disse para quem quis ouvir:

«Eu nisso sou um nabo!»

A intolerância

A proposta que a AD nem sequer admitiu para discussão, dando mostras de uma intolerância extrema, era do seguinte teor:

«Considerando que a Assembleia de Freguesia de Santa Isabel foi legalmente convocada, para 11 do corrente, e posteriormente desconvocada, à margem da Lei, primeiro por telefonemas e, depois, por ofícios do Presidente da correspondente Junta (que não tem qualidade para o fazer, obviamente);

Considerando que, ao dirigirem-se ao local da reunião, na data marcada, os membros daquela Assembleia encontraram um dispositivo policial impeditivo do acesso;

Considerando que este facto sem precedentes viola as mais simples regras democráticas;

Considerando a indiscutível urgência de desenraizar à nascença todas as reminiscências do fascismo, de que este procedimento é claro e indesmentível exemplo;

A CML, na sua reunião de 30 de Abril de 1980, protesta contra o sucedido e manifesta a necessidade de as autoridades competentes procederem a um rigoroso inquérito, com apuramento das responsabilidades correspondentes.»

"Desejo noite feliz e 1.º de Maio valente"

Emília da Costa Vidal é uma mulher já entrada na idade. Mas é uma mulher de antes quebrar que torcer, desempoeirada, sem papas na língua. Na quarta-feira foi a primeira das dezanove pessoas que, na sessão pública mensal da Câmara Municipal de Lisboa, falou e disse.

Disse, por exemplo, que é vendedeira na Rua Morais Sarmento, a Benfica. «Há muitos anos, senhor presidente». Tem uma banca, pela qual paga 550$00 mensais à Câmara **(Aquilo chove lá dentro como cá fora, mas contra isso eu abstenho-me –** esclareceu a certa altura). Porém, o problema que a levava ali a falar, «como as mulheres do povo falam», era outro:

«Saiba o senhor presidente que a Polícia quer-me autuar num conto e seiscentos por eu vender flores ao domingo. É verdade. Veja lá vossa excelência – não posso vender flores no único dia em que elas se vendem bem. Isto é claro: com a vida ao preço que está não há quem compre flores para levar para casa. É o compras. Só ao domingo, quando vão ao cemitério ver pessoas de família que já lá estão a prestar contas é que compram flores. Mas a Polícia não deixa e quer-nos autuar. A mim e às minhas colegas. Se nos querem fazer isso por algum artigo da lei, então eu digo: há flores a vender no domingo no Rossio, no cemitério da Ajuda, por todo o lado. Senhor presidente: como é que pode ser?»

E Emília da Costa Vidal, braços abertos em gesto largo, acabou o seu protesto com um pedido e uma explicação:

«Já não é a primeira vez que eu venho aqui pedir justiça. Mais uma vez peço que me ajude, que eu tenho que ganhar a minha vida. Se não me deixam trabalhar todos os dias, ao menos que me deixem vender as minhas flores ao domingo, que eu prometo que descanso noutro dia qualquer. E senhor presidente, no tempo da outra senhora eu entrei nas Mónicas dez vezes, mas olhe que nunca foi por vender flores ao domingo».

E assim todos os meses. Na última sessão plenária da Câmara, o público pode falar e expor os problemas do seu quotidiano. Ao que me dizem, quem lá está por dever de ofício já se habituou ao sempre longo rol de lamentos que uma parte muito grande dos habitantes desta cidade carrega dentro de si. Porém, para o repórter que pela primeira vez ali vai e regista, uma a uma, as palavras doridas daqueles homens e mulheres com quem, afinal, se cruza diariamente, sem os conhecer, há, no mínimo, um duro arrepio que lhe percorre o corpo. E escreve então: uma mulher ainda jovem, lágrimas a correrem-lhe pelo rosto, diz à frente de toda a gente que tem dois filhos pequenos que sofrem de asma alérgica e vive numa casa velha e húmida que os vai matando aos poucos **(passo o tempo toda a correr para o hospital). Ando tão cansada, tão desesperada! Só peço uma casa, pobre na mesma, mas noutro sítio, senhor presidente. Para salvar os meus filhinhos. E a vereadora AD, que está ao lado do presidente, aconselha-a então a mandar as crianças para a província que a mudança de ares faz bem. E acrescenta: A senhora tem uma casa húmida. Mas tem uma casa. Em Lisboa, há muita gente que não tem casa nenhuma. E a mulher jovem, depois de deixar a morada e o nome, abandona a sala dizendo baixinho um triste e envergonhado obrigado);** a seguir, vem uma mulher de cerca de cinquenta anos, cara cheia de rugas, dizendo que vive num quarto com o marido e um filho de quinze anos **Não posso mais. Passo o dia ali fechada naquele quarto. O meu filho já está um homem. Por amor de Deus peço uma ajuda. O meu cunhado é que me disse que a Câmara tem casas. Estou esgotada, meu senhor. Agradeço uma ajuda;** depois, outra mulher, já mais arranjada, apresentável mesmo. Vive no Bairro da Boavista, numa casa pequena «onde moram dez pessoas». Tem um irmão que casou há um ano, a mulher está para ter um filho e naquela casa, já não há sítio para mais ninguém. Pediu uma casa do Bairro, «das várias que estão desabitadas»; logo de seguida aparece outra mulher que mora num bairro clandestino e pede autorização para poder ter água canalizada em casa; mal acaba, começa outra mulher, a contar uma longa história de um «pide» que é seu vizinho e fez obras na casa destruindo parte da sua; depois é um velho cego e reformado, que vive na zona da baixa e pede a criação de um centro de dia para ajudar os 4.500 reformados daquela área a passar os seus tempos livres e a ter alguma assistência; e depois, e depois e depois – um nunca mais acabar de lamentos, de queixumes, de pedidos, que o povo desta nossa cidade hoje cheia de turistas, vive em condições miseráveis. Até um dia.

A Azinhaga

E esse dia, pressente-se, está mais próximo. As pessoas começam a organizar-se. E na quarta-feira entre os muitos lamentos individuais ouviu-se também a exposição serena de um homem, hoje reformado, mas ontem canalizador, a falar em nome de todos os habitantes da Azinhaga de Fonte Louro, uma zona da freguesia do Alto do Pina. Começou assim:

«No dia 19, pelas 21 horas, juntamo-nos todos para resolver os nossos problemas. Aquilo é uma calamidade. As mulheres lavam a roupa no chão, todas dobradas, que é uma dor de alma vê-las. As nossas necessidades, temos que as fazer atrás das árvores, escondendo-nos uns dos outros. Se o senhor presidente quiser ir lá ver as condições em que vivemos, aconselho-o a ir, pelo lado da Avenida do Aeroporto e quando não chover, porque senão só de barco é que lá chega. Os caminhos são muito maus. O senhor presidente podia lá ir até lhe servia de passeio. Promessas já nos fizeram muitas, mas até agora ainda naos nos deram nada. Eu, com sua licença, até me atrevo a perguntar; quando é que se acabam os aldrabões ao cimo da terra? Mas o melhor é eu ler este papel que foi aprovado por todos os moradores da Azinhaga, para o senhor presidente ficar a saber do que é que nós precisamos:

um posto médico, que não temos nenhum; uma caixa do correio, que temos de andar até à Alameda Afonso Henriques para mandar correspondência; um telefone público, porque se há alguma urgência estamos tramados. Ainda ontem uma mulher que ali vive viu um filho morrer-lhe nos braços quando o levava para o hospital: um balneário para as mulheres e outro para os homens, porque não temos onde tomar banho; dois ou três lavadouros para as mulheres lavarem as nossas roupas; duas retretes para mulheres (para já até pode ser só uma, mas isso fica à alta consideração da vossa excelência); uma retrete para homens, um chafariz para matar a sede; uma boca de incêndio no Pátio do Telão, um contentor para o lixo; o alcatroamento da Azinhaga. E claro que também precisamos de uma escola, que as nossas crianças não a têm, mas isso fica para mais tarde, para que não digam que a gente está a pedir de mais».

E José Flores – assim se chama o antigo canalizador – acabou lendo o que estava no papel: «Tudo isto é necessário a uma população que sabe sofrer e não sabe pedir. É um povo que se julga com direito à vida e não a tem. Porquê? Que responda quem souber, puder ou quiser.»

E à laia de despedida, que na quarta-feira era véspera do dia do trabalhador:

«Que me perdoem todos se incomodei. Desejo uma noite feliz e um primeiro de Maio valente».

Assim mesmo: era um morador de uma azinhaga lisboeta, a dois passos do aeroporto internacional. Em 1980

Ribeiro Cardoso

Nova direcção da APE tomou posse

Urbano Tavares Rodrigues promete apoio aos escritores mais novos e ignorados

Num terceiro andar do n.º 13 da Rua do Loreto, numa sala antiga, ampla e agradavelmente decorada (e restaurada), cerca de vinte escritores assistiram, anteontem, ao fim da tarde, à posse da nova direcção do seu organismo de classe, a APE.

Foi um acto discreto, quase familiar, mas significativo, apesar da ausência de vários dos empossáveis, casos, entre outros, de José Carlos de Vasconcelos, Eurico da Costa, Nuno Bragança, Ana Haterly e F. Assis Pacheco. As «gazetas» foram explicadas com humor, pelo novo presidente da Assembleia Geral – e ex-presidente da direcção, Augusto Abelaira. Era a véspera do 1.º de Maio – e amanhã já é sabado. Era uma oportunidade de alguns dias de descanso. Daí as palavras compreensivas do autor da «Cidade das Flores»: «... a maior parte resolveu fazer a ponte...»

O que é aceitável, pois, como lembraria Mello e Castro – de novo vice-presidente da AG – os nossos escritores não vivem do que escrevem «aos sábados, domingos ou depois das dez horas da noite». Ressalvando dois ou três casos, o conhecido poeta e grande animador das actividades da APE sublinharia: «quem quiser viver exclusivamente do ofício de escritor em Portugal, acaba morrendo à fome».

Daí a lógica das breves palavras de Urbano Tavares Rodrigues, novo presidente da direcção, ao falar após a posse que lhe foi dada pelo seu antecessor, Abelaira. Prometendo seguir o caminho de «exemplar dignidade e constante esforço» da gerência anterior, na defesa dos interesses socio-profissionais dos 460 membros da Associação, o criador de «Os Insubmissos» considerou ainda como ponto prioritário da sua acção e defesa de condições de trabalhos para os jovens e ignorados escritores, muitas das vezes sem qualquer possibilidade de editar as respectivas obras.

Urbano alertou igualmente para outro problema importante, o elevado custo dos livros que limita significativamente quer a audiência quer o sucesso financeiro mínimo do produto elaborado pelos escritores, com naturais implicações, ainda, no ambiente cultural do país.

Priveligiar as relações com os escritores da nossa língua (em Africa e no Brasil), promover conferências, colóquios (adiantou dois sobre Camões e um sobre a Literatura e a Psicanalise), recrutar mais sócios, homenagear um vulto universal das letras portuguesas (Namora), articular a acção da APE com a Sociedade Portuguesa de Autores, com as Universidades, com os estabelecimentos de ensino liceal e até as colectividades populares no sentido da expansão da nossa cultura – foram outras das linhas de força da futura actuação dos novos dirigentes, acentuadas por Urbano Tavares Rodrigues.

O novo presidente da APE falou ainda da necessidade de trazer, às iniciativas culturais a realizar na sede do organismo, novas camadas, um público mais diversificado. Sem nada opôr à sugestão, Abelaira recordou entretanto, o facto de os próprios escritores pouco aparecerem nestas sessões.

Mello e Castro e Alice Gomes sugeriram ainda, respectivamente, que a APE homenageie José Gomes Ferreira e Maria Archer. José Gomes Ferreira, nascido no Porto, na Rua das Musas (existe mesmo a rua!), faz 80 anos no próximo dia 9 de Junho, véspera do quarto centenário da morte de Camões

Relatório ao sr. P.M. sobre o que vimos e ouvimos

Ao Ex.mo sr. Primeiro-Ministro Francisco Manuel Lumbrales de Sá Carneiro

Excelência

Ao longo do dia de ontem, por motivações profissionais e familiares, fui testemunha de movimentações algo volumosas e de comentários bastante desfavoráveis à política e desígnios que V. Ex.cia, calcula-se, defende e tenta aplicar para bem de todos nós.

Foi assim que, viajando pela margem esquerda do Tejo, verifiquei uma movimentação desusada desde o fim da manhã, os barcos apertando à medida que começava a tarde. Até que, por fim, todos os espaços possíveis vinham preenchidos e no Terreiro do Paço desembocavam milhares e mais milhares de descontentes com a sua excelentíssima pessoa, senhor Primeiro-Ministro.

Por exemplo, a uma mulher de idade, reformada das cortiças ao que percebi, escutei – porque ela falava alto – opiniões que não condizem nem pouco mais ou menos com aquilo que nós ouvimos a toda a hora na televisão e na rádio. Para essa mulher, Excelência, a política do seu Governo é contra os que, como ela, trabalham toda a vida e contam (e gastam) rapidamente os totais e subtotais da reforma que lhes atribuíram.

Mas mais eu vi ontem. Desembarcando de todas as direcções assisti ao esgotamento do espaço de uma boa parte da baixa de Lisboa, quando já pela Almirante Reis marchava um número avultado de pessoas.

Distribuíam papéis, senhor Primeiro-Ministro, sempre descompondo a imagem que V. Ex.cia tão custosamente tem cultivado, gritando frases que não sei se pelos doutos serão entendidos. «AD a governar, a vida a piorar» – gritaram, por exemplo, mesmo a meu lado. E, digo-lhe, foi aqui que me lembrei de lhe escrever, no sentido de que faça mais um esforço para nos convencer, a todos nós, de que tal não é verdade.

Ouvi por exemplo, ali ao Terreiro do Paço, dois homens com ar de operários, dizendo que na empresa onde produzem, há 14 meses que os salários não são revistos,. Asseguravam um ao outro que, em contrapartida, os administradores das mesmas têm sabido actualizar os seus rendimentos.

«E agora» – disse um – «quando forem diminuídos os impostos como eles prometem, já viste quanto vai lucrar cada um dos nossos administradores?». O outro encolheu os ombros como quem diz: «Era de esperar, amigo».

Por isso lhe peço, sr. P.-M., que desenvolva nos jornais, na rádio e na televisão, um esforço de esclarecimento para que todos percebam bem qual é a sua ideia. Por exemplo, os reformados, que V. Ex.cia tanto acarinha, dizem que vão ter aumentos, em muitos casos, de algumas dezenas de escudos. Será verdade? E que as boas reformas serão complementadas com alguns milhares de escudos mensais?

«Fora com a AD, dos jornais, rádio e TV» – veja só, era outra das tais frases que gritavam, cantavam, silabavam avenida acima, enquanto enchiam a Alameda de Dom Afonso Henriques. Ora, também aqui, utilizando os referidos meios, o sr. P.-M. poderia desfazer o equívoco: se aquilo fosse certo, todos os portugueses estariam já convencidos. Tal não acontece, pelos vistos. E se V. Ex.cia e os seus pares aparecem, e falam, e ditam tantas vezes, é tudo para nos mostrar como estamos enganados. É isso, não é?

Alameda cheia, muita gente subindo ainda, uma mulher exibia uma foto de tanques, e militares, e cravos. Era o 25 de Abril, percebi eu. «25 de Abril sempre, fascismo nunca mais» – ouvira eu lá mais para baixo. Com referência à sua pessoa, sr. P.-M. ou ouvi muita coisa. «Sá Carneiro para a rua», eis um exemplo, e diziam isso porque «a luta continua».

Sobre o seu Governo a vontade era manifesta. Lia-se, num cartaz sindical, que «na força da nossa unidade, Mota Pinto foi... Carneiro/Amaral também vão». Tudo isto sublinhado por «RUA».

Os discursos não lhos conto eu, que certamente V. Ex.cia já saberá o que disseram. Não foi pela rádio e televisão talvez, que os meios de Comuniocação não podem servir para divulgar atoardas. O Governo vai sabendo, certamente, por outro meios, e tanto basta. Aliás, repleta como estava toda aquela área, cantando como se cantou durante todo o tempo e gastando combustível em transportes para ali chegar como certamente aconteceu, tudo terá chegado rapidamente aos gabinetes dos seus ministros.

E se lhe conto tudo isto, excelência, é apenas por uma questão de método. Por isso lhe pergunto para meditação: tantos descontentes no nosso país, será porquê?

Sem mais, um súbdito atento (e obrigado)

Rogério Vidigal

1.º de Maio

O descontentamento "não coube" nas ruas

A festa do 1.º de Maio que o País ontem viveu não pode ser resumida às centenas de milhar de pessoas que ontem convergiram para Lisboa e deram uma cor, uma força, uma dimensão diferentes às ruas da capital. Esta data foi também da onda humana que se lhe associou um pouco por todo o País. É, ainda, a luta que os trabalhadores portugueses vêm desenvolvendo, no sentido de obstarem à guerra que o actual Governo lhes declarou.

Foi, contudo, em Lisboa, que esta demonstração da vontade de uma grande parte dos portugueses ficou mais claramente marcada, perante o (mais uma vez) inolvidável espectáculo de uma Alameda repleta. O repúdio da política governamental não constitui, por si só, uma vitória. Mas o caminho para ela parece aberto quando a vontade colectiva torna possíveis estas comemorações.

Aqui, como por todo o País, ficou a claro o apoio real que sustenta o actual Governo. Os trabalhadores, contando como e quais foram as suas mais recentes vitórias, mesmo contra o Governo AD, deixaram, deste modo, no ar, a promessa de ganharem as batalhas que se aproximam.

O lançamento como candidato a Presidente da República de um militar que é estranho ao 25 de Abril, na base de um compromisso ditado pelas forças da direita e da reacção que se agrupam na chamada «AD», insere-se na sua estratégia mais global de criarem condições que permitam pôr em causa e liquidar as liberdades e o regime democrático.»

No quadro de uma crítica global ao Governo de Sá Carneiro e Freitas do Amaral que caracterizou a grandiosa manifestação popular de ontem à tarde em Lisboa, também a figura de Soares Carneiro, o indigitado candidato a presidente apontado pela «AD», mereceu uma primeira abordagem crítica do Movimento Sindical. Dele falou bravemente Armando Teixeira da Silva, ao usar da palavra no comício da Alameda Afonso Henriques, em nome do secretariado da CGTP-Intersindical Nacional, de cujo Executivo faz parte.

«Tal candidato não se coibiu de fazer afirmações que podem ser entecdidas como restrições ao direito à greve, o que revela os seus propósitos quanto ao respeito pelos direitos dos trabalhadores e pela autonomia e independência das suas organizações de classe, e o carácter dos compromissos que assumiu para com as forças da «AD» – acrescentou Teixeira da Silva.

Na sua intervenção, o secretário da CGTP-IN começou por saudar os trabalhadores, os democratas e os capitães de Abril, dirigindo também uma palavra de solidariedade para quantos, por esse Mundo fora comomoraram o Dia Mundial do Trabalhador em condições de repressão e opressão.

Caratecterizou depois a actual situação política, fomentada por um Governo que tem provocado o «descontentamento, a condenação e o repúdio dos mais vastos sectores da população portuguesa». Aumento desenfreado do custo de vida, instabilidade de emprego, despedimentos e desempregos, repressão nas empresas, investidas contra a Reforma Agrária, corrupção e compadrio – eis alguns dos aspectos focados. «Perante esta situação, aumentam dia a dia os conflitos laborais, avoluma-se a avalancha do descontentamento e do protesto dos trabalhadores e do povo contra este Governo» – disse.

Reportagem fotográfica de Rui Pacheco

Visto recusado a dirigente sindical

Teixeira da Silva condenou igualmente a política externa do actual Executivo, como factor de desprestígio e isolamento do País, fonte de prejuízos irreparáveis para a nossa economia. Como facto novo, referiu a proibição de entrada no nosso País de sindicalistas de três países que viriam participar numa importante reunião internacional de sindicatos do sector mineiro. Em consequência, o encontro teve de ser anulado.

Outro aspecto abordado com algum detalhe respeitava às pensões de reforma, e aos programados aumentos. Em cada cem reformados, 75 nada receberão; «os restantes 25% terão aumentos que variam entre 250 escudos, para as pensões mais baixas, e 2500$00, para as pensões de 26 mil escudos»!

Também a política fiscal foi duramente criticada, já que as alterações previstas virão beneficiar as famílias de maiores rendimentos, agravando a injustiça existente neste domínio.

Depois de reafirmar as aspirações dos trabalhadores portugueses, sistematicamente defendidas pelo Movimento Sindical, Teixeira da Silva apontou a demissão do Governo de Sá Carneiro como solução para os graves problemas por ele criados.

«Os trabalhadores e a sua central sindical lutam, afinal, pelo cumprimento dos preceitos consitucionais que consagram os seus direitos, lutam pelas transformações políticas, sociais, económicas e culturais operadas pelo 25 de Abril e consagradas na Lei Fundamectal do País. Por tais objectivos, saibam os nossos inimigos de classe que saberemos bater-nos e ser capazes de vencer» – acrescentou, depois de realçar a importância da unidade de todos os trabalhadores.

Durante o comício usaram, ainda, da palavra, Florival Lança, em nome das uniões sindicais de Lisboa e Setúbal, e José Laio, representando os secretariados das comissões de trabalhadores das cinturas industriais destas duas cidades.

No final, e antes de uma sessão de canto livre, foi lida e aclamado uma proclamação que sintetizava as principais «tónicas» dos discursos.

Uma parte dos manifestantes subindo a Avenida Almirante Reis

O vulcão

A coisa mais terrivelmente bela que pilhei Almirante Reis acima foram os dois amigos uma vez desentendidos pelos erros exageradamente ácidos destes anos e que, revendo-se, começaram por se enfrentar como dois peões adversos de um mesmo xadrez, ou como navios inimigos idos procurar juntos, num mar em domingo, o mesmo velho porto que outrora tinham desejado: a ternura escaldante da multidão.

Viram-se e mantiveram-se à distância. Rota abalroada, navio prevenido vale por dois. Eu conto isto porque os conheci ambos. Os ouriços também fazem, como nós, estranhas colónias. Perto de mais, picam-se.

Depois, quando foram envolvidos, embriegados, transportados pela imensa massa humana que tinham vindo encontrar, não pararam de se espiar até que os vi gritarem um para o outro as palavras de ordem insensatamente, como fazem namorados. Assim ganhava mais sentido o que havia entre eles do que o que diziam.

Chegaram a sorrir enfurecidamente. Pareceu-me que se estavam a dizer que há terras queimadas, terras de cinza que dão melhor cereal do que o melhor Abril. Se assim era, descobriram metade do céu.

O que dos dois al i não pertencia, e que à última hora escolhera trocar de rosa, sentia-se, garanto-vos, em casa: é que não há «últimos chegados» àquela multidão.

Mais acima, como eu, tornaram-se sombra da mão, sombra da sombra da multidão. Mas antes disso, tinha acordado entre eles o antigo vulcão que julgavam extinto, o antiquíssimo vulcão que ninguém esquece, exactamente como ninguém esquece que a terra é redonda.

J. M.

Os manifestantes, quando subiam a Rua de Sá da Bandeira, no Porto

Duas horas, centenas de cartazes, milhares de pessoas

As ruas encheram-se no Porto para dizer "basta" ao Governo

A política do Governo Sá Carneiro/Freitas do Amaral em campos tão diversos como a Comunicação Social, a Reforma Agrária, os preços, a vida sindical e os salários dos trabalhadores, a política social, os preços e o custo de vida, as nacionalizações, a política externa, as relações com os outros órgãos de soberania, para já não falar na óptica em que o Governo AD se coloca face à Constituição da República e o que sustenta em matéria de lei eleitoral, foram ontem pólos de atenção das dezenas de milhares de pessoas que participaram nas celebrações do 1.º de Maio no Porto.

Pólos de atenção que mereceram reprovação e protesto nas alocuções fortemente aplaudidas, nas palavras de ordem gritadas durante mais de duas horas, nas centenas de cartazes, nos comunicados distribuídos durante a concentração e o desfile, na presença de dezenas de sindicatos, dezenas de comissões de trabalhadores e de moradores, cooperativas, organizações culturais e estudantis, associações populares, reformados, deficientes, etc., que marcaram a sua presença com palavras de ordem próprias e cartazes, numa participação cuja amplitude era bem o reflexo de muita preocupação e, também, de muita determinação e de afirmação de luta face a todos aqueles problemas.

A palavra de ordem «a luta continua, Sá Carneiro para a rua», de todas a mais gritada, foi a síntese do ambiente geral das manifestações que, decorrendo sobretudo na Praça Humberto Delgado, na Avenida dos Aliados, na Praça da Liberdade e nas ruas de acesso, se alargou com o desfile a uma vasta zona do centro do Porto percorrido por um cortejo cuja passagem durou cerca de duas horas.

Ainda que as comemorações do «Dia do Trabalhador» no Porto se tenham iniciado logo anteontem com actividades culturais e prosseguido ontem de manhã com provas desportivas e actividades para crianças, exposições e concertos musicais, que animaram a cidade numa grande festa a que os «Mareantes do Douro» emprestaram a alegria dos seus bombos, foi a tarde de ontem que juntou as pessoas na manifestação da «baixa» portuense, para onde, desde o princípio da tarde, afluíram os grupos que se haviam formado previamente junto dos sindicatos e das respectivas sedes.

O comício

A primeira intervenção do comício que precedeu o desfile foi feita por Vieira Mendes, do secretariado da USP, em nome do movimento sindical do distrito. Destacou o significado do 1.º de Maio – «uma festa porque depois de 48 anos de ditadura opressora, o festejamos pela sétima vez em liberdade», mas também «fundamentalmente um dia de luta» para comemorar a «heróica greve dos trabalhadores de Chicago, em 1884» e ainda para exprimir «com grande firmeza e determinação o combate pela melhoria das nossas condições de vida, pelo fim da exploração e da opressão, pela concretização da sociedade socialista».

O dirigente sindical enumerou as lutas em que os trabalhadores se encontram actualmente envolvidos para «garantir o respeito dos direitos e liberdades conquistados» e acusou o Governo da AD, de responder aos trabalhadores e ao País com «a mentira, a falsidade e a demagogia» servindo-se da crescente dominação e controlo dos meios de informação e «propalando todos os dias que a vida dos portugueses está a melhorar».

Mais adiante, e a concluir, disse aquele representante do movimento sindical: «Estamos seguros que a política deste Governo será derrotada porque não serve os interesses dos trabalhadores e da população em geral» e é «com confiança que encaramos o futuro porque as nossas posições são justas e as nossas reivindicações legítimas».

Duas moções

Depois do desfile, que percorreu as ruas de Sá da Bandeira, Gonçalo Cristóvão e de Camões para regressar à zona da concentração, foram aprovadas e aclamadas pelos milhares de manifestantes duas moções, lidas por Vítor Ranita, do secretariado da USP e Ernesto António, do Sindicato dos Gráficos.

A primeira centrava-se na «política reaccionária do Governo Sá Carneiro/Freitas do Amaral de total desrespeito pelos direitos e interesses dos trabalhadores», exigindo o fim do «desenfreado aumento do custo de vida», salários e contratos colectivos dignos, fim da repressão patronal e dos despedimentos e respeito pelas nacionalizações, ao mesmo tempo que expressava «solidariedade com os heróicos trabalhadores do Alentejo e do Ribatejo».

A segunda moção, também fortemente aplaudida, acentuava o grave problema que começa a intensificar-se em torno da informação, manifestando-se «total solidariedade com os trabalhadores da Comunicação Social e em especial com os quatro trabalhadores suspensos da RDP, exigindo desde já a sua imediata reintegração».

Nos outros dois pontos desta moção manifestava-se «protesto e repúdio contra o assalto, a manipulação e os processos de censura praticados pelo Governo da AD e pelos seus homens de mão» nos meios de informação estatizados e exigia-se «o fim desta situação e o cumprimento da Constituição da República e das liberdades de expressão, de informação e de imprensa nela consagradas».

Pelo Mundo

Milhões de trabalhadores celebraram o seu Dia

— incidentes na Cisjordânia e na Turquia

Milhões de trabalhadores comemoraram o Primeiro de Maio por todo o Mundo, assinalando-se alguns incidentes em várias regiões nomeadamente na Cisjordânia e na Turquia, onde há a lamentar mortos e feridos.

A polícia de ocupação israelita matou na cidade disjordana de Anabta um estudante, na sequência de recontros entre as autoridades policiais e os estudantes que cantavam hinos nacionalistas. Na Turquia, onde as manifestações haviam sido proibidas, a Polícia matou um homem em Antalaya e prendeu 40 manifestantes em Istambul.

Em Teerão, mais do que o dia de trabalho, os manifestantes celebraram a memória de um ayatollah assassinado ha um ano. Foram despoletadas algumas bombasque contra-revolucionários haviam colocado em certos pontos. Registou-se uma manifestaçao junto da Embaixada dos EUA em Teerão.

Em Moscovo, onde este ano o desfile na Praça Vermelha não contou com a presença de militares, registou-se um boicote às cerimónias da parte de certos embaixadores ocidentais (Portugal EUA, Itália, RFA, Grã-Bretanha, Noruega e Dinamarca e asiáticos (China, Japão, Paquistão) como protesto pela acção soviética no Afeganistão.

Na China, e no Vietname o Primeiro de Maio não foi assinalado de modo especial a nível oficial. No Japão os sindicatos e os partidos de esquerda assinalaram o Dia do Trabalho como jornada de luta contra a inflação e o desemprego.

Na Suécia, que actualmente atravessa uma das crises laborais mais graves da sua história, a jornada foi de luta. Em Oslo verificaram-se pelo terceiro ano consecutivo distúrbios causados por grupos de jovens, do que resultou a prisão de cem pessoas. Na Jugoslávia o estado de saude do presidente Tito ensombrou as comemorações. Em França, nas cidades de provincia registaram-se desfiles unitários, mas em Paris as duas principais centrais sindicais (CGT e IFDT) não conseguiram chegar a acordo e cada qual fez as suas manifestações próprias. O mesmo não se passou em Espanha, onde a UGT e as CCOO realizaram desfiles maciços unitários, nomeadamente em Madrid, onde a manifestação era aberta pelos dirigentes das duas centrais e pelos dirigentes do PCE e do PSOE.

Na Argélia, os incidentes de Tizi Uzu foram pretexto para que o ministro do Trabalho exortasse os seus concidadãos a viverem esta jornada sob o signo da «unidade e vigilância».

Em Angola, o presidente José Eduardo dos Santos, presidiu ao imponente desfile que decorreu em Luanda, fazendo um discurso de grande importância política, no qual denunciou a corrupção e a burocracia que certos elementos oportunistas oriundos da pequena-burguesia fazem imperar em sectores da vida nacional. Denunciando o imperialismo, que joga no divisionismo interno, o presidente assegurou que os trabalhadores angolanos estão decididos a levar avante os ideais do socialismo.

Em Moçambique, Marcelino dos Santos, discursou perante o desfile no Maputo, aludindo ao Zimbabwé e reafirmando os principios que o presidente Samora Machel defendeu no mês passado: a luta contra os desvios oportunistas na revolução.

No Zimbabwé, pela primeira vez foi comemorado o Primeio de Maio, que passou a ser feriado oficial por decisão anunciada pelo chefe do Estado.

Na América Latina, as manifestações foram proibidas em El Salvador (onde o Primeiro de Maio se saldou por 27 mortos) e no Chile (onde se registaram 52 prisões de pessoas, que, rejeitando a proibição oficial, se manifestaram). No Brasil, a jornada foi de vitória para os grevistas de São Paulo que se reapoderaram do Estádio de S. Bernardo do Campo w que desfilaram pelas ruas da maior cidade brasileira. A jornada foi de luta, gritando os trabalhadores slogans pela libertação dos camaradas presos.

Em Havana um milhão de pessoas reuniu-se na Praça da Revolução, onde o presidente Fidel, rodeado pelo comandante Ortega da Nicarágua e pelo primeiro-ministro Bishop de Granada, anunciou a suspensão da mobilização prevista para o dia 7 de Maio de tropas do leste do pais. Esta suspensão deve-se ao facto de o Pentágono ter decidido anular as manobras de desembarque de fuzileiros previstas para o dia 8 deste mês na base de Guantanamo. No entabto, no dia 17 haverá uma grande manifestação popular em Cuba. Ao mesmo tempo, Fidel anunciou que Cuba tem em estudo um plano para enfrentar um eventual bloqueio naval ou a minagem dos portos nacionais por parte dos EUA.

Outras comemorações no País

● Concentrações-comícios e diversas iniciativas de carácter desportivo e cultural assinalaram, nos **Açores**, o 1.º de Maio

Em **Ponta Delgada**, centenas de pessoas participaram, à tarde, numa manifestação seguida de comício, organizada por dez sindicatos locais.

Em **Angra do Heroísmo**, a data foi assinalada com uma concentração-comício promovida pelo movimento sindical unitário, a qual teve a participação de muitos populares.

● Críticas ao Governo e exortações à unidade popular foram as notas dominantes da intervenção que António Quintas, do Secretariado Nacional da CGTP-INter, produziu esta tarde na concentração-comício comemorativo do 1.º de Maio realizada na **Covilhã**.

Além de António Quintas, que apelou à luta unitária contra o aumento do custo de vida, falaram, durante a concentração, outros dirigentes sindicais.

Em todo o distrito de Castelo Branco, as comemorações do dia do trabalhador compreenderam manifestações, reuniões de convívio e uma «festa de confraternização», que decorreu no parque florestal da Covilhã.

● Uma manifestação-desfile de viaturas e tractores agrícolas pelas artérias de **Évora** culminou as comemorações do 1.º de Maio organizadas pelo Secretariado da União dos Sindicatos local. Participaram no desfile, que atravessou a cidade durante cerca de hora e meia, cerca de 300 viaturas.

«A AD a governar, a fome a aumentar», «A luta continua, Sá Carneiro para a rua», «Avante com a Reforma Agrária» e «As terras roubadas serão reocupadas», foram palavras de ordem entoadas durante a manifestação.

Antes do cortejo, decorreu um comício no Rossio de S. Brás, durante o qual usaram da palavra elementos da Intersindical, e da União dos Sindicatos de Évora e outro do Secretariado Distrital das UCP s e Cooperativas agrícolas.

● José Dinis, do Secretariado da CGTP-IN, acusou, em **Faro**, O GENERAL Soares Carneiro de ser «completamente alheio ao 25 de Abril».

A afirmação foi feita nas comemorações do 1.º de Maio, promovidas pela União dos Sindicatos de Faro, as quais englobaram uma manifestação seguida de comício e canto livre.

Este sindicalista, disse que o Governo, «ao mesmo tempo que comete um rol incomensurável de ilegalidades, arbitrariedades e prepotências, lança mão da repressão contra o povo» e «repõe nos órgãos de Comunicação Social estatizados os meios mais ignóbeis de censura e de manipulação da opinião pública».

Durante a manhã, integradas nas comemorações, realizaram-se várias provas desportivas. Idênticas manifestações decorreram em **Portimão, Vila Real de Santo António, Lagos e Silves.**

● milhares de trabalhadores comemoraram, em **Gouveia**, o 1.º de Maio, sob o lema «Reforçar a luta na defesa da Constituição e das conquistas de Abril».

A manifestação, organizada pela União de Sindicatos da **Guarda**, percorreu as ruas de Gouveia e terminou com um comício na Praça de São Pedro, onde dirigentes sindicais exaltaram a data e o que ela significa «como símbolo da fraternidade para os trabalhadores de todo o mundo».

Na **Guarda**, as comemorações resumiram-se a uma festa popular, num dos jardins da cidade, em que participaram artistas amadores e ranchos folclóricos.

● a união dos Sindicatos de **Leiria** comemorou o 1.º de Maio com diversos festejos no jardim público desta cidade. De manhã realizou-se a estafeta Marinha Grande-Leiria, na qual participaram 54 atletas. De tarde assistiu-se à actuação do Rancho Tamar, da Nazaré e a uma sessão de canto livre. À noite realizou-se um baile popular.

Ao longo do dia o recinto das comemorações foi visitado por muita gente.

● milhares de trabalhadores, da **Madeira** comemoraram, em duas iniciativas autónomas, o 1.º de Maio. Uma delas, convocada pela União dos Sindicatos da Madeira, compreendeu uma manifestação seguida de comício e uma festa popular.

No comício, a tónica dominante das intervenções foi a defesa da Constituição e das conquistas alcançadas pelos trabalhadores depois do 25 de Abril.

Um dirigente sindical disse que «são constantes e cada vez mais desesperados os ataques que o Governo AD vem desenvolvendo contra os direitos dos trabalhadores, suas condições de vida e conquistas da Revolução».

● as comemorações do 1.º de Maio, em **Viseu**, tiveram como cenário o Parque Florestal do Fontelo

Após sucessivos ultimatos

Mantem-se o impasse na embaixada iraniana em Londres

O drama dos cerca de 20 reféns retidos por 3 homens armados na embaixada iraniana, em Londres, entrou hoje no terceiro dia, estando as atenções viradas para uma mensagem secreta enviada pelos sequestrados às autoridades do Irão.

Um informador da Scotland Yard disse a repórteres que a mensagem fora transmitida ontem, à noite, pelo segundo secretário da embaixada, Issa Naghizadeh que é um dos reféns.

A polícia não forneceu mais detalhes nem revelou se se tratava de um apelo de auxílio ao Governo iraniano ou ao Ayatollah Khomeini. Notou, porém, que fora enviada em nome de todos os reféns e com a aprovação dos seus captores. Entretanto funcionários iranianos e diplomatas britânicos afirmaram desconhecer completamente a existência dessa mensagem.

Até agora, as autoridades em Teerão têm-se recusado a aceder às exigências dos ocupantes, que entraram na embaixada na quarta-feira, de manhã. Os assaltantes, que se descrevem como iranianos dissidentes da província do Cuzestão, pretendem a libertação de 91 pessoas no Irão e um avião para os levar com os reféns para destino desconhecido.

A polícia declarou que a mensagem lhe fora enviada através do telefone, por telex e pelas janelas do edifício, sendo depois trasmitida ao Governo britânico e passada à embaixada da Grã-Bretanha, em Teerão, para ser entregue às autoridades desse país.

A polícia procura, entretanto, sossegar os ânimos nas ruas fora da embaixada, em contraste com a calma dentro do edifício.

Embora os reféns continuem sob ameaça de morte se as exigências dos seus captores não forem atendidas, dois prazos para a sua execução passaram ontem pacificamente e um britânico doente foi libertado.

O comissário David Mcnee da Scotland Yard declarou ontem à noite, que os cativos, na maioria diplomatas iranianos e pessoal da embaixada, pareciam encontrar-se bem e os seus sequestradores calmos. Mcnee pediu-lhes para serem pacientes e disse que as negociações continuavam.

Contudo, os ânimos nas ruas, a 300 metros da embaixada, aqueceram ontem. Um agente da polícia e um iraniano ficaram feridos quando iranianos, manifestando-se em apoio do Ayatollah Khomeini, travaram recontros com guardas. Foram presos dez iranianos.

A situação piorou quando surgiram grupos de iranianos anti-Khomeini, proclamando, aos gritos, o seu apoio ao xá exilado no Egipto. Gritaram também aos partidários de Khomeini, afirmando que eram hipócritas ao protestarem contra a ocupação da embaixada em Londres quando desculpavam o sequestrado de norte-americanos na embaixada dos Estados Unidos, em Teerão.

O barulho e o caos aumentaram ao aparecer um grupo de jovens estudantes britânicos, cantando os hinos nacionais norte-americano e britânico e gritando «morra Khomeini». Um cartaz, onde se lia «libertai os norte-americanos», foi colocado num telhado.

Registaram-se cenas de pugilato, trocaram-se insultos e a Polícia acabou por se meter entre as duas facções opostas. Dezenas de agentes passaram horas a mantê-las separadas, observando-se frequentemente corridas através da relva do Hyde Park próximo.

A Polícia tentou ontem à noite reduzir as fileiras dos partidários pró-Komeiny – que desfilam, cantam e rezam entre barreiras de aço e os braços dos agentes – recusando-se a permitir que fossem abastecidos com comida. Aqueles que abandonam o local para comer ou ir á casa de banho não são autorizados a regressar.

Funcionários iranianos, que conseguiram fugir ao ataque à embaixada, apelaram também para a calma.

Às primeiras horas de hoje havia cerca de 50 iranianos, embrulhados em cobertores e túnicas, a dormir no local.

Reacções em Teerão

A Rádio Teerão considerou ontem que a ocupação da Embaixada Iraniana em Londres foi fruto de uma conspiração conjunta da CIA e a Grã-Bretanha.

A Rádio citou também as afirmações do presidente Bani-Sard, segundo as quais o seu Governo assistirá à morte dos diplomatas iranianos sequestrados para não ceder «a chantagem».

Num comentário transmitido ontem à noite, Rádio Teerão citou como prova evidente da conspitação as notícias, não confirmadas, segundo as quais os ocupantes da Embaixada Iraniana em Londres pretenderiam trocar os seus reféns pelos norte-americanos em Teerão.

A Rádio fez um forte ataque à primeira-ministro britânica, Margaret Tahtcher, considerando-a a «boneca» dos Estados Unidos e criticou o comportamento benevolente da Polícia londrica para com os «terroristas», ao passo que – disse – reprimiu os manifestantes pró-Komeiny fora da embaixada.

O ministro iraniano dos Negócios Estrangeiros, Sadeq Gotbzadeh, declarou por seu lado que o Irão concedeu ao Governo britânico pela autoridade para tratar da ocupação da Embaixada Iraniana em Londres.

«O Governo britânico prometeu a conclusão (da ocupação) e nós concedemos-lhe autoridade para fazerem o que quiserem», declarou Gotbzadeh, numa conferência de Imprensa no Abu Dhabi.

Durante a coroação da rainha da Holanda

Incidentes provocam centenas de feridos

A rainha Beatriz da Holanda sibiu ao trono na passada quarta-feira protegida por milhares de polícias tentando por todos os meios reprimir manifestações de rua que acabaram por transformar o centro de Amsterdão no campo de batalha.

A menos de quinhentos metros do palácio real e da igreja onde se realizaram as cerimónias de investidura, as forças de segurança tentaram desesperadamente manter à distância uma multidão enfurecida.

Os manifestantes apedrejaram os polícias, viraram os seus automóveis, deitraram-lhes fogo, partiram montras e saquearam lojas.

Cumprindo a sua ameaça de ocupar edifícios em toda a Holada o movimento dos ocupantes clandestinos apoderou-se, de mais de seis mil casas só em Amesterdão, em protesto contra a especulação imobiliária e a crise da habitação.

Vários milhares de pessoas incendiaram carros, motas da Polícia e ergueram uma barricada com materiais retirados dos stands que tinham sido instalados para a festa da coroação, na avenida central de Amsterdão.

A Polícia da capital, ajudada por reforços de outras cidades, e acompanhada por agulhetas de água, lançou várias cargas contra os manifestantes, utilizando granadas lacrimogéneas. Todas as ambulâncias da capital estiveram mobilizadas.

De fonte oficial, indica-se que cerca de 200 feridos deram entrada nos hospitais, um dos quais com uma fractura do crâneo. Noventa de entre eles eram polícias. Cento e desanove pessoas foram presas.

Estes incidentes produziram-se na periferia do cordão erguido pelas autoridades para a protecção do bairro do palácio real. Os vendedores de salsichas e de harenques, tinham instalado os seus stands nesse local. Assistiram, impotentes, à destruição dos seus postos de venda e ao espect culo inesperado da Polícia a lançar uma carga contra os manifestantes, enquanto que as marjoretes e os posta-bandeiras iam abrindo caminho através dos destroços das barricadas. Os manifestantes quebraram também as montras dum supermercado e retiraram dele tudo o que puderam.

Enquanto isto, a nova rainha lançou um apelo à paz mundial no discurso que proferiu ao prestar juramento perante o Parlamecto.

Aludindo á vida nacional, a nova soberana apelou para uma das virtudes tradicionais dos holandeses, a tolerência, ao reconhecer a «inevitabilidade de contradições numa sociedade multiforme». O ruído dos helicópteros que acompanhavam o desenvolar das violentas manifestações registadas em diversos pontos da capital abafou por vezes a voz da rainha.

Suécia

Maior greve desde há 70 anos

O patronato sueco impôs hoje um «lock out» a mais de 750 000 trabalhadores, quando 100 000 outros se declararam em greve. Trata-se do maior conflito laboral que surgen a Suécia, há 70 anos.

Trabalhadores do sector privado juntaram-se a cerca de 26 000 do sector público, que estão sujeitos a «lock out» ou em greve, desde sexta-feira passada.

O novo «lock out» de uma semana, declarado pela confederação do patronato sueco, e as greves pedidas pela confederação dos sindicatos, com 2,2 milhões de sócios, começaram oficialmente à meia-noite de hoje.

Os sindicatos, que exigem um aumento salarial de 11,3 por cento, rejeitaram uma oferta de 2,3 por cento, na quarta-feira. Os sindicatos do sector público, representando trabalhadores como os controladores do tráfego aéreo agentes alfandegários e pessoal de escolas e hospitais, reclamam um aumento de cerca de 12 por cento.

A paralisação no sector privado que é a maior acção sindical na Suécia, desde a greve geral de 1909, atingirá principalmente as grandes indústrias como as de metais e de papel.

Remodelação em Madrid

A remodelação do Governo espanhol será anunciada hoje à tarde, afirmou ontem o secretário de Estado da Informação em Madrid.

De acordo com o comunicado da Secretaria de Estado da Informação, os nomes dos novos ministros serão publicados no «Boletim Oficial do Estado» do próximo sábado, dia 3, dia em que prestarão juramento ante o rei Juan Carlos.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

Grã-Bretanha

Vitória trabalhista nas eleições locais

Os eleitores britânicos infligiram uma séria derrota ao governo conservador da senhora Margaret Thatcher ao votarem em massa pelos trabalhistas nas eleições para os Conselhos de Distritos na Inglaterra e na Escócia, segundo comentam hoje diversos observadores em Londres. Às cinco horas da manhã, quando a maior parte dos resultados já eram conhecidos, o partido trabalhista podia gabar-se de ter ganho 357 lugares de conselheiros locais, tendo perdido somente 17. Os conservadores registaram 326 derrotas, tendo ganho unicamente 30 lugares.

As eleiçoes para os Conselhos de Distritos têm lugar de três em três anos, mas o País de Gales e a «grande Londres» não votam ao mesmo tempo que a Inglaterra e a Escócia. A Grã-Bretanha no seu conjunto está dividida em 422 distritos.

A vitória trabalhista é muito significativa na medida em que estas eleições constituem o primeiro teste à escala nacional da popularidade do governo da senhora Thatcher, um ano depois da sua grande vitória nas eleições gerais.

Os trabalhistas receberam esta vitória como um veredicto nacional contra a severa política monetária do primeiro-ministro e contra o nível de inflação britânica que atinge quase os vinte por cento.

Mas os conservadores, que já não esperavam vencer, afirmaram que a derrota não foi tão má quanto receavam.

Prémio Lenine da paz

O prémio Lenine «para a consolidação da paz entre os povos» relativo a 1979 foi atribuído a cinco individualidades, anunciou a agência Tass.

Trata-se de Urho Kekkonen, presidente da República finlandesa, Le Duc, secretário geral dos Comité Central do PC do Vietname, Hervé Bazin, escritor francês, Miguel Otero-Silva, escritor e homem público venezuelano, e Abdurrahman Al-Hamisi, escritor egípcio.

O prémio Lenine distingue anualmente individualidades que tenham «contribuído para a conservação e o fortalecimento da paz».

ARGUS
DOURO
MUTUAL
OURIQUE
TAGUS
companhias de seguros

COM A NOSSA EXPERIÊNCIA CRIAMOS
UM SÍMBOLO NOVO

ALIANÇA SEGURADORA

João Paulo II inicia viagem a África

O Papa João Paulo II partiu hoje para o Zaire, iniciando uma visita de dez dias a seis países africanos.

A sua quinta viagem ao estrangeiro será a mais longa em dias e em quilómetros. Só regressará ao Vaticano no dia 12 de Maio. Terá então percorrido 17 720 quilómetros de avião, de carro ou de barco, contra 17 123 percorridos quando efectuou a sua viagem à Irlanda e aos Estados Unidos, de 29 de Setembro a 8 de Outubro do ano passado.

Segundo as previsões do Vaticano, o Soberano Pontífice baterá os recordes dos seus anteriores discursos: mais de setenta estão programados.

João Paulo II visitará os seguintes países: Zaire, Congo, Quénia, Ghana, Alto Volta e Costa do Marfim. Sobrevoará a Argélia, o Mali, a Nigéria, os Camarões, a República Centro-Africana e o Uganda.

Numa alocução dirigida aos representantes do Governo italiano, ao corpo diplomático e a uma pequena multidão de fiéis, o Papa sublinhou o carácter religioso e missionário da sua viagem a África. No aeroporto de Fiumicino, depois de se ter despedido do cardeal Camarlengo, Paolo Bertoli, encarregado dos Negócios Correntes do Vaticano durante a ausência do Papa sublinhou «importância e o papel original da África contemporânea na vida internacional, devido aos seus problemas políticos, económicos e sociais e ao dinamismo dos seus habitantes, que estão a construir a sua história no meio de tensões».

O Papa acrescentou que gostaria um dia de aceitar o convite de outros países africanos que não pôde incluir desta vez no programa da sua viagem.

Mobutu casa pela Igreja...

O presidente Mobutu Sese Seko casou catolicamente ontem, véspera da chegada do Papa João Pualo II ao Zaire.

Mobutu e sua mulher, Bobi Mulanwa, chegaram à catedral de S. Leopoldo, em Kinshasa, precedidos de uma escolta de motocicletas, tocando as sirenes.

O presidente vestia o uniforme de general e Bobi um vestido cor-de-rosa, segurando nmas mãos um ramo de flores brancas.

O casal atravessou a passadeira vermelha que conduzia ao altar, ladeado por militares nos seus melhores uniformes. A cerimónia durou cerca de uma hora.

Mobutu tentou há anos fazer diminuir a influência da Igreja no Zaire, onde existem 26 milhões de católicos.

O cardeal do Zaire, Joseph Malulu, que agora celebrou a missa do casamento, teve então sérios atritos com Mobutu sobre as relações do Estado com a Igreja e sobre o papel dos católicos no Zaire.

Depois do casamento, Mobutu falou na rádio e na televisão para anunciar o seu casamento e incitar a população a acolher calorosamente o Papa.

Ontem, véspera da chegada do Papa João Paulo II ao Zaire, o presidente Mobutu Sese Seko achou ser azado o momento de regularizar, muito catolicamente, a ligação que o prende à sua mulher Bobi Mulanwa. (Telefoto UPI/Anop/DL)

África do Sul

Suástica no símbolo de um novo partido

O Blanke Volkstaat Party foi há pouco registado como o sétimo partido político branco da República da África do Sul.

Dirigido por Eugene Terré Blanche, deriva do movimento direitista Afrikaner-Weerstandsbeweging. Tem por emblema uma suástica de três pernas e tenciona fazer a sua estreia nacional aquando das próximas eleições gerais.

O movimento que está por trás do novo partido defende um «socialismo de direita» e um «estado popular», dizendo-se adversário do comunismo e do liberalismo.

Terré Blanche, dirigiu recentemente um grupo que cobriu de alcatrão e penas um dos principais historiadores sul-africanos, Floors Van Jaarsveld, por este ter posto em dúvida a tradicional interpretação do passado nacional.

Entretanto, afirma ter o apoio de cidadãos sul-africanos de origem britânica, afrikaans, germanica e italiana.

Pretende um «Estado popular de brancos», a eleição por mérito de representantes do povo e o fim do sistema parlamentar de governo «tipo Westminster».

Defende a estrita manutenção da separação racial, ou «apartheid», o estabelecimento de uma «pátria» para os mestiços (a exemplo dos bantostões) e o reconhecimento de zonas históricas dos negros.

Contra a educação racista

As escolas primárias para mestiços da região do cabo ficaram ontem vazias, pois os pais dos alunos responderam em massa a um apelo dos estudantes liceais que se encontram em greve e há mais de duas semanas, pedindo às crianças que ficassem em casa em sinal de solidariedade para com a sua luta.

Este gesto espectacular dos pais mestiços da região do Cabo confirma o apoio maciço de que dispõem os liceais que estão em greve contra «a educa ão racista e inferior» a que estão sujeitos.

"Pátria Palestiniana"

EUA vetam na ONU proposta tunisina

Os Estados Unidos opuseram o veto, no Conselho de Segurança das Nações Unidas, ao projecto de resolução tunisino que previa o «estabelecimento de um Estado Palestiniano independente».

Abstiveram-se Portugal, França, Grã-Bretanha e Noruega, na votação em que o projecto fora aprovado por dez países, após o que os Estados Unidos o vetaram.

O projecto da Tunísia afirmava que «o povo palestiniano deve ser colocado na possibilidade de exercer o seu direito nacional inalienável de autodeterminação, incluindo-se nele o direito de estabelecer um Estado independente na Palestina».

O embaixador norte-americano nas Nações Unidas afirmou que a resolução do Conselho de Segurança sobre os palestinianos «não consegue que a paz seja num futuro próximo uma realidade prática».

Donald McHenry disse ao Conselho na sequência do veto norte-americano à resolução, que estão agora a progredir as negociações cruciais sobre a autonomia palestiniana, segundo os acordos de Camp David.

«O Egipto e Israel» – afirmou – «comprometeram-se a trabalhar com vista a uma paz global no Médio Oriente que resolva os problemas palestinianos em todos os seus aspectos e reconheça os legítimos direitos do povo palestiniano».

Os Estados Unidos exortaram a um adiamento de uma qualquer decisão sobre os palestinianos até ao dia 26 de Maio, a data limite para a conclusão das actuais negociações sobre a autonomia com base nos acordos de Camp David.

Por seu turno, os países europeus ocidentais sugeriram que se aguardasse a realização da sua conferência cimeira, marcada para Junho.

Por sua vez, o embaixador soviético, Mikhail Kharlamov, afirmou ao Conselho que «a essência antiárabe da política norte-americana no Médio Oriente torna-se cada vez mais clara em cada dia que passa».

Zehdi Labib Terzi, observador da Organização para a Libertação da Palestina, OLP, nas Nações Unidas, comentou que o resultado da votação da resolução (dez votos a favor, um contra) foi «glorioso».

Acrescentou que os Estados Unidos «preferiram isolar-se e serem considerados um obstáculo à paz e à segurança internacional».

Condenação à morte na Coreia do Sul

Quatro políticos, incluindo um artigo jornalista e um professor, foram condenados hoje á pena capital por um tribunal de Seul, acusados de trabalharem para uma revolução socialista pró-norte-coreana na Coreia do Sul.

Os condenados são Lee Jae-Mun, de 45 anos, antigo repórter do jornal provincial «Taegu Ilbo», Ahn Jae-Ku, de 47, ex-professor da Universidade feminina de Sookmyung, Choi Sok-Jin, de 29, cientista da Associação de Desenvolvimento Económico, e Shin Huang-Shik, de 46, formado pela Universidade Cacional de Seul.

O Tribunal Criminal distrital de Seul condenou mais quatro réus a prisão perpétua e 65 pessoas a penas entre oito meses e 15 anos de cadeia.

Foram considerados culpados de violar a severa Lei de Segurança Nacional da Coreia do Sul, que proíbe actividades a favor da Coreia do Norte.

Estudantes em revolta

Desafiando a Lei Marcial, estudantes sul-coreanos defenderam reformas politicas e enfrentaram a Polícia, causando tumultos em Seul.

Foi a primeira vez desde o assassinato do presidente Park, em Outubro passado, que os estudantes desceram à rua com slogans e enfrentaram a Polícia.

Por sua vez, em Tejon, a 150 quilómetros da capital, cerca de dois mil estudactes da Universidade de Chungnah ultrapassaram barricadas de polícias e percorreram as ruas principais da cidade reclamando o fim da Lei Marcial.

Em Seul, cerca de 1500 estudantes de uma universidade privada lutaram com a Polícia ao pretenderem desfilar nas ruas principais da capital da Coreia do Sul.

Outros mil estudantes, da Universidade Oficial de Seul, reuniram-se no «campus» universitário e pediram o fim da Lei marcial e a demissão do primeiro-ministro e do chefe da Polícia Política coreana.

Houve feridos entre os estudantes e entre os elementos das forças de Polícia.

Desembarque em Guantanamo anulado por Carter

O Pentágono anunciou ontem à noite que se vão realizar conforme estava previsto, mas numa escala mais reduzida, devido à questão dos refugiados cubanos, as manobras navais que os Estados Unidos deviam levar a cabo a partir de 8 de Maio corrente nas paragens das Caraíbas e no Atlântico.

Com efeito, por ordem do presidente Carter foi anulado o exercício do desembarque de três mil fuzileiros navais na base americana de Guantanamo em Cuba, sendo mantido o resto do programa estabelecido.

Os cinco navios de desembarque destacados para este treino receberam ordem de rumar a Key West, na ponta sudoeste da Florida, a fim de prestarem socorro às embarcações carregadas de foragidos cubanos que corram perigo. Estes barcos que se encontram na base de Norfolk (Virgínia), devem chegar à vista de Key West, amanhã de manhã.

Vão participar nas manobras navais «Solid Shield» mais de vinte mil homens, 42 navios e 350 aviões.

Delinquentes serão devolvidos

Agentes federais dos Serviços de Imigração anunciaram que serão devolvidos a Cuba os deliquentes descobertos entre os foragidos cubanos que estão a afluir às costas da Florida.

«Cada refugiado que chega tem obrigação de provar que se arrisca a ser perseguido em Cuba pelas suas ideias políticas» esclareceu um membro destes serviços, Richard Gullage, que acrescentou: «O caso de cada refugiado será examinado com cuidado e serão mandados para trás todos aqueles que se averiguar que são réus de assassínios, violações ou roubos à mão armada.

Segundo a TASS

Comando americano queria raptar o "ayatollah" Khomeiny

A União Soviética disse que o verdadeiro objectivo da missão de salvamento norte-americana no Irão era capturar o ayatollah Khomeiny e matar os iranianos que rodeavam a embaixada.

A posição soviética, divulgada pela TASS e citada pela UPI, sustenta que os 50 reféns só seriam libertados se os Estados Unidos declarassem não interferir nos assuntos internos do Irão.

Comentando a conferência de Imprensa dada por Carter, a TASS apoia claramente o Irão e classifica de «monstruosa» a defesa da missão feita pelo presidente norte-americano.

A TASS salienta que o grupo de salvamento prendeu 44 iranianos a pretexto do segredo da missão, acrescentando:

«Carter diz que os iranianos foram libertados incólumes, mas a agressão provocatória tinha por objectivo destruir não só os iranianos que se encontravam nas imediações da embaixada em Teerão, mas também capturar o ayatollah Khomeiny.»

A TASS classifica de monstruosa a justificação apresentada por Carter de que a sua missão se destinava «a aliviar a situação política e económica do povo iraniano que, segundo ele, estaria ameaçado ainda por maiores privacões».

A agência soviética não fez qualquer alusão, ao facto da missão ter sido definida como de salvamento dos reféns mantidos na Embaixada dos Estados Unidos em Teerão, por militantes iranianos que exigem o regresso do xá ao Irão, para ser julgado.

Separando o conflito da questão dos reféns, a TASS apoia-se no respeitado sacerdote iraniano, dizendo que Khomeiny já mais de uma vez se referiu à especificidade da questão dos reféns.

A TASS acrescenta que os reféns já teriam sido libertados há muito se os Estados Unidos garantissem não intervir nos assuntos internos do Irão, coisa que «carter não pode fazer por tencionar manter essa interferência, sem exclusão do uso da força militar, para derrubar o actual regime iraniano».

Entretanto, registou-se ontem nova onda de violência em Teerão entre esquerdistas e fundamentalistas islâmicos. As primeira notícias dizem que mais de 150 pessoas ficaram feridas, algumas gravemente.

Por último, os corpos dos americanos mortos durante a operação aérea de 25 de Abril passado no Irão serão restituídos no domingo em Zurique, à Cruz Vermelha Internacional, por mons. Hilarion Capucci.

Ohira na América

O primeiro-ministro do Japão, Masayoshi Ohira, deixou Washington na quinta-feira para visitas oficiais ao México e ao Canadá, convencido de que o presidente Carter procurara resolver pacificamente o sequestro dos 50 americanos no Irão. As garantias que recebeu do presidente acalmaram as suas inquietações depois da fracassada incursão aérea americana.

Carter expressou a intenção de ajudar o Japão se este país vier a ter falta de petróleo iraniano. Ohira prometeu considerar «seriamente» um novo aumento das capacidades militares do seu país, uma participação nas despesas das forças americanas estacionadas no Japão, assim como um aumento da ajuda económica à Tailândia, outro aliado dos americanos na Ásia do Sudeste.

India: 600 prisões

Cerca de 600 estudantes foram presos na quinta-feira no Estado de Bangladesh, por terem infrigindo a lei proibindo ajuntamentos de mais de cinco pessoas na via pública, segundo informações chegadas a Nova Delhi.

Vários milhares de estudantes manifestaram-se assim para marcar o seu apoio à agitação dos oito últimos meses em Assem, exigindo a expulsão dos trabalhadores imigrantes vindos do Bagla Desh e do Nepal, indicavam as mesmas fontes.

A agitação contra os trabalhadores estrangeiros, que por enquanto se limitava a Assam, ganhou agora três outros estados do Nordeste da Índia: Meghalaya, Manipur e Nagaland.

Alastra a luta no Chade

Destruída a catedral de N'Djamena

N'Djamena, a capital do Chade, voltou de madrugada a ser palco de violentos combates, após uma semana de relativa calma – sobe-se em Paris.

A catedral católica romana da cidade, construída em vésperas da independência, em 1960, ficou tltalmente destruída, atingida, aparentemente, por uma granada de fósforos – anunciou a agência «France-Press» num despacho de C'Djamena.

A agência revelou ainda que as tropas rivais do presidente interino, Goukouni, e do ministro da Defesa, Hissene Habre, receberam reforços consideráveis e controlam em partes iguais a capital.

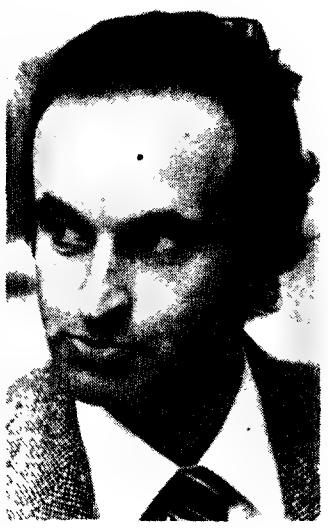
Um avião que, na passada quarta-feira, trazia Goukouni de regresso a C'Djamena, após uma conferência da Organização de Unidade Africana em Lagos, na Nigéria, não conseguiu aterrar ao aeroporto da capital, em virtude da intensidade dos combates de morteiros e artilharia pesada entre as forças rivais.

Segundo a «France-Presse», centenas de soldados leais ao ministro dos Negócios Estrangeiros pró-líbio, Ahmat Acyl, chegaram á capital para se juntar às forças de Goukouni, enquanto as tropas de Habre foram reforçadas por soldados dos seus contingentes no Centro e Leste do país.

Os combates, até aqui limitados á capital, alastraram agora às regiões de Ati e Hadjer, no Leste do Chade, segundo fontes em N'Djamena.

A conferência da OUA pediu a quatro chefes de Estado africanos que tentem obter um novo cessar-fogo.

"Placard"



Novo director-geral dos Desportos

O prof. José Lopes Marques, professor efectivo de Educação Fiisica, foi nomeado para, em comissão de serviço, exercer as funções inerentes ao cargo de Director-Geral dos Desportos.

A nomeação foi determinada em despacho assinado pelo primeiro-ministro, dr. Sá Carneiro e pelo ministro da Educação e Ciência, prof. Vítor Crespo.

O prof. Lopes Marques exercia em comissão de serviço, as funções de director de serviços da Direcção-Geral dos Desportos.

Basquetebol: URSS vence em Espanha

A URSS gannou o Torneio Internacional de Basquetebol da Corunha, ao vencer a Espanha por 100/83 (50/45), ontem à noite, no último encontro do torneio.

Este último encontro não teve grande interesse dada a nítida superioridade demonstrada pela equipa da URSS, que controlou constantemente as operações.

Futebol: Juvenis ganham à França

A selecçao portuguesa de juvenis venceu a de França por 2-0, em desafio de futebol disputado ontem em Baiona.

Marcaram, pelos portugueses, Santos (penalty, aos 28 min.) e Freitas (aos 38 min.).

Os portugueses venceram com todo o mérito, depois de aguentarem os 20 minutos iniciais do jogo, durante os quais os franceses se lançaram «ao assalto», para serem depois ultrapassados pela velocidade da equipa lusitana.

Em iniciados, os franceses obtiveram uma vitória de 1-0 sobre a turma portuguesa.

Futebol de esperanças

A União Soviética venceu a Jugoslávia, por 1-0, e qualificou-se para defrontar a RDA na final do Torneio de Esperanças da União Europeia de Futebol.

O golo foi marcado por Shengeliya, aos 71 minutos de jogo.

A União Soviética ficou apurada com 4-0 no conjunto dos dois jogos.

A dança dos treinadores

O treinador de futebol Fernandes Peres rescindiu amigavelmente com o União de Leiria o contrato que o ligava àquele clube até final da temporada.

A rescisão aconteceu após uma reunião entre os dirigentes leirienses e o técnico, em que foram focados os maus resultados da equipa no nacional da primeira divisão e a sua classificação na tebela.

Tomé, antigo jogador do Sporting ao serviço do União de Leiria, assumirá os destinos da equipa até final da época.

Atletismo: novo recorde europeu de vara

O francês Thierry Vigneron estabeleceu ontem novo recorde europeu do salto com vara, com 5,67 metros.

O anterior máximo, de 5,66 metros, pertencia ao polaco Wladislaw Kozalkiewicz.

Dave Roberts, dos Estados Unidos, detem o recorde mundial, com 5,70 metros.

Há 18 anos no Leixões

Adriano foi homenageado

O futebolista Adriano Fernandes foi ontem homenageado com um festival desportivo no Estádio do Mar, em Matosinhos, pela sua dedicação ao Leixões, único clube que representou em dezoito anos de actividade.

Adriano, 32 anos, três vezes «internacional esperança», encontra-se ainda em actividade e tenciona prosseguir a sua carreira como jogador-treinador, num clube da terceira divisão portuguesa.

O festival constou de dois jogos de futebol. em que as equipas do Boavista e do FC Porto venceram respectivamente o Leixoes (3-1) e um misto de antigos jogadores do Leixões (2-1).

A festa ficou marcada com a lesão do jogador leixonense Constantino que fracturou uma clavícula.

Os encontros presenciados por cerca de quinze mil pessoas, tiveram periodos interessantes e de bom nivel futebolístico, sobretudo o segundo em que o misto ofereceu boa réplica ao campeão português.

Jarbas, Queirós, e Moinhos apontaram os três golos do Boavista, aos 22, 67 e 68 minutos, antes de António Manuel marcar, aos 74, o único tento do Leixões.

Sob a arbitragem de Adelio Pinto do Porto, alinharam:

Boavista – Matos (Nunes 45), Bablito, Fernando (M,ario João 72), Artur (Adão 45), Barbosa (Taí, 45), Oscar, Roni, Salvador (Belinha 72), Almeuda (Queiró 45), Júlio (Moinhos 45) e Jarbas.

Leixões – Lúcio (Figueiras 45), Eliseu (Fernando 67), Licinio, Américo, Nelinho, Inocêncio (Casimiro 45), Brandão (Oliveira 67), Barbosa (Helder Ernesto 69), Constantino (António Manuel 15), Azevedo (Moisés 45) e Magalão.

No segundo encontro dirigido por Armando Paraty, Albertino colocou o misto em vantagem, aos 17 minutos, mas Malheiro obteria dois tentos, aos 50 e 58, dando a vitória ao FC Porto.

Constituição das equias:

FC Porto – Tibi, Vieira, Simões (Cerqueira 45), Freitas (Jaime 45), Lima Pereira, Rodolfo, Octávio, Sousa (Quinito 45), Malheiro, Oliveira, (Marco Aurélio 70) e Costa.

Misto – Fonseca (Madureira 45), Alberto 72), Teixeira (Zé Manuel 45), Adriano (Montóia 6) (Valdemar 72), Nicolay (Quim 45), Vaqueiro 63), Cacheira (Henrique 63), Frasco (Fernando 45), Eliseu (Gentil 45), Chico Faria (Porfírio 63), Albertino (Bene 63) e Horácio (Festas 72).

Marques, que ensinou Adriano a dar os primeiros pontapés na bola, deu ontem o último na Festa do jogador do Leixões

II Taça 1.º de Maio foi para o Porto

Integrada nas comemorações do 1.º de Maio de 1980 realizou-se ontem pelas 11 horas, no campo do Boa Hora (por terem sido negadas pela comissão administrativa do Inatel as instalações do Estádio 1.º de Maio), a final da II Taça de Futebol da CGTP-IN, que reuniu equipas do Norte e do Sul.

O jogo, arbitrado por Nemésio de Castro, conhecido árbitro internacional e pelos juízes de baliza Carlos Almeida e Luís Sousa, terminou com a vitória da equipa da Empresa Gráfica Instaladora do Porto por 7 a 4 sobre a equipa do Sindicato dos Escritórios e Caixeiros de Faro em jogo bem disputado. Ao intervalo verificava-se um empate a 4 bolas. As equipas alinharam:

Empresa Gráfica Instaladora: – Carlos Manuel, Rocha, Jesus, Nogueira, Teixeira, Queiroz, Patena, Oliveira, Silva I, Machado, Silva II.

Suplentes: Parente, Mota, Alfredo, Nogueira e Casimiro.

Sindicato Escritórios e Caixeiros de Faro: – Reis, Almeida, Nascimento, Luís, Martins Reis, Ambrósio, Soares, Pedro Lopes, Teixeira, Baltazar, Esberad. Suplentes: Ferro, Ribeiro, Feliciano e Costa. Marcaram pela equipa do Porto: Jesus, 1, Nogueira, 7, Silva I, 3, Machado, 1, Silva II, 1, e pela de Faro: Pedro Lopes, 1, Teixeira, 2, e Nogueira na própria baliza, no final foram entregues troféus e medalhas às equipas e a todos os atletas dirigentes e equipa de arbitragem participantes, por Manuel Lopes que antes teceu breves considerações sobre o significado da participação em actividades deste género no Dia Mundial do Trabalhador.

Depois de 7 horas de jogo

Arsenal na final em Wembley

O Arsenal, já finalista da Taça da Europa dos Vencedores de Taças, qualificou-se ontem, em Coventry, para a final da Taça de Inglaterra ao vencer o Liverpool por 1-0.

Pela terceira vez consecutiva o Arsenal jogará a final da Taça de Inglaterra. Graças á vitória por 1-0 sobre o Liverpool, leader do campeonato, conquistada neste terceiro encontroe depois de um total de sete horas de jogo, os arsenalistas estarão na final. Brian Talbot marcou de cabeça o único golo do encontro, aos 12 minutos.

Batido pelo Ipswich Town em 1978, o Arsenal ganhou a Taça em 1979 ao bater o Manchester United.

O Arsenal defrontará, na final, em 10 de Maio, no estádio de Wembley, o West Ham United, da segunda divisão.

Bulgária vence "europeus" de halterofilia

O búlgaro Rumen Alexandrov conquistou hoje as três medalhas de ouro da categoria de noventa quilos, nos Campeonatos Europeus de Halterofilia, a decorrer em Belgrado.

Alexandrov, 20 anos, conseguiu 175 quilos no arranque, 2?5 no movimento dois tempos e 390 no biatlo.

O soviético Valeri Sari conseguiu medalhas de prata no arranque e no biatlo, respectivamente com 170 e 382,5 quilos, e uma de bronze no movimento dois tempos, com 212,5.

Gennady Besonov, da União Soviética, conquistou a medalha de prata do movimento dois tempos, com 215 quilos, e as duas medalhas de bronze do arranque (167,5) e do biatlo (382,5).

Por equipas, a Bulgária venceu e a União Soviética ficou na segunda posição, seguindo-se a RDA, a Polónia, a RFA, a França, a Roménia e a Hungria.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 37 DE 4. MAIO.1980

Rádio Totobola, 12x 111 11x 1xx1; Correio do Vouga, 121 111 11x 2111; Diário de Lisboa, 12x x11 11x 1xx1; Ecos do Cacia, 121 x11 111 x2x1; Eu Sei Tudo, 121 111 1xx x121; Folha do Domingo, 1xx 11x 111 1211; Jornal da Beira, 1xx 111 111 x1x1; O Jornal de Felgueiras, 12x 111 x11 112x; O Jornal da Lixa, 12x 111 11x 11x1; Jornal de Sintra, 12x 11x 111 x221; Jornal Linhas de Elvas, 1xx 111 11x x11x; Litoral, 122 111 11x 22x1; Maria da Fonte, 12x 111 11x x2x2; Mundo Desportivo, 122 x11 11x x1x1; Notícias de Évora, 12x 111 1xx 1xx1; RDP/Secção Desportiva, 12x 111 1x1 xx2x; A Voz do Domingo, 121 111 1xx 1x11; RDP/Grafonola Ideal, 122 22x 21x 22x1; O Dia, 1xx 211 111 xx21; Jornal «1x2», 122 x1x x12 xxx1; Alvo Desportivo, 121 x1x 11x x2x1; O Comércio de Leixões, 122 x11 1x1 22xx; Estúdio 64, 121 x11 22x 1112; Jornal de Gaia, 1x2 111 x11 x1x1; Jornal da Graça, 1xx 111 2xx 1221; Jornal de Notícias, 1x2 111 1x1 1222; Mancete Desportiva, 12x 111 x12 x21x; Penalti, 121 111 11x 2211; O Primeiro de Janeiro, 11x 111 x11 x121; Rádio Alvo, 1x1 2x2 1x1 2x1x; Panorama, 122 21x x11 211x; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Repórter do Dia, 121 111 111 x2x2; A Voz dos Ridículos, 121 111 xx1 1121; Notícias de Guimarês, 122 1x1 112 211x; Defesa de Espinho, 121 111 111 xx1x; Notícias de Felgueiras, 12x 11x 11x 2xx2; Reconquista de Castelo Branco, 12x 111 11x 1x21.

	R E S U M O			B O L A S			
	1	X	2	1	X	2	a)
1. PORTO - MARÍTIMO	38	0	0	12	1	1	
2. VARZIM - BENFICA	2	8	28	1	3	8	
3. ALMERIA - VALÊNCIA	15	15	8	5	5	2	
4. SARAGOÇA - A. BILBAU	27	7	4	9	2	1	
5. BÉTIS - LAS PALMAS	35	2	1	10	1	1	
6. REAL MADRID - A. MADRID	30	7	1	9	2	1	
7. SALAMANCA - SEVILHA	28	7	3	9	2	1	
8. NÁPOLES - BOLONHA	28	9	1	8	3	1	
9. FIORENTINA - INTER	17	18	3	5	6	1	
10. ÁSCOLI - JUVENTUS	13	16	9	4	5	3	
11. ESTUGARDA - HAMBURGO	14	11	13	5	3	4	
12. B. DORTIMUND - BAYERN M.	12	16	10	4	5	3	
13. DUSSELD - M'GLADBACH	24	9	5	8	3	1	

a) - Nos termos do Artº 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.-

A "Chave" lógica será:

12louX 111 11X X1X1

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

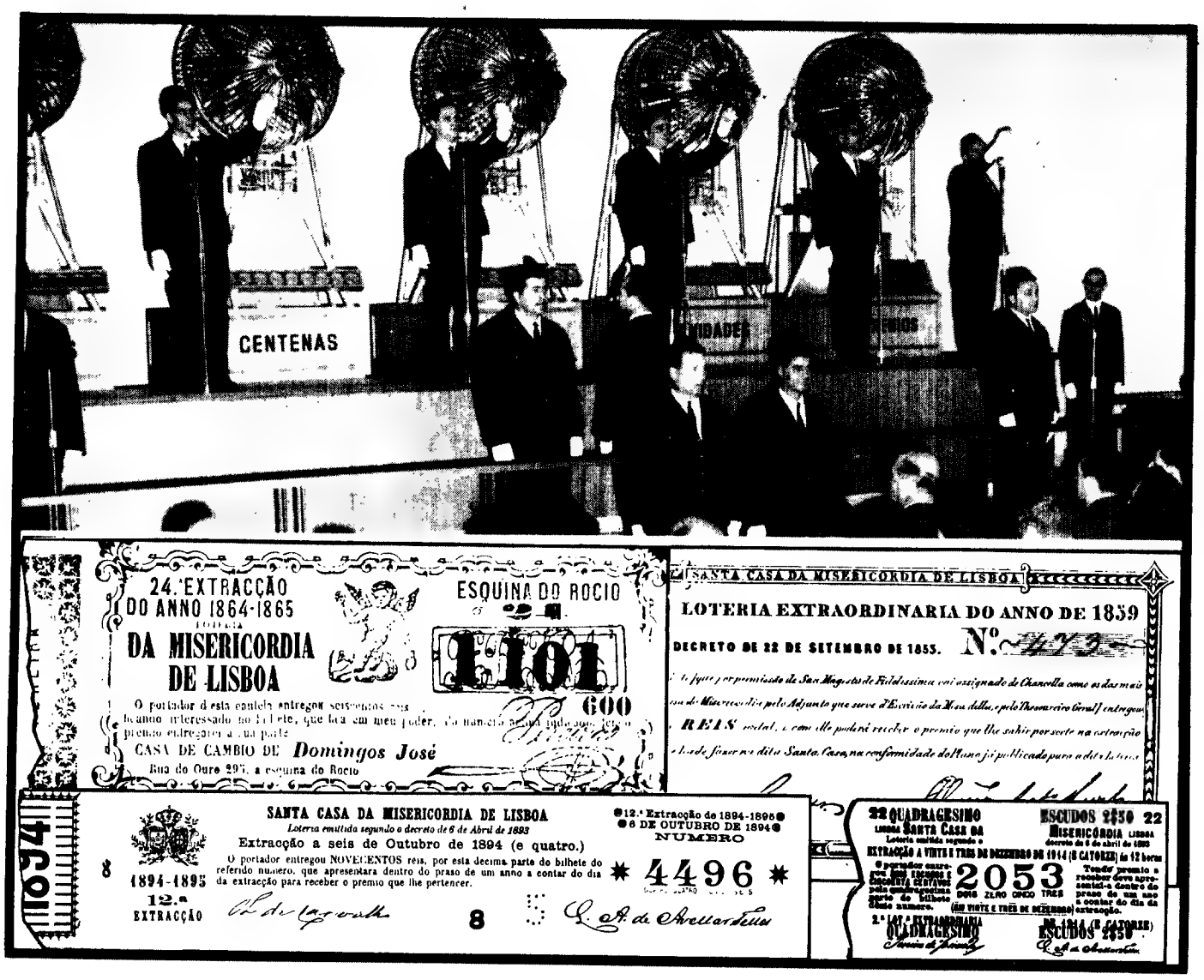
Sorte e "cautela" para um vigésimo premiado

Um rectângulo de papel, dobrado ao meio e metido entre outros tantos, bem no interior de uma carteira só não passa despercebido por causa da ornamentação.
Os motivos comandam as cores e as alusões a esta ou àquela data, acontecimento ou, como se diz, comemoração.
O papel não se distingue pela sua gramagem nem pela resistência. As dobras vincam-lhe as rugas, mas são os algarismos o mais distintivo. Os números são, nestes pedaços de papel, adquiridos a troco de alguns escudos, a representação de um sonho.
Haverá muita gente que nunca conheceu esse esquecimento, perdido no interior de uma carteira ou num recanto de um bolso?
Mas isso é só na pequena parcela. O esquecimento sobressalta-se numa quinta-feira à tarde e exclama: já andou à roda?

Temos na nossa presença um pedaço de papel, a quantia que se desembolsou em troca e, mais tarde, uma lista de números. Estas listas, dobradas também elas, em rectângulos maciços atadas por um elástico de banda larga, desenrolam-se como colecção de postais, ilustrando a surpresa ou a desilusão. E no interior destes materiais leves um peso, uma desconfiança, uma aposta, um desejo, uma lista, mas desta vez constituída pelas coisas que farei se, as coisas que comprarei se. O se que estas apostas oferecem é já uma vida diferente. Se, é claro, o prémio for a «taluda».

Antes ainda da confrontação entre o «nosso» número e o algarismo provável da sorte, interpõe-se um pregão; um grito. Quem o atira — «olha a sorte grande», «anda amanhã à roda»,l «último bilhete, último bilhete» — cumpre um papel de mensageiro ou de diabo desinquietador. Entra num café e percorre as mesas com as «cautelas» presas, por uma mola metálica, oferecendo uma tentação. Ao contrário do dianho, nada tem a ganhar ou a perder. Trata-se de um desempenho só em parte interessado. Ou seja, a representação da sua necessidade de comer não conta para a sorte que se oferece.
Os cauteleiros, velhos ou velhas reformadas, inválidos de várias mazelas físicas, às vezes invisuais, portadores do seu número, mas de licença, de venda pública da sorte espalham-se pelos lugares estratégicos da comoção: à hora das refeições, o potencial comprador está com a guarda em baixo; as senhoras que prezam os bolos açucarados ainda franzem o nariz, mas essa espécie de gula mental é mais forte — «e se me saísse?»
A discussão do número mais apropriado e da proporção a adquirir — um vigésimo, meio bilhete, bilhete inteiro — corresponde por si mesmo, ao local onde é tomada a decisão, o acompanhamento, e, como é normal com animais gregários, em «sociedade».
A «sociedade» reúne-se para para um «bilhete inteiro» nas ocasiões festivas: natal, santos populares ou em qualquer extracção comemorativa. Nas repartições, em grupos de bica e cavaqueira, em famílias numerosas, as variedades e modalidades de «sociedade» são numerosas.
Ao contrário deste potentado aquisitivo, o «vigésimo» quadra-se mais com simples transeuntes ou donas de casa à janela. Se a repartição do bolo é menos delicada neste caso que no anterior, as suas possibilidades de entusiasmar o engenho são incomparavelmente maiores. O «vigésimo» premiado vale só por si um imenso caudal de atropelos e desesperações. O «conto», tão velho, pelo menos quanto a existência do jogo, continua a pagar a audácia do engodo. É bem certo dizer-se que enquanto houver homens haverá ilusões. A «cautela» é pouca em vários sentidos. O jogo pelo seguro na perspectiva de um ganho súbito e sem trabalho, não se harmoniza com essa aparente precaução de investimento «cautelar». Aqui o risco é todo e não é nenhum, uma vez que as capacidades humanas se vêem reduzidas a uma espera, cheia de paciência e nervosismo.
Se o jogo é uma indústria para quem o organiza, à maneira de uma bolsa sem altas nem baixas, nem imponderáveis financeiros, é-o no sentido de ter organizado duas cobiças por meio do «azar».
«O mesmo dinheiro» ou «em branco» premiam quase sempre os «accionistas» esperançados na sua boa estrela ou no «palpite» infalível. Não trataremos dos grandes premiados que, à maneira espanhola, associam a sorte com a obesidade, na sua expressão característica de «el gordo»; ou «taluda» para nós. Os bafejos e adames da sorte não entram nos cálculos humanos com frequência bastante, para se constituírem em objecto de estudo. Os favores dos deuses assumem,

Continua na pág. 24



Na morte de Hitchcock ● Na morte de Hitchcock ● Na morte de Hitchcock ● Na morte de Hitch

O cineasta da dúvida

«Mestre do suspense» lhe chamaram todos os telexes de todas as agências noticiosas do mundo ao anunciarem que Alfred Hitchcock falecera, a 29 de Abril, em Los Angeles. Seguiam-se listas de filmes, de actores, declarações de amigos, a homenagem e o lamento unânimes para esse homem que, em 80 anos de vida e mais de 50 filmes, deixa atrás de si uma obra cinematográfica invejável.
Nem sempre foi assim. Durante muitos anos, o público e a crítica consideraram-no um mero realizador de histórias de meter medo, tecnicamente bom, sem dúvida, mas sem nada de verdadeiramente excepcional.
«Descoberto» pela célebre geração crítica dos **Cahiers du Cinéma** dos anos 50 (em que pontificavam Bazim, Rivette, Truffaut, Chabrol, Godard...), Hitchcock vê-se erigido (com Hawrs) à categoria de autor por excelência, posição que rapidamente se espalha por todo o mundo que começa então a rever os seus filmes com outros olhos. Truffaut elaboraria, já nos anos 60, o célebre libro **Le cinéma selon Hitchcock,** longa entrevista que passa em revista toda a sua obra e que contituiu a chave definitiva para convencer os mais renitentes.
Mas o que faz de Hitchcock esse génio que, na hora da sua morte, todos reconhecem? O que nos resta, na memória, do seu cinema? A sequência do assassínio de Janet Leigh no chuveiro em **Psico**? Os «impossíveis» movimentos de câmara de **Under Capricorn**? O plano da chave em **Notorious**? A inquietação de **Os pássaros**? O impensável plano-sequência único em **A corda**? O amor imenso de **Rebecca**? A expectativa da invariável presença de Hitch no **écran**? O sonho de **Spellbound**? Entre o anedótico e o essencial quer-me parecer que o que retemos de central no seu cinema é o constante jogo entre a verdade e a mentira, entre o previsto e o que

Continua na pág. 24

João Bénard da Costa: O Medo

João Bénard da Costa, um dos que melhor conhecem a importância do cinema de Hitchcock, enviou-nos o seguinte depoimento:
Há vários milhões de anos, ou pelo menos há muitas centenas de milhares (não há grande acordo sobre isso) um homem e uma mulher comeram um fruto que um senhor de barbas que os criara homem e mulher lhes tinha dito que não tocassem. Envergonhados, quando o tal senhor descobriu que o tinham feito, esconderam-se. Quando lhes perguntaram por que é que se tinham escondido responderam, inventando uma palavra nova: «Tivemos medo». Os filhos desse homem e dessa mulher e os filhos dos filhos desse homem de dessa mulher só tiveram cada vez, ao longo de vários milhões de anos, mais medo e mais razões para o ter nas suas relações uns com os outros e com o tal senhor de barbas. Para se esconderem desse medo inventaram coisas como aquilo a que chamamos arte. A mais nova delas chama-se cinema. No seu mais fundo sentido, foi e é uma das formas que temos de fugir ao medo e de enfrentar o medo. Nem todos perceberam bem isso. Quem melhor o percebeu foi um homem chamado Alfred Hitchcock, que agora perdeu a razão de ter medo e de falar dele. Mas só agora — porque morreu.

Agenda

CINE/PONTO

O casal mais louco de 1941:ele orgulha-se de ter destruído a sua casa para alvejar o submarino japonês

O Amigo Americano

de Wim Wenders (RFA-França-1977)

As semanas sucedem-se às semanas e esse filme genial chamado «O Amigo Americano» do até agora desconhecido Wim Wenders continua a fazer sucesso. Há seis meses que está na sala 3 do Quarteto. Quem explica este êxito?

Cinema Quarteto-Sala 3 (14, 16.30, 19, 21.30 e 24h) (não acons. men. 18 anos)

Apocalipse Now

de Francis Ford Coppola (USA-1977/79)

De dez em dez anos surge um filme tão decisivo como «Apocalipse Now». A demonstração de que o cinema está vivo e se reinventa.

Cinema Apolo 70 (15.15, 18.15, 21.15 e 24h) e Monumental (15, 18.15 e 21.30h). (não acons. men. 18 anos)

1941

de Steven Spielberg (USA-1979)

O prazer lúcido de fazer ver cinema: «1941» ou a mais apaixonante loja de brinquedos do mundo.

Cinema Vox (14.15, 16.45, 19.15 e 21.30h) (não acons. men. 13 anos)

Cria Corvos

de Carlos Saura (Espanha-1975)

A infância dolorida na Espanha franquista. Saura, Geraldine e Ana Torrent repartem entre si os louros deste filme invulgar e inquieto.

Cinema Estúdio (15, 17, 19 e 21.30h) (interdito a men. 13 anos)

Yanks

de John Schlesinger (GB-1979)

As histórias de amor em tempo de guerra, em tempo de espera, em tempo de passagem. Schlesinger, de regresso a Inglaterra, faz um filme que gosta das pessoas e as olha com uma terna lucidez. Vanessa Redgrave é, como sempre, admirável e Lisa Eichhorn uma revelação a não perder de vista.

Cinema ABCine-Sala B (14.15, 17, 19, 21.30 e 23.45h) (não acons. men. 13 anos)

O Herói do Ano 2000

de Woody Allen (USA-1973/74)

Talvez o mais fácil dos trabalhos do seu autor. Mas um filme de Woody Allen é sempre um filme de Woody Allen. E Diane Keaton não falta à chamada.

Cinema ABCine-Sala A (14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45h) (não acons. men. 13 anos)

Kramer Contra Kramer

de Robert Benton (USA-1979)

Cinco óscares é de mais para este filme escorreito, montado com uma enorme eficácia, confirmando que Meryl Streep é uma senhora actriz mas que, dentro de meis dúzia de anos, toda a gente a terá esquecido.

Cinemas Cine 222 (14.15, 16.30, 19 e 21.30h) e Terminal (11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30h) (não acons. men. 13 anos)

O Casamento de Maria Braun

de Rainer W. Fassbinder (RFA-1978)

A montanha pariu um rato. Ainda não é desta que Fassbinder nos convence em pleno.

Cinema Londres (14.15, 16.30, 18.45 e 21.30h) (não acons. men. 18 anos)

A Morte em Directo

de Bertrand Tavernier (França-RFA-1979)

Um argumento fora de série para um filme que lhe pega pelo lado mais isento de riscos mas também menos interessante. Apesar disso uma obra curiosa que está a fazer uma carreira não desprezável.

Cinema Star (14.30, 16.45, 19 e 21.30h) (não acons. men. 18 anos)

O Amigo Americano	★★★★
Apocalipse Now	★★★★
1941	★★★
Cria Corvos	★★★
Yanks	★★
O Herói do Ano 2000	★★
Kramer Contra Kramer	★★
O Casamento de Maria Braun	★★
A Morte em Directo	★★
O profissional	★★
Uma Rapariga Frágil	★
O Homem que Matou o Passado	★
O Campeão	●

A «Chave»

★★★★ Especial
★★★ Bom
★★ Interessante
★ Desinteressante
● A evitar

o silêncio dela tem a força de um grito!

UMA RAPARIGA FRÁGIL

LA DENTELLIERE

FILME DE QUALIDADE

ISABELLE HUPPERT

a melhor actriz da nova geração

(PREMIO "FEMINA" DO CINEMA FRANCÊS)

num filme de CLAUDE GORETTA

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

COLOR selecçao sacil

2.ª SEMANA

nimas

PRÉMIO ESPECIAL DO JÚRI FESTIVAL DE CANNES

um filme de CARLOS SAURA

GERALDINE CHAPLIN

ANA TORRENT

Quem é esta criança
de olhar puro e grave,
que vagueia na noite, pela casa,
e surpreende os segredos
que não devia conhecer?

(LE MONDE)

FILME DE QUALIDADE
COMISSÃO DE CLASSIFICAÇÃO DOS ESPECTÁCULOS

CRIA CORVOS

cria cuervos...

6.ª SEMANA

estúdio nacional

EASTMANCOLOR INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS DOPERFILME

Hanna Schygulla antes e depois de Maria Braun

Para numerosos cinéfilos, Hanna Schygulla actriz oeste-alemã, nada é além de Maria, a heroína de «O casamento de Maria Braun», de Reiner Fassbinder. Desde a sua apresentação na «Berlinale 79», cujo júri lhe atribuíu o primeiro prémio de interpretação feminina, mais de um milhão de espectadores viram o filme, que foi vendido em cerca de trinta países. Nos EUA, «O casamento de Maria Brann» é projectado em vinte cidades simultaneamente desde há mais de cinco meses, batendo todos os restantes espectáculos em termos de bilheteira. Na Broadway, os nova-iorquinos fazem bicha para o verem na sua versão original.

Desde a estreia no Festival de Nova Iorque, os críticos locais, conhecidos pela sua severidade, não têm poupado elogios a Hanna Schygulla, que até agora era desconhecida dos americanos. Compararam-na às suas mais célebres «stars», definindo-a como «uma mistura de Marlène Dietrich e de Jean Harlow», ou ainda como «a coisa mais extraordinariamente erótica que nos foi dada a ver desde Marlène Dietrich».

Uma carreira ligada à de Rainer Fassbinder

Antes de conhecer este triunfo internacional que, segundo ela própria diz, é completamente inesperado, Hanna Schygulla tinha já obtido um primeiro grande sucesso no seu país, em 1974, com «Effi Briest», cinematização, por Fassbinder, de um romance de Theodor Fontane. A sua carreira tem aliás estado ligada à do cineasta, de quem foi a heroína feminina em quase todas as obras

A sua colaboração com ele não data de ontem. Conheceu-o numa escola de arte dramática de Munique onde se inscrevera sendo ainda estudante em Letras (alemão e línguas românicas). «Eu estava inscrita na universidade porque tinha dinheiro para pagar os meus estudos, mas sabia que não era feita para aquela vida. Queria era subir a um palco: era esse o meu sonho de criança».

Tendo interrompido os estudos, entra para a «troupe» teatral de Munique «Actions-Theater», de que ficará a fazer parte até que Fassbinder a contrata para interpretar Antígona no seu «Anti-Teatro» (Antitheater). Os dois descobrem que têm a mesma concepção do cinema e tornam-se inseparáveis. Hanna estreia-se no écran em 1969 com «O amor é mais frio do que a morte», que é ao mesmo tempo a primeira fita de Fassbinder. Nos anos seguintes, desempenha os principais papéis femininos na maioria dos filmes do jovem realizador. Ora é uma personagem ingénua e tímida, ora «sexy» e depravada, como uma espécie de Marilyn dos bairros pobres, sensual e lasciva. Durante esses anos, Hanna e Rainer contribuem seriamente para a renovação do cinema alemão.

Aos trinta anos decide viver

Em 1974, quando já se tornou a favorita do público alemão e

quando a Imprensa fala dela como «a melhor jovem actriz da RFA», quebra subitamente as pontes com a sua vida profissional e decide «viver». «Aos trinta anos», são palavras dela nessa época, «é necessário fazermos as contas connosco próprios».

Sete anos após ter iniciado o seu trabalho em comum, Hanna deixa Fassbinder: «A nossa separação tinha-se tornado indispensável», diz ela hoje. «Tínhamos chegado a um ponto morto, o nosso trabalho tinha deixado de progredir... Eu desempenhava sempre os mesmos papéis, personagens petrificados...»

Durante vários anos, encontramo-la pintando, dedicando-se ao ioga e à meditação, montando uma peça para crianças, viajando pela Holanda e pela Suíça, depois pelos EUA, que atravessa em auto-stop na companhia de uma amiga, do Atlântico ao Pacífico. Entre 1974 e 1978, apesar de numerosas ofertas, não entra senão em dois filmes: «Movimento em falso», de Win Wenders, e «Pontos de vista de um clown», segundo Heirich Boell, de Voitch Jasny.

1978; de novo com Fassbinder n'«O casamento de Maria Braun»

1978: aceita interpretar Maria Braun sob a direcção de Fassbinder: trata-se de uma mulher que participa no «milagre alemão» e que se identifica totalmente com a Alemanha do pós-guerra, um papel que lhe agrada particularmente. «Os papéis que prefiro são aqueles onde podemos mostrar a nossa própria natureza, onde podemos dar o mais possível de nós próprios».

Desde «O casamento de Maria Braun», voltou a participar em todas as criações de Rainer Fassbinder: «A terceira geração», uma comédia satírica sobre o terrorismo, «Berlim, Alexanderplatz», folhetim televisivo segundo o romance de Alfred Doeblin, cujas filmagens estão prestes a terminar.

A partir de Julho próximo, será Wilkie em «Lili Marlène», de Fassbinder, «filme que, diz ela, fornece uma imagem positiva da mulher, falando de uma personagem corajosa, comprometida com a vida social e consequente nas suas acções».

Comentando a sua reconciliação com Fassbinder, confessa que se trata de «um realizador fescinante», e que se tornou claro que «de algum modo fomos verdadeiramente feitos um para o outro». Hanna Schygulla não esconde, porém, o seu desejo de filmar nos EUA, com cineastas como Francis Ford Coppola, John Cassavetes Martin Scorsese, Robert Altman ou Michael Cimino. Já recebeu convites — propuseram-lhe filmar com Marlon Brando, e Alan Pakula pretendeu-a para o papel principal de «A escolha de Sofia», feito a partir de um romance de William Styron, mas ela teve de recusar devido a compromissos anteriormente firmados, na RFA, especialmente no teatro.

Recentemente participou no «Idiota» de Dostoievski, experiência que considerou decepcionante por causa da encenação «demasiado convencional».

«O que me interessa no teatro, é a vanguarda; tudo o que tem um carácter experimental. Mas acabo por preferir o cinema, porque me sinto melhor diante de uma câmara. Podemos exprimir-nos muito mais à vontade do que sobre um palco... Além disso, o teatro é excessivamente rotineiro, não me dou bem com a obrigação de representar todas as noites a mesma coisa».

Aos 36 anos, nenhum obstáculo parece entravar-lhe a carreira a não ser eventualmente ela própria, a sua própria personagem.

Procurando sistematicamente novas experiências, pondo-se sem cessar em questão, a actriz diz não se sentir completamente «integrada» em nenhum meio, e talvez ainda venha a decidir optar por novos caminhos.

Sylvie Monier, da France Presse em exclusivo para o «DL»

VIOLENTO! DRAMÁTICO! EMPOLGANTE!

MASSACRE FINAL

UM DOS FILMES MAIS ESPECTACULARES EM ARTES MARCIAIS

WANG YU · CHIANG PIN · TIEN YEH

REALIZAÇÃO DE CHIEN LUNG

Não acons. men. 18 anos

EASTMANCOLOR · SCOPE Mundial Filmes HOJE ESTREIA ÀS 14.15 H. POLITEAMA

MELHOR FILME

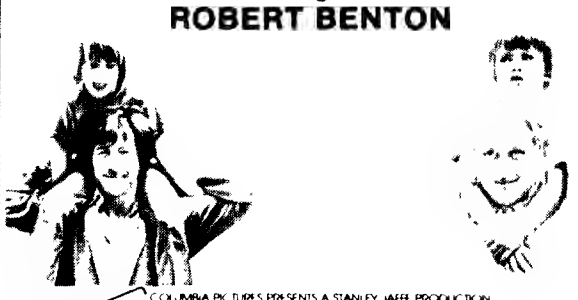
PREMIADO COM 5 "OSCARS" DA ACADEMIA

Melhor actor
DUSTIN HOFFMAN

Melhor actriz secundária
MERYL STREEP

Melhor realizador
ROBERT BENTON

Melhor argumento
ROBERT BENTON



ATENÇÃO FILME DE QUALIDADE

COLUMBIA PICTURES PRESENTS A STANLEY JAFFE PRODUCTION
DUSTIN HOFFMAN
EM
"KRAMER CONTRA KRAMER"
MERYL STREEP JANE ALEXANDER
e apresentando JUSTIN HENRY
Director de fotografia NESTOR ALMENDROS Baseado na novela de AVERY CORMAN
Produção STANLEY R JAFFE Escrito e Realizado por ROBERT BENTON

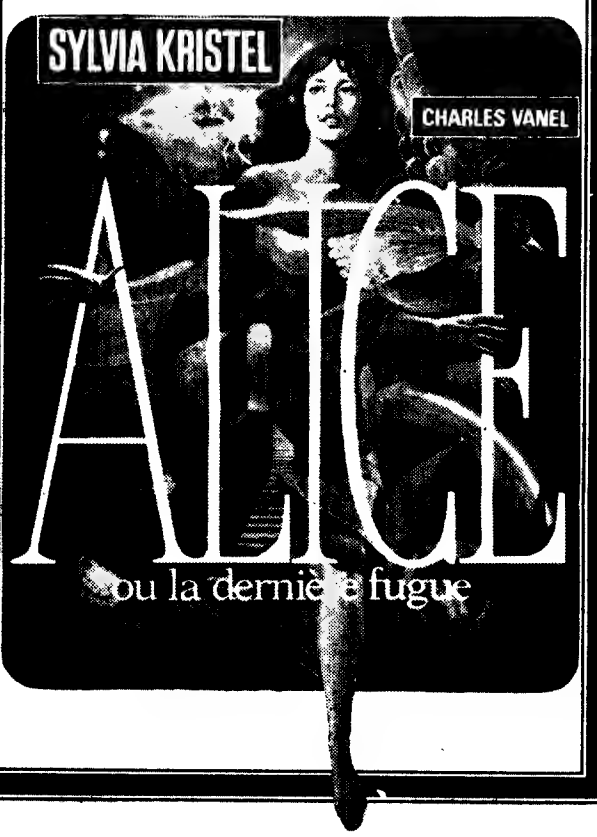
CINE 222 AV PRAIA DA VITORIA 37 (AO SALDANHA)
7.ª SEMANA
Lotações esgotadas
Não acons. a men/13 anos
TERMINAL

EASTMANCOLOR NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS DOPERFILME

CINEMA CASTIL ESTREIA HOJE ÀS 21.30 H

A fuga, o sonho... Entre o mistério e a verdade.

um filme de
CLAUDE CHABROL



EM FOCO

Jorge Leitão Ramos

"O profissional" de Walter Hill

Ryan O'Neal (à esq.) e Bruce Dern: o bandido imbatível e super-polícia

Isabelle Adjani: a jovem de negro, bela e enigmática

Duas realidades desembocam neste filme: a nostalgia do **western** e o frio quotidiano tecnocrático. Duas realidades aparentemente contraditórias: de um lado a saga poética dos **cow-boys** solitários; do outro o profissionalismo exacto e sem rosto, eficiente.

Nunca saberemos o que move os personagens deste filme. Sem nome (só é possível designá-los pelo que fazem — ver a «ficha»), com uma psicologia opaca a qualquer revelação, as suas intenções medem-se apenas pelos gestos que executam (os diálogos são, aliás, escassos) o seu posicionamento não é aferível por nenhuma bitola exterior a eles. Não há sentimentos em jogo, nem sequer há um jogo para jogar. Apenas o profissionalismo os sustenta, a vontade de levar a cabo um trabalho com perfeição. Nem o dinheiro, nem a honra, nem a aventura dão substracto a essa «ideia fixa». Por isso há um impasse que os cerca, solitário, incontornável.

E no entanto há algo de poético, de violento, de profundo nas desmedidas perseguições automobilísticas que enchem as noites deste filme. Há algo de fascinante na impenetrabilidade destes personagens sem passado nem futuro, colhidos de chofre no mundo dos arquétipos (o super polícia, o bandido imbatível, a jovem de negro, bela e enigmática), reduzidos a um papel mecânico no asfalto das cidades onde já não há espaço para sonhar, para a aventura.

Este filme remete por isso para uma memória: a memória dos duelos ao pôr do Sol, dos torneios de cavalaria (o final das «perseguições», com contendores de frente, um contra o outro, dão-nos essa referência), dos policiais negros de antanho (só que, aqui, nenhuma história de amor vem povoar a ficção), memória de outras ficções que aqui se delineiam, em breve esboço, mas se não concluem.

Marginais, os heróis desta história são ganhadores e perdedores ao mesmo tempo, afogados que estão pela eficácia sem motivo, impossibilitados de «acreditar» como de «sentir», sobreviventes inúteis de outras eras, outros espaços, outros ritos, outro cinema.

Walter Hill, um dos jovens turcos do cinema americano, concebeu este filme, antes de tudo, como um espectáculo visual. Se a expressão «cinema em estado puro» quisesse dizer alguma coisa, podia afirmar-se ser W. Hill um dos seus cultores, na reinvenção da violência contemporânea como catarse cinematográfica (Carpenter, outro jovem autor de Hollywood, também caminha nesse sentido), na manipulação da imagem como centro de trabalho fílmico entendido quase segundo uma concepção **behaviourista.** O interessante disto tudo é que um tal projecto não é feito pelo esvaziamento dos personagens, pela secundarização dos actores: antes, Hill aposta na sua espessura, só que se recusa a deixar-nos penetrar neles. Indecifrável, sem chaves, **O Profissional** é um daqueles filmes que nos interroga ao mesmo tempo que nos impele a navegar nas suas águas. Viagem irrecusável.

FICHA:
Título original: The driver.
Realização e argumento: Walter Hill (USA-1978).
Fotografia (technicolor): Philip Lathrop.
Cenários: Harry Horner.
Música: Michael Small.
Montagem: Tina Hirsch.
Interpretação: Ryan O'Neal **(o condutor),** Bruce Dern **(o detective),** Isabelle Adjani **(a jogadora),** Ronee Blakley **(a «ligação»),** etc.
Distribuição em Portugal: SIF.
Cinemas: Eden, Estúdio 444 e Tivoli.
Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos.
Duração: 91 minutos.

"Uma rapariga frágil" de Claude Goretta

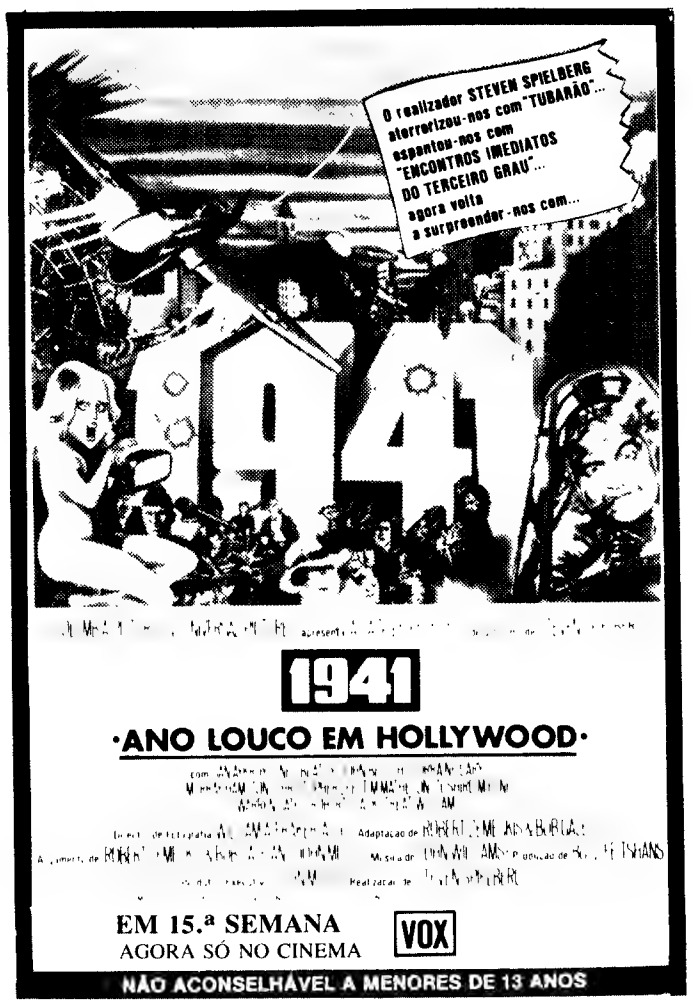
É demasiado simples e demasiado complicado, ao mesmo tempo. Demasiado simples porque esta história de tédio e solidão, pequeno espaço francês onde porém se sente uma realidade que Goretta trouxe consigo da Suíça, marcada de breves parágrafos políticos ou «feministas» que procuram dar um ponto de vista ao filme, está muito próxima de um curto manual de lugares-comuns do género e mais longe das pessoas do que o que pode parecer à primeira vista. Demasiado complicado porque a questão aflorada é vital nas sociedades industriais que habitamos e «complicá-la» com anotações de memória do cinema (como o plano final que vem em linha recta e a despropósito de **Mónika e o desejo** de Bergman), com constantes explicitações (particularmente irritantes no que de inseguro demonstram ou na ideia que do espectador fazem) e, sobretudo, com um final em absoluto desincronizado da espessura da ficção, me parece suficientemente inábil para que **Uma rapariga frágil** mereça uma atenção por aí além.

É curioso, aliás, constatar que este filme não consegue dar uma grande consistência aos personagens. Ou melhor, essa consistência sofre de vários arritmias. É óbvio que Goretta «entende»m melhor François que Pomme, o personagem masculino é mais trabalhado, mais concreto, mais atravessado por dúvidas e contradições, numa palavra, mais «identificável» que o personagem feminino. Este, ao invés, é um ser constantemente obscuro e indecifrável, rígido, quase um estereótipo. Porém, Isabelle Huppert é uma actriz infinitamente melhor que Ives Beneyton. E temos assim que o personagem mais interessante acaba por ter, ao nível do produto final, um estatuto que soa a falso enquanto o personagem mais monolítico resulta em algo de bem mais sólido. Contradição insuperável.

Por outro lado, o filme não foge ao tédio que pretende retratar e isso é mau. Arrasta-se lentamente, sem capacidade para descolar, nos emocionar, sequer nos fazer reflectir. Os «recados» surgem muito óbvios, tal como as situações nos aparecem mais ou menos estereotipadas e nem sequer típicas. Aquele jovem não é um intelectual egoísta, é um chato. Aqueles serões de discussão sobre a sociedade e o mundo só existem na cabeça de quem nunca passou por eles. Fica o quotidiano monótono, a única coisa que este filme parece conhecer bem, mas é pouco. Já houve quem falasse disso bem melhor.

Fica também Isabelle Huppert, uma das novas actrizes do cinema francês (ou francófono) que mais serena e seguramente se têm vindo a implantar na memória do espectador. Nas mãos de Chabrol foi **Violette Nozière**, fãscinante. Nas mãos de Goretta fica bem mais aquém.

FICHA:
Título original: La dentelliere
Realização: Claude Goretta (Suíça-França-RFA-1977)
Argumento: C. Goretta e Pascal Lainé, segundo o romance homónimo de P. Lainé
Fotografia (eastmancolor): Jean Boffety
Cenários: Serge Etter
Música: Pierre Jansen
Montagem: Joëlle van Effenterre
Interpretação: Isabelle Huppert (**Pomme**), Yves Beneyton (**François**), Florence Giorgetti (**Marylène**), Anne-Marie Düringer (**a esposa**), Michel de Ré (**o artista**), etc.
Distribuição em Portugal: Sacil
Cinema: Nimas
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos
Duração: 115 minutos



Os rattus norvegicus de Mahfra

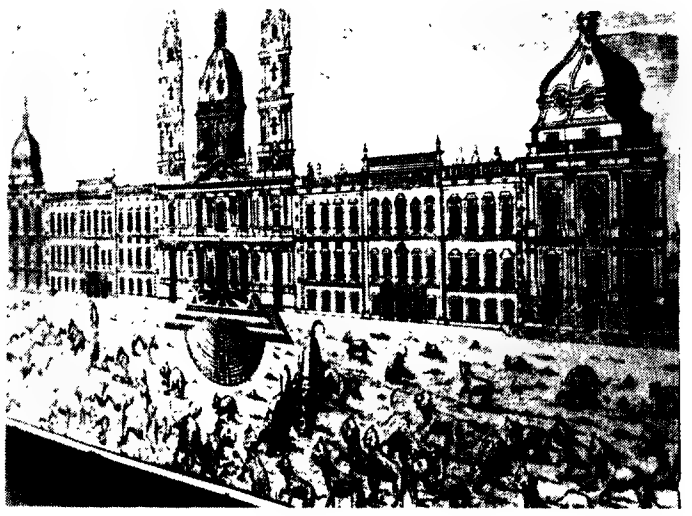
Imagine o leitor que a poucas dezenas de quilómetros da capital deste país — este em que este suplemento se edita — se vive uma situação de perigo iminente e gravíssimo. Perigo não só para a população vizinha, como para tudo o que mexe nos quilómetros mais próximos. E sabe-se lá se a própria cidade em que este suplemento se edita não está ela também no perímetro da catástrofe possível. A «coisa» é por de mais conhecida: se perguntar a dez pessoas das suas relações se sabem do que se trata, seguramente que pelo menos uma lhe saberá responder. As autoridades regionais e, presume-se, nacionais, estão advertidas. Os jornais e jornalistas há muito que o sabem! Mas ninguém, mesmo ninguém, ousa trazer o caso para a praça pública, tomar medidas, exigir que elas sejam tomadas. E a ameaça está aí, estamos à sua mercê. Medos ancestrais, terrores escondidos, angústias mais antigas que o tempo e outras coisas mais, tudo contribui para que, estarrecidos, todos nós guardemos; em silêncio, o nosso segredo. Aliás, de que nos serv ria a nós, míseras criaturas, enchermo-nos de coragem e desatarmos para aí a denunciar o perigo? A ameaça é tal que de pouco valeria congregar esforços e preparar a cruzada. A técnica e a ciência modernas de pouco também nos valeriam, para lá de nos ajudarem a partilhar as nossas angústias e medos, e a acalentarem as nossas esperanças. Contudo, e apesar de tudo, e dado que ainda há quem não saiba, decidimos quebrar o muro do silêncio!

A «grande ameaça»

Saiba o leitor que, conforme muitos lhe poderão jurar isto não é ficção. E saiba que a grande ameaça é constituída por uma autêntica multidão de **rattus norvegicus**, vulgo ratazanas de meio metro. O epicentro dos temores que nos afligem situa-se nos esgotos e nos subterrâneos daquela a que já os infiéis chamavam Mahfra. Aliás, tão velhos como os nossos inimigos mouros, seriam quase os nossos inimigos **rattus**.

Tratar-se-ia, e aqui falamos no condicional porque não ousamos verificá-lo «in locco», de uma raça degenerada das nossas tão familiares ratazanas de esgoto. Habitariam às centenas de milhares segundo alguns seriam mesmo mais que os habitantes deste país nas partes inferiores do convento de Mafra e nos túneis de esgotos que dele saem passando por debaixo da Vila.

Essa autêntica massa viva alimentar-se-ia dos detritos evacuados através dos túneis e dos corpos dos seus irmãos mais fracos. Diz-se até que algumas autoridades teriam conseguido um «subsídio de alimentação» para financiar o lançamento nos esgotos de grandes quantidades de alimentos que impediriam assim a saída da bicharada para o ar livre. Bicharada vil e



repugnante, que, além de ser pelada e cega, provocando reacções de pânico só ao vê-la, dizimaria tudo e todos numa vasta área, se algum azar da natureza ou outra, cá para fora a mandasse. Essa sorte seria apenas a mesma que aquela que foi a de dois ousados e astuciosos soldados que, de lança-chamas em riste, teriam, em anos recentes, tentado pôr fim à assustadora praga. Igual foi, aliás, o destino de várias centenas de gatos que teriam sido metidos no barulho. É que cada **rattus** parece ser maior que um coelho espigadote.

A situação mais temida seria no entanto uma qualquer fractura de origem sísmica que esventrasse os fundos do convento e desse à luz aquela monstruosidade da natureza mãe.

A «coisa» seria tal, que los meios técnicos actualmente disponíveis exigiriam despesas importantíssimas e a evacuação de pessoas e animais num raio de 15 quilómetros ao redor do convento, durante quinze dias.

Afinal como é?

Há dias deslocámo-nos a Mafra para ver com os nossos olhos o que se passava e soubemos muitas coisas. Parece, segundo testemunhos vários, que, desde sempre, a rapaziada da vila organiza expedições aventurosas pelos túneis do convento para caçar pombos que por eles entram, e aí são presa fácil. O imaginário popular lá do sítio, há muito que liquidou as famosas ratazanas do convento deixando-as apenas na memória dos velhos, que contam histórias de «capitães decapitados» vagueando entre as ratazanas, e aparecendo de vez em quando nos jardins do quartel que no Convento se albergou. Uma reprodução de quadro ou tapeçaria antiga, exposta nas instalações da Câmara (sita no convento), lembra por outro lado que os artistas também aliaram a sua representação do edifício à existência de estranhas espécies animais (ver foto).

Um velho camponês diz-nos por entre as monumentais colunas da basílica que, essa das ratazanas, «já vem da primitiva, lá do princípio do mundo». Um vereador municipal, bem ao corrente do processo, também se lembra de, na sua infância, há muitas décadas volvida, liquidar nos túneis, com «espadas de pau», uma ratazana maior que um gato. «Mas olhe que nunca mais lá vi nenhuma»! Outros cidadãos dessa pacata vila confirmaram-nos: «Ratazanas? Até em casa dos reis as há e a mim nunca me fizeram mal.»

A montanha pariu um rato

A montanha pariu um rato. Nem sequer uma ratazana.

Procurávamos a reportagem, tivemos de nos ficar por uma evocação daquilo de que a «vox populi» é capaz e que apenas um especialista da sociologia do boato saberia explicar.

Ratazanas de Mahfra, leões de Rio Maior, lobos da Pontinha, monstros de Lochness e outros, trá-los e leva-os o vento que propala as vibrações da comunicação oral.

Averiguada a questão junto da Escola Prática de Infantaria, da Câmara Municipal de Mafra e de uma empresa especializada em operações de desratização, fomos tranquitizados: de facto, ratos há tantos em Mafra como em qualquer outra aglomeração urbana. O seu temanho é variado como em muitos outros sítios. Alguns são relativamente grandes. O seu número, esse, garantiu-nos um técnico da referida firma, nunca passará das escassas centenas nos subterrâneos do Convento e dos dois milhares no conjunto da rede local de esgotos. O perigo que constituem para a saúde pública, é o habitual nessas circunstâncias. Uma correcta política higiénico-sanitária impõe, tanto quanto possível, a sua exterminação, como se faz em casos semelhantes sem dispêndio de grandes somas. A Câmara Municipal, que não atribui qualquer gravidade à existência de «algumas ratazanas» estuda a questão e, se julgar caso disso, tomará as medidas que se impõem. A resolução daquilo que «não considera um problema» não obriga aliás a qualquer evacuação de animais ou populações e não apresenta qualquer perigo para o meio ambiente. A praga não existe, a «ameaça» está excluída! A imaginação popular continua viva e actuante e ainda bem. O leitor pode dormir descansado!

José António Cerejo

O NOVO "LOVE STORY"

Não acons a men. de 13 anos

UM SORRISO UMA LÁGRIMA

RICHARD JOHNSON • PAMELA VILLORESI

Um filme de LUIGI COZZI

HOJE ESTREIA
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30

ROXY

SONORO

"...A guerra, o maior flagelo da Humanidade, não pode ser controlada. Deve ser abolida..."
—DOUGLAS MacARTHUR—

Gregory Peck

MacARTHUR
O GENERAL REBELDE

-MacARTHUR the Rebel General-
uma Produção de RICHARD D. ZANUCK/DAVID BROWN
com ED FLANDERS · DAN O'HERLIHY · MARJ DUSAY
Argumento HAL BARWOOD e MATTHEW ROBBINS
Música de JERRY GOLDSMITH · Produção de FRANK McCARTHY
Realização de JOSEPH SARGENT · TECHNICOLOR
UNIVERSAL/CINEMA INTERNATIONAL CORPORATION

HOJE ESTREIA
Às 15.30, 18.30, 21.30 h

ROMA

DISTRIBUIDORES REUNIDOS

CORAGEM! VIOLÊNCIA! ARROJO! EMOÇÃO!

SECRETA E ESPECIAL

BRIGADA SUICIDA

UMA NOVA FORMA DE COMBATER O CRIME!

MARC POREL • RAY LOVELOCK • ADOLFO CELI
SILVIA DIONISIO • Realização de RUGGERO DEODATO
TELECOLOR * INTERDITO a menores de 18 anos

2.ª SEMANA no PATHÉ

Começa aparentemente a surgir

Como responde o corpo às agressões psicológicas do meio ambiente? Como se defende? Um especialista de psicosomática vai dar-nos a resposta. Não vou definir o doutor Debauche. Ele também não me propôs definições. Limitou-se a falar - entrou no seu pensamento como numa quarta dimensão. Não se espantem portanto se as suas respostas não parecem apropriadas, ou se a frase saltar de súbito como a corrente de uma bicicleta. Não se trata de divertimentos para o leitor mas da investigação contínua do caminho, e de uma maneira de o mostrar. Lembra-se das aventuras de Alice no País das Maravilhas e do seu periplo do outro lado do espelho? Ela encontrava uma velha cabra numa estranha loja: era impossível fixar qualquer objecto colocado nas estantes. Não procurem, também aqui, saber se todas as palavras estão no seu lugar e aquilo que elas podem dignificar. À força de as olhar perderiam todo o significado.

Um doente procurou-me um dia. Era-me mandado pela secção de doenças pulmonares e tinha na mão um aerosol. A certa altura disse: «Que esquisito. Há uma hora que estou a falar consigo e ainda não utilizei a bomba!» Eu então perguntei-lhe: «O quê? É anarquista?» Olhou para a direita e para a esquerda e respondeu: «Sou. Como é adivinhou? O meu problema é esse. Tenho um lugar importante na banca e um medo horrível de que descubram o meu passado. Pertenci com efeito a um grupo de anarquistas quando era jovem, e morro de medo de que o descubram.» Fora um pouco louco da minha parte perguntar-lhe se era anarquista, mas essa espécie de «flash» de loucura permutira-me ganhar um ano. Descobrira o seu segredo sem o fazer de propósito. Uma pessoa normal não tem medo da loucura. Nós não utilizamos a centésima milésima parte das nossas potencialidades humanas. Conheço uma pessoa normal e vejo que ela utiliza decerto cem mil vezes mais possibilidade do que eu. Cada vez há mais pessoas normais. . Não as há na Bélgica, mas há cinco em França, umas dez na América do Sul, umas dez na Índia, duas ou três no Japão, e, segundo penso, mil ou duas mil nos Estados Unidos.

Chamo normal a alguém que vai mais além, que tem uma criatividade formidável; por exemplo, Eiko Kol, que foi professor do meu irmão (expressão corporal e presença em cena). Um dia em que ceava em casa dele, um dos seu amigos, a quem salvou a vida durante a guerra, contou-me esta história: eles tinham que fugir para a Estónia, que é a sua pátria e disseram-lhes que fossem ter a uma cidade grande ou então à Suécia, porque o exército vermelho se aproximava. Então fugiram e refugiaram-se numa fortificação do exército alemão onde foram apanhados. Os alemães saíram da fortificação de braços no ar gritando «Camaradas!», e morriam como coelhos. Quando foi a vez de Eiko Kol, este grutou, abrindo os braços: «Françouski, Paris!». E nesse momento preciso, ainda eles atiravam, atreveu-se a gritar «Françouski, Paris!». Porque ele respeitava os tipos que atiravam e pensava: «Estes tipos devem ter um **briefing** antes do ataque e sabem que entre os alemães há prisioneiros franceses que têm que recolher.» Salvou assim a vida a todos os que vinham atrás dele e ao amigo, porque a excitação dos soldados russos tinha passado. A isto chamo eu normalidade porque é uma criatividade no respeito total pelo outro, mesmo que ele esteja a atirar, e isto é extraordinário. Todos os dias encontramos pessoas que são capazes de encontrar a palavra necessária — mas é certo que durante alguns segundos eles têm um ar um pouco louco.

Um dia um doente quis estrangular-me numa consulta de psiquiatria. Batemo-nos, ele era mais forte do que eu, mas eu jogava melhor o boxe. De súbito, uma velha enfermeira entrou e gritou: «O que é isto? Quem é que começou?» E, de súbito, eramos como dois garotinhos. Foi uma pergunta um tanto louca mas que era necessário fazer porque parámos completamente. Há constantemente histórias destas. O problema que o catecismo nos punha quando eu era pequeno era este: «Por que viemos ao mundo?» E a resposta era: «Para conhecer, amar, servir.» É maravilhoso. Depois acrescentava-se: «Deus e assim chegar ao paraíso.»

Acrescentavam-se pois umas palavras idiotas« Mas «conhecer, amar, servir», acho formidável, porque o **homem é a vida que toma consciência de si própria,** e, durante o nosso delírio de importância devemos atingir um pensamento maior do que o nosso, impedindo-nos assim de sermos burros. Senão tudo é idiota. Logo que compreendemos que, ao aceitarmos as referências dos pais ficamos completamente idiotas, apercebemo-nos que não é esse o nosso interesse e partimos para a creatividade. Enfim, impedimo-nos de impedir. E então tudo vai depressa e tudo sara, e isso é que é curioso. É, na verdade, curioso ver como as pessoas são prisioneiras de si próprias e fizeram cuidadosamente as armadilhas onde caíram. Então gritam por socorro. E quando lhes dizem que foram eles quem fez a armadilha, zangam-se. E acusam toda a gente.

As maiores defesas do nosso organismo são as que nós prprios lá colocámos

F.D. — E assim mesmo. Chegamos ao diálogo entre as civilizações. O que interessa é que a haja muitos diálogos. Depois o humor. Já é a modificação de uma certa coerência exagerada.

Fala-me de comunicação humana. Mas não acha que se fala cada vez mais das máquinas ou através das máquinas? Não haverá uma deformação na comunicação?

F.D. — Não sei. Tive muitas coisas boas nos últimos anos, sobretudo depois dos cinquenta anos. Entre elas as que me chegaram pelo meu aparelho de fazer música, mas também pela televisão. A televisão trouxe-me homens, homens prodigiosos. E raro mas é agradável. Gostaria que houvesse aparelhos nas ruas de Tóquio, que nos permitissem ver em directo o que lá se passa. Ver longe satisfazia-me. Mas se também se pudesse comunicar, seria o ideal. Quando era jovem, o meu tio deu-me um aparelho de TSF do exército americano e eu ouvia os missionários franceses que, no norte, comunicavam entre si. Comunicações que eu mal compreendia porque eles falavam em código, mas adorava. Adorava estar em contacto com seres humanos, adivinhar o que eles faziam. Por um lado era frustrante não estar em contacto directo com eles, mas não mais frustrante do que as tentativas que se fazem aqui. Como dizia um médico polaco, um tipo muito giro, cheio de humor: «Sabes, não há uma grande diferença entre Bruxelas e Moscovo. Em Moscovo as reuniões de mais de três pessoas são proibidas, na Bélgica são impossíveis.» «Mas o que queres tu dizer?» perguntava eu. «Que vocês, os belgas, não têm nenhuma ternura uns pelos outros.»

Longo silêncio durante o qual uma ave atravessa a sala em silêncio. Vejo-a nos seus olhos.

A ave é um símbolo de sexo. Por exemplo, houve... A minha disse-me que era a cegonha que trazia os bebés. O meu amigo Luís, que morreu na guerra, dizia-me: «Não, é idiota pensar isso. Vou mostrar-te o dicionário médico e verás como isso se passa.» Então voltei para junto da minha mãe e disse-lhe: «O Luís disse-me que o que me explicaste é ridículo.» Ela respondeu simplesmente: «Há pessoas com quem as coisas se passam como o Luís disse. Mas connosco passam-se como eu te contei.» E depois, na escola, explicaram-me que a terceira pessoa, o Espírito Santo, tivera de intervir para fabricar a segunda pessoa no ventre de Maria. O Espírito Santo, uma ave... Mais uma ave, pensei. Depois falaram-me de Leda e o cisne, outra ave. Em flamengo diz-se «mijn vogel», em americano «my cock», em francês «mon zizi»». Então pensei que a minha mãe não era louca e estava reconciliado com ela por ter escolhido uma grande ave, a cegonha, para definir o sexo do meu pai.

A sexualidade masculina está antiquada. É uma sexualidade de conquista e de poder, que põe um grande problema. Tenho uma amiga que é uma grande especialista nesse domínio. «O amor devia ser a expressão total», dizia-me ela. «Devíamos recitar os nossos poemas, tocar a nossa música. Devíamos exprimir-nos totalmente com as nossas mãos, com os nossos pés. Devíamos dançar, mas não com uma música e um ritmo propostos, devíamos lançar-nos na expressão total, até ao momento em que a emoção aumentasse, aumentasse e, nesse momento, podia haver um orgasmo e era o fim da história». Mas na sexualidade masculina antiquada, o orgasmo tornou-se o objectivo. É ridículo, o fim torna-se o objectivo, como se se escrevesse um filme onde de dez em dez minutos surgisse a palavra FIM, FIM, FIM. «Há homens, dizia ela, que, quando fazem amor, recomeçam. Há mesmo os que recomeçam cinco vezes. Deve ser a eles que se chama impotentes!»

É preciso rever completamente todas as noções, porque vivemos num mundo inerte. Se se parte de uma ideia preconcebida, fabricam-se decepções. Se se parte de uma prática em movimento e se olha para o que se passa, não pode haver decepções. Claro que isto parece demasiado simples ou demasiado complicado. Mas não é uma coisa nem outra. O problema não está em perceber mas em sentir e viver, em mudar. Compreender é modificar-se, dizia Sartre. É assim e eu penso que as crianças vivem isso.

Tem essa impressão?

F.D. — Sim, é maravilhoso, refaz-se toda a biologia no ventre materno, tudo desde a primeira célula, toda a história da vida. E depois sai-se, no hospital, momento importante, um choque formidável. A passagem da água para o ar, tão importante. E depois começa um trabalho formidável. Recomeça-se toda a história dos homens. Refaz-se o Cromagnon, refazem-se as grutas de Altamira, as crianças refazem uma fogueira. É maravilhaso, que trabalho! E depois tornam-se o homem actual, aprendem as matemáticas árabes, depois, de súbito, não se sabe porquê, tornam-se adultos embrutecidos que estacam e que começam o repetitivo. Portanto, depois de nove meses de trabalho e dezasseis de uma actividade prodigiosa, de súbito, pronto, o repetitivo. É completamente idiota. De repente paramos, tornamo-nos adultos brutos quando podíamos ser génios, génios criativos.

Não vão até aos dezasseis anos; param muito antes dessa idade.

F.D. — Não, porque as pessoas encontram sempre actividades. Como e natural vão para actividades desportivas. Mas que actividade! E depois, um dia, o repetitivo com os seus formidáveis perigos. É por isso que acho bem que as pessoas sejam forçadas a ser normais. Acho isso formidável porque, se tivéssemos que decidir, seria demasiado difícil.

Não tem carro?

F.D. — Tenho, sim, tenho um carro. Em tempos tive um grande automóvel americano, descapotável. A minha mulher tinha um carro pequeno, estava furiosa. Eu não compreendia. O meu pai fizera sempre assim. Agora temos dois carros pequenos e tudo corre bem. Isto é completamente idiota porque é simbólico, analógico. É uma analogia que devia fazer-se, mas são simples detalhes irrisórios. Ajuda, em todo o caso, a investigar. Procuram-se valores possíveis para toda a gente.

A terceira pessoa

Penso que na actividade a primeira pessoa da Santíssima Trindade foi demitida e substituída pelo filho, que era coerente. Fazia milagres mas

sete PONTO sete

Sete Ponto Sete, suplemento das sextas-feiras do «Diário de Lisboa».

Responsabilidade editorial: João Mendes. Colaboradores permanentes: Jorge Leitão Ramos, Carlos Porto, Mário Vieira de Carvalho, Ernesto Sampaio, Rogério Rodrigues, Manuel Anta. Colaboradores convidados: Duda Guennes, Carlos Pessoa, Manuel Cadafaz de Matos. O Sete Ponto Sete não se compromete a publicar colaboração não solicitada e os originais não publicados não serão devolvidos. Consideramos, porém, com o maior interesse, a correspondência que nos é enviada com pedido de publicação, deve ser dirigida a João Mendes, Redacção do «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44 1200 Lisboa, com a menção «Suplemento Sete Ponto Sete».

MEMÓRIAS DE CINEMA

Prossegue hoje no Quarteto o ciclo «Memórias do Cinema» com as seguintes sessões duplas:

A partir das 23.40

SALA 1

A RAPARIGA NA ZONA QUENTE
Real.: Paul Schrader
UM ITALIANO EM NOVA YORK
Real.: Ettore Scola

SALA 2

O AMOR VIOLADO
Real.: Yanik Bellon
UM DOMINGO DE PRAIA
Real.: Sergio Citti

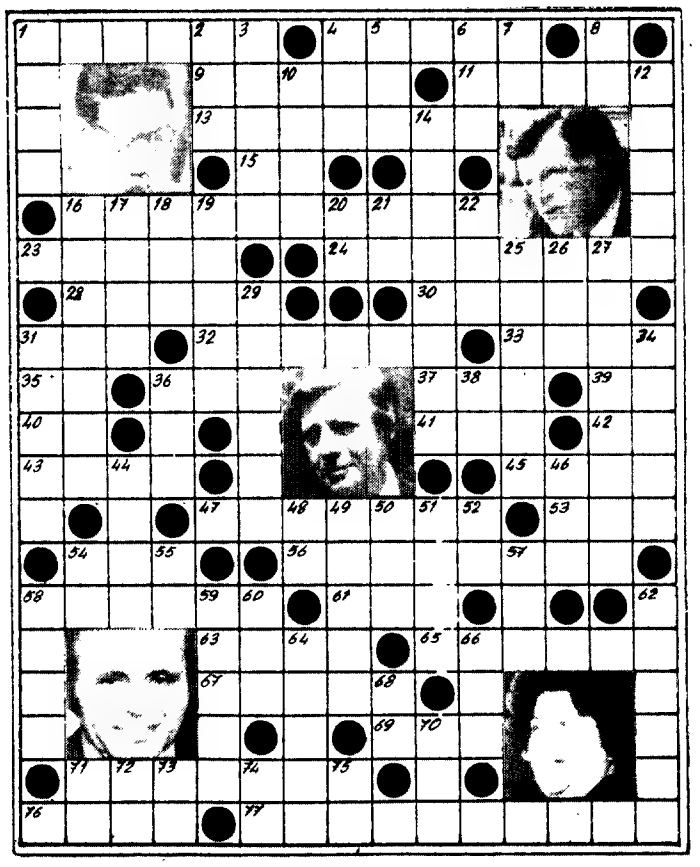
SALA 3

UM ITALIANO EM NOVA YORK
Real.: Ettore Scola
O AMOR VIOLADO
Real.: Yanik Belloni

SALA 4

QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA [illegible]
Real.: [illegible] Nichols
A RAPARIGA NA ZONA QUENTE
Real.: Paul Schrader

palavras cruzadas



HORIZONTAIS:

1/16: Diz-se que esta ex-Primeiro-Ministro foi impedida de ir a Paris, onde iria ser eleita para presidente da Comissão dos Direitos do Homem da UNESCO, pelo Ministério dos Negócios que alegou, «motivos de serviço», para a retenção da dita em Lisboa; 4: Inocentes; 9: Dormir (falando-se de crianças); 11/24: Mário Soares negou, em entrevista concedida ao «Jornal do Brasil», as afirmações de Sá Carneiro, segundo as quais teria relações privilegiadas com a CIA, através deste seu actual director e ex-embaixador dos EUA em Lisboa; 13: Arrendara; 15: Basta!; 23: Caruncho (fig); 28: Mudança; 30: A que lugar; 31: Rio de Portugal; 32/47: Este senador norte-americano e o antigo director da CIA George Busch, venceram nas primárias da Pensilvânia; 33: Lugar onde se seca a cana-de-açúcar; 35: Artigo definido; 36: Boi selvagem; 37: Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho; 39: Antiga unidade monetária da Alemanha; 40: Sentidas condolências; 41: Canto; 42: Pronome pessoal; 43: Parte superior da ramagem das àrvores; 45: Rio que banha Setúbal; 53: Cidade de França; 54: Corda de rebocar; 56: Cobrisses de iodo; 58/71: O Governo alemão federal, confirmou a notícia de que este chanceler poderá vir a encontrar-se com Leonid Brejnev, em Moscovo, no próximo Verão, entretanto e em relação à actual política, este chanceler recomenda o emprego «de um tom moderado», em relação à União Soviética; 61: Abreviatura da palavra tenuto. (mus); 63: Planta de fibras têxteis em Angola; 65/»»: Este secretário-geral do PC italiano foi o convidado de honra de um grande banquete de boas-vindas oferecido por Hua Guofeng, ficando assim reconciliados os partidos PCI e PCC; 67: Rio de França; 69: Álcool de melaço; 76: Cidade da Holanda.

VERTICAIS:

1: O mesmo que cegonha de tirar água dos poços; 2: Cidade da Sicília; 3: Cidade da Argentina; 4: Página; 5: O mesmo que berne (larva) Bras; 6: Azáfama; 7: Senhor; 8: Rado (s.q); 10: Despidas; 12: Cidade do Japão; 14: Moderadas; 16: Brincalhão; 17: Apre!; 18: Ninho; 19: Urdir; 20: Acrescentando uma vogal, é cidade do Perú; 21: Nota musical; 22: Freguesia do concelho de Amarante; 25: Povo antigo da Gália; 26: Quatrocentos e um em romano; 27: Fechadas; 29: Alinde; 31: Ópera de Puccini; 34: Causou amuo a; 36: Cidade do Estado da Baía; 38: Preposição e artigo; 44: Proveito; 46: Género de crustáceos; 48: Níquel (s.q); 49: Observar; 50: Cidade dos Países Baixos; 51: Irrite; 52: Velha cidade bretã que no século IV ou V, teria sido engolida pelas ondas; 54: Pronome pessoal; 55: Antes do meio-dia; 57: Ribeira de Portugal; 58: Antiga moeda de ouro da Índia; 59: Ligavam; 60: Bigorna de aço sem hastes; 62: Ave de rapina da América do Sul; 64: Governe; 66: O mesmo que não (ant); 68: Alteza Real; 70: Cantão da Suíça; 71: Freguesia do Concelho de Ponte de Lima; 72: Cento e um em romano; 73: Tempo do verbo haver; 74: Bismuto (s.q. e inv.); 75: Acrescentando uma vogal é o mesmo que três.

SOLUÇÕES

VERTICAIS:

1: Late; 2: Ena; 3: Salta; 4: Pag.; 5: Ura; 6: Afa; 7: Sr; 8: Rn; 10: Nuas; 12: Kochi; 14: Regradas; 16: Patusco; 17: Irra!; 18: Nio; 19: Tecer; 20: Ic; 21: La: 22: Olo; 25: Unelos; 26: CDI; 27: Cerradas; 29: Adorne; 31: Tosca; 34: Amuou; 36: Una; 38: Ao; 44: Prol; 46: Ape; 48: Ni; 49: Notar; 50: Ede; 51: Dane; 52: Ys; 54: Te; 55: Am; 57: Sor; 58: Hona; 59: Uniam; 60: Tas; 62: Condor; 64: Mande; 66: Nom; 68: AR; 70: Uri; 71: Sa; 72: Cl; 73: Ha; 74: Bi; 75: Tr.

HORIZONTAIS:

1/16: LOURDES PINTASILGO; 4: Puras; 9: Nanar; 11/24: FRANCK CARLUCCI; 13: Alugara; 15: Tal; 23: Cárie; 28: Troca; 30: Aonde; 31: Tua; 32/47: EDWARD KENNEDY; 33: Eira; 35: Os; 36: Uro; 37: Aal; 39: Rm; 40: SC; 41: Soo; 42: Eu; 45: Sado; 53: Pau; 54: Toa; 56: Iodasses; 58/71: HELMUT SCHMIDT; 61: Ten; 63: Nama; 65/77: ENRICO BERLINGUER; 67: Isara; 69: Rum; 76: Haia.

um certo número de pessoas normais

sempre por dedicação, milagres, enfim, coerentes. Enquanto que acredito que estamos agora no Pentecostes; chegámos à terceira pessoa. O Pentecostes é psicadélico. Há pequenas chamas sobre as cabeças e os apóstolos julgam falar todas as línguas, e é o Amor. Penso que o Grupo do Amor chegou. E se se quer continuar na segunda pessoa, que é a palavra substancial, o verbo, se se quer continuar a ficar puramente na coerência sem repôr tudo praticamente em questão, pois bem, a crise, já que de crise se fala, vai continuar.
Sinto-me apaixonado por isto: o que é que pôde determinar os primeiros cristãos a interessarem-se tanto por este suporte incrível? Porquê ter definido o Pai, que é sem princípio, o Filho que é a Palavra, o Verbo, e o Espírito, que é o Amor entre as duas pessoas? Eles são iguais embora sucessivos e existem em toda a eternidade. Como é possível preocuparmo-nos tanto para definir uma coisa assim? Terem sido tão condenadas pessoas que só estavam um pouco afastadas (os Salesianos, os Samosacianos, os Arianos)? À psicologia animal que está em nós chamamos parapsicologia, mas é uma psicologia presente desde sempre e que encontramos. O Tempo que se aproxima será absolutamente maravilhoso, já distingo isso nalgumas pessoas. Eu próprio, porém, talvez seja como Moisés, que não chegou à Terra prometida.

É um indicador. Cumpre a sua função indicando simplesmente o caminho.

F. D. — Tenho clientes que entram. Mas é pena para mim, é frustrante.

E assim que sente o seu trabalho de médico?

F. D. — Em psicosomática somos um pouco como os escritores públicos na Índia. Quando toda a gente souber ler e escrever, já não haverá necessidade de especialidades de psicosomática. Não é uma profissão de futuro, já que todos os médicos vão ter essa especialização, e as pessoas igualmente.
Quando eu estava no hospital os médicos diziam: «Você vai deixar de ter o nosso 'standing', a nossa fortuna e o nosso poder». Mas o poder é a primeira pessoa e o poder não nos interessa. Um homem como Lacan já está na segunda e na terceira pessoa. É por isso que se diz que ele é incompreensível, está na terceira pessoa.

Onde o vento sopra?

F. D. — Sim, creio. Creio... O que mais me espanta é ver como as pessoas conseguem viver, conseguem vencer sem deixar o seu mundo tão estreito. O homem é extraordinariamente adaptável e maleável. Como é possível viver neste local bizarro que é o nosso estreito mundo? Acho formidável, incrível, viver assim, quando era possível viver verdadeira e completamente. Mas, par tal, seria necessário conseguir reconciliar a filosofia luminosa do Oriente com a ética científica luminosa do Ocidente. Até nova ordem é difícil mas não impossível. Só que temos uma dialéctica demasiado lenta. Ou então porque não respeitamos o ritmo lento do verdadeiro amor. Somos apanhados num ritmo rápido de angústia. Sempre o ritmo rápido da angústia. Tomos assim educados e é por isso impossível praticar na verdade uma dialéctica viva. O cérebro mete-se sempre no caso e imobiliza a situação.

O nosso mundo encolheu. É preciso ser-se inteligente para viver num mundo como a Bélgica. Então?

F. D. — A maior parte dos medicamentos psiquiátricos devem-se à França, à Bélgica e à Suíça. A França com os derivados do Fenergan, que modificaram radicalmente os tratamentos psiquiátricos, a Bélgica com os Butirofenois, e a Suíça com os antidepressivos, os inibidores da monoamina oxidase e os ansiolíticos de tipo valium. É incrível. Todos os outros países trabalham a partir destes medicamentos. Portanto, estes três países foram os únicos a fabricar os medicamentos psiquiátricos. Isto causa espanto, não é verdade? Porque foi assim?
Como os cancros quando deixam de progredir. Invadiram uma zona formidável, depois param. Durante os meus estudos encontrei um caso deste género. Não é frequente mas acontece. E um pouco chocante. Não segue o programa do computador. Tem um aspecto bizarro.

Nessa altura o doente já não tem interesse para o médico. Já não está doente?

F. D. — Não é por isso. É porque deixa o programa do computador. É o mesmo em todos os domínios. No pensamento também. Para mim também. É por isso que não sei entrar na terra prometida. Toda a gente tenta deixar o programa do computador. Simplesmente, tentam fazê-lo com referências que estão no programa. Então, até nova ordem é impossível.

E preciso atirar contra o computador?

F. D. — Não creio. Precisamos dele. Acho que adquiriu uma importância demasiado grande. Acho que precisamos da nossa personalidade, do nosso pequeno eu como ferramenta. Como ferramenta social, profissional, mas esse eu é um usurpador. Tomou todo o poder e então é um delírio de importância. Enquanto esse delírio existir, haverá concorrência, comparação, competição. Só depois disto tudo pode haver complementaridade. Às vezes o amor pode fazer mudar o nível em que se vive. E o amor, como uma terceira pessoa, é, na verdade, outra forma de inteligência, um conhecimento que não é incompatível com uma vida sexual normal, mas em que o prazer não é o objectivo. De resto, há cada vez mais entusiastas do Pentecostes, quer se trate do renovo carismático do cardeal Suenens, quer se trate de todas as pessoas que querem praticar os dons do Espírito Santo que se chamam amor, alegria, paz, paciência. Quatro maneiras de dizer bondade, é formidável. E mais: fé, modéstia, continência e castidade. Portanto é, na verdade, outro mundo que conduz a outra maneira de ver as coisas. É formidável, apresenta quatro maneiras de dizer«bondade», o pequeno catecismo.

É o seu livro de cabeceira?

F. D. — Não. É o meu passado feliz.

Foi educado catolicamente e continua a ser católico?

F. D. — Não há maneira de escapar a essa visão, a essa cultura.

E um facto universal ou é para si um meio de ascender a algo de diferente, uma espécie de chaminé?

F. D. — Sim, sou um entusiasta de São João da Cruz, como monitor desse amor conhecido. Acho esse livro extraordinário.

Habitualmente as pessoas que apregoam essas teorias são as primeiras a reprimir as outras...

F. D. — Sim, essa é a primeira pessoa, é a ditadura dos funcionários e a paragem de toda a creatividade. Em dado momento temos o nosso medo individual, como diria Holderlin. Logo que ele se torna demasiado importante, estamos prontos, entramos no delírio da importância, tudo pára. Pelo contrário, se o grupo come o nosso medo, passa-se para a ditadura dos funcionários e tudo pára. E é preciso estar permanentemente em movimento.

O problema está em avançar e em que a ultrapassagem dos contrários se faça depressa. Mais depressa senão vamos parar a um dos pólos e tudo tem que recomeçar.

É engraçado, este catecismo, porque na idade em que o aprendeu, era o prego que lhe espetavam na cabeça, e isso voltou-lhe...

F. D. — Sim, eu pensava que nas suas sabedorias, um homem normal integrou os valores da tradição e os valores progressistas. Um homem normal considera que os pais tinham um grande valor e que a sua criatividade infantil também tinha um grande valor. E totaliza assim estes dois pólos. Portanto é preciso revê-los.

É isso para si o homem normal?

F.D. — Não, o homem normal raciocina depressa. Grita em russo «Franceses, franceses, Paris!» e salva a vida a toda a gente.

É uma reacção de sobrevivência.

F.D. — Justamente. Todo o tempo para sobreviver no mundo actual.

Essa rapidez também é uma velocidade estática.

F. D. — Não, estática não. É um mecanismo de felicidade. É algo que se situa ao nível do amor-conhecimento, é o mundo da terceira pessoa. Um mundo onde as coisas se fazem a um ritmo lento, mas embora sendo lento o ritmo do amor, o pensamento é rápido. Tem razão de dizer estática porque o ritmo do amor é lento. É praticamente necessária uma paciência infinita para tomar subitamente a atitude que convem para receber as forças e os conhecimentos do exterior. É um ritmo lento. Mas quando se vê a velocidade a que as pessoas apreendem, assimilam, é incrível. E, no fundo, não se trata de uma atitude de conquista, é uma aptidão receptiva de criar, e, nesse momento, a sua receptividade torna-se algo que me deixa estupefacto. É o que os Orientais tentam realizar mas que pagam demasiado caro. O preço é a sua pessoa. «Essa parte só nossa» diz Holderlin. É caro demais. Mas eles dizem: «Não pode ser de outra maneira, mas vamos ver». E eles conseguem, e nós conseguimos. Na minha opinião conseguimo-lo juntos. De resto, não sou contra os homens do poder, só que o seu rendimento é irrisório. No casamento, terminou, e na política são obrigados a apelar para a noção de urgência, a fim de conseguir manter este poder. Se há urgência, há crise. Inconscientemente mantem-se a crise para conservar ao poder um sentido.

É o mesmo com o casamento?

F. D. — Sim. No casamento o poder terminou. A igualdade exigida pelas mulheres pede aos homens e às mulheres um sacrifício imenso. Mas é absolutamente necessário para aplicar o mundo da terceira pessoa. É necessária a igualdade para conseguir uma dialéctica viva. Se você me obedece ou me respeita demais, tudo cai por terra. Se eu o tomo por meu chefe, tudo cai por terra também. É cómico...

É mais fácil falar com um aparelho.

F.D. — É assim mesmo. De princípio falava com um tom extremamente tímido. Estava a forçar qualquer coisa porque tinha medo. No princípio da nossa conversa eu tinha medo, e, automaticamente, falava com uma grande tensão.

Porque tinha medo e de quê?

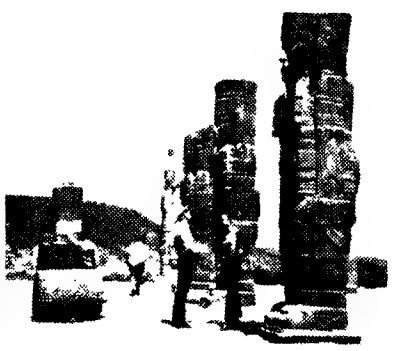
F. D. Tenho medo de ser mal compreendido. Tenho medo de que me desencoragem. Faço um bom trabalho mas nem sempre sei explica-lo aos meus confrades. Não gosto de que me desencoragem porque, para este trabalho é necessária uma grande sensibilidade e essa sensibilidade torna-se frágil, sobre tudo aos esforços que poderiam fazer para me desencorajar, para me impedir de levar o meu trabalho a bom termo.

Há um risco em toda a comunicação.

F. D. — Decerto. Eis o que diz São João da Cruz: «Seria um erro acreditar que as palavras que dizem respeito a estes novos conhecimentos, podem traduzir-se na fala. O espírito do Senhor socorre a nossa fraqueza, diz São Paulo, ele mora em nós e pede para nós, através de inenarráveis gemidos, aquilo que não podemos conceber nem compreender. Quem poderia exprimir por palavras todos os seus sentimentos ou todos os seus desejos? Ninguém, decerto, nem mesmo os que são objecto dos maiores favores. É por isso que temos de nos servir de figuras, de comparações, de símbolos e de analogias, para traduzir alguns desses sentimentos. Mas tem que se ler todas essas comparações com a maior simplicidade do espírito de amor, se não tomamo-las mais por extravagâncias do que por palavras razoáveis. E por isso que todos os santos doutores, apesar de todos os seus comentários e de tudo aquilo que lhes podíamos acrescentar, nunca conseguiram explicar fosse o que fosse com a linguagem.»
É um domínio em que é difícil falar

Michel Renard

A KLM para a Holanda? Claro!
-E porque não a KLM
para "Descobrir o Mundo"?



DESCUBRA A EUROPA
Partidas semanais
"Descubra a Holanda"
Amesterdão e Londres
Amesterdão e Paris
Amesterdão e Bruxelas

DESCUBRA O MUNDO
Partidas mensais — de 1/6 a 31/10
Volta ao Mundo
Tailândia
Goa e Nepal
América Central
México

Queiram enviar-me folheto descritivo das viagens assinaladas
☐ Descubra a Holanda ☐ Volta ao Mundo
☐ Amesterdão e Londres ☐ Tailândia
☐ Amesterdão e Paris ☐ Goa e Nepal
☐ Amesterdão e Bruxelas ☐ América Central
☐ México
Nome _____ 6
Endereço _____
Envie este cupão
à sua **Agência de Viagens** ou à **KLM**,
Pr. Marquês de Pombal, 4A - 1298 Lisboa
Codex. Tel. 53 50 25 - Telex 18511 KLM PO

Este ano as suas férias vão mais longe com a KLM

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha Metro Palhava Tel. 77...
grupo 4 apresenta
Andorra de MAX FRISCH
«UM TEATRO EXTRAORDINARIO (...) UM ESPECTACULO INDISPENSÁVEL QUE É URGENTE VER E APLUDIR.»
Maria Helena Serôdio
(«O DIÁRIO»)
ULTIMAS Representações
com a participação de
IVONE SILVA
TODAS AS NOITES ÀS 21,45 H. SÁB. E DOM. TAMBÉM ÀS 16 HORAS
DESCANSO 2ªs FEIRAS
Espectáculo não aconselhável a menores de 13 anos
Subsídio da S.E.C.

Transportado pelos Caminhos de Ferro Portugueses

SOCIEDADE **Sete Ponto Sete**

Sorte e "cautela"

Continuação da pág. 17

quase sempre, uma face de magia, a «sorte», a «fortuna», uma confiança cega.
Por isso existe um incitamento à incompreensão na frase «a fortuna é dos audaciosos». E joga-se para atrair a «audácia». Esse «lote» de imprivisível chegada pode explicar a própria palavra. Lotaria, tem muitos padrinhos: uns seguem o fio até ao flamengo **lot**, sorte, ou ao culto-bretão **lod**, porção ou ao italiano **lotteria,** administração do loto, jogo. O que é certo é que veio até à nossa língua e ficou como se pode ler, grafado por analogia às terminações **aria**, uma vez que seria correcto dizer **loterie**, na opinião de Sá Nogueira.
A primeira volta de manivela, que naquele tempo não era assim, deu-se em 1519, em Malines, mas só catorze anos depois obteve autorização régia aparecendo em Paris. Com um negócio rendoso em mãos, ingleses e holandeses, venezianos, genoveses, e florentinos não esperaram por expandir a moda.
A Lotaria Real francesa conheceu um precalço e foi suspensa em 25 Brumário (1793), depois autorizada, depois suprimida um pouco ao sabor das conveniências de Estado.
Em 25 de Janeiro de 1677 uma lei portuguesa proibia a venda no território de lotaria espnhola. Foi o primeiro passo para a criação de uma lotaria própria, o que veio a acontecer em 1688, por édito de D. Pedro II, com o fito de reformar a moeda e amortizar a inflação difuciária. Todavia, o primeiro processo de premiar os accionistas, numa lotaria de cem mil cruzados, era atribuir pensões vitalícias aos felizardos, que podiam jogar com várias «vidas».
Mais tarde, em 1720 aparece a Santa Casa a sugerir uma lotaria para fins beneficientes, mas o rei João V não quis saber. A lotaria anual deveu-se a Maria I no final desse século. Os

bilhetes eram numerados de 1 a vinte e dois mil e quinhentos, impressos em chapa de cobre aberta a buril, com margem grande, coberta de linhas encadeadas e juntos em cadernos de onde eram cortados.
Os bilhetes só tinham validade se assinados pelo escrivão e pelo tesoureiro da Misericórdia. A extracção ia desde as nove da manhã ate a hora da tarde e continuava por tantos dias quantos os precisos para conclusão da tarefa.
Entre 1795 e 1798 as extracções duraram, duas vezes ao ano nada menos que 34 dias, quatro horas por dia. Um sofrimento.
As finalidades do lucro eram diversas. Em ocasiões normais iam direitos ao Recolhimento do Rego, ao Hospital de S. José, ao Teatro Nacional do Salitre, para auxílio e desenvolvimento das artes e manufacturas. Em 1811 uma delas foi para resgatar uns cativos em Argel. Quatro anos depois, uma foi para a Academia de Ciências e a restante para uma fábrica de papel (talvez de bilhetes). A electricidade entrou como factor importante em 1863 e anos mais tarde Eça escrevia em «O Mandarim» que «as felicidades haviam de vir... pedia-as todas as noites a Nossa Senhora das Dores e comprava décimos de lotaria.»
A lotaria como é actualmente conhecida nasceu em 1892 e hoje em dia distribui-se por ordinária, especial e extraordinária. As especiais, por exemnplo, realizam-se em cada primeira quinta-feira do mês.
A crer nos lucros anunciados o ano passado, esta forma de apelar à contribuição alheia ascendeu a mais de 1520 milhares de contos em 78 contra somente... 1025 em 1977, prevendo-se para o ano passado qualquer coisa como cinco milhões de contos. Com dois séculos de experiência no tratamento do acaso os resultados são interessantes.
O cerimonial da extracção pode prosseguir sem quebra de ritmo nem desconfiança na sorte posta no bilhete.
Os romanos lá tinham as suas razões quando inventaram esta forma de jogo com o qual se entretinham durante as Saturnais. Trocar um bem certo por um duvidoso pode ser uma dura apreciação do entusiasmo gerado pela lotaria.
Mas ninguém se encontra a salvo de fugir com êxito à inspiração de um palpite. Nem ao desejo de ter aquilo que a sorte ainda não logrou dar-lhe. Muitos são os chamados e pouco escolhidos, segundo a legenda bíblica, facto que não é desmentido, antes ao invés, pelo lucro do premiado e da Santa Casa.

José Manuel Moreira

Na morte de Hitchcock
O cineasta da dúvida

Continuação da pág 17

acontece, entre o real e a sua sombra. Não o medo mas a dúvida. Hitchcock foi um dos raríssimos cineastas a perceber que a essência do cinema é a inquietude e que a inquietude acontece sempre que, ao nos projectarmos para o **écran,** ele nos devolve uma imagem incerta. Não a eterna pergunta (secundária) de «quem é o culpado?» motor único e depressa gasto da maioria da literatura policial, não o terror sanguinolento ou repugnante de efeitos gratuitos de horror, mas a constante de fazer o espectador investir num personagem para logo o pôr em causa, a constante de desvendar uma verdade para logo a revelar transitória e falsa, a constante de fazer o espectador interrogar-se no interior de uma ficção que, por mais inverosímil que seja, nos «agarra», convence, mobiliza. Em muitos casos Hitchcock escolhe personagens banais, quotidinos, com quem o espectador se identifique de imediato (é o caso de **O homem que sabia demais);** noutros define uma linha de ficção para logo a abandonar, surpreendentemente (é o caso de **Psico**); noutros joga no romanesco fabuloso, com o fôlego das «Anna Karenina» e a justeza de observação social de um Eça (é o caso de **Under Capricorn**); noutros diverte-se pura e simplesmente a seduzir-nos e a descoroçoar-nos (é o caso de **Frenzy** ou de **Intriga em família**); aqui assusta-nos, além diverte-nos e sempre, sempre nos surpreende.
Diante de um filme de Hitchcock o espectador perde todas as certezas, pode mesmo perder convicções e pôr-se, de repente, a «torcer» pelo vilão (enorme ironia bem espelhada na conhecida sequência de **Frenzy** em que o assassino tenta desesperadamente abrir a mão de um cadáver de uma sua vítima que contém um indício comprometedor). Diante de um filme de Hitchcock o espectador é possuído literalmente por esse prazer do texto que só as grandes narrativas despertam.
Cineasta comercial para quem o sucesso era uma questão de consciência («um filme é muito dinheiro, dinheiro de outras pessoas, que nos emprestam para nos exprimirmos») para quem o contacto com largas camadas de público é essencial («Um cinema é um **écran** com um monte de assentos que é preciso encher»), homem de indústria com a perícia e a paciência técnica de um artesão, realizador de ficções policiárias com a capacidade de as utilizar para aceder a outras esferas de acção (como Hammett fez no campo do romance, embora com óbvias diferentes coordenadas ideológicas), Hitchcock teve sempre pelo cinema a curiosidade inata do amador, o rigor de um perito, a sagacidade de um corretor de bolsa, o humor e a displicência de um **grande seigneur.**
Caracterísiticas contraditórias num homem que não hesitou em satisfazer os jornalistas de sensação ou os intelectuais, que sempre recusou ser pago abaixo de quaisquer das suas vedetas (e trabalhou com as maiores), que soube inventar até ao fim da sua vida. Ao celebrarmos aqui a sua obra (que, curiosamente, é uma obra fuleral na História do Cinema mas é, também, uma obra sem rastos visíveis), uma evidência se requere: que volte aos **écrans.** Em Portugal têm-se peridodicamente ceposto alguns dos seus filmes (caso de **Chamada para a morte, A casa encantada, Rebecca, Difamação** que estão em circuito comercial), a RTP divulgou, há anos, alguns dos seus filmes ingleses, mas a retrospectiva integral que há muito merece, continua por organizar. À atenção da Cinemateca Nacional, da Fundação Gulbenkian, das Embaixadas americana e britânica...

J.L.R.

17.º ALMOÇO
DA VELHA GUARDA

Realiza-se no dia 3 de Maio de 1980 pelas 13 horas no Restaurante de Montes Claros o almoço de confraternização dos antigos funcionários da ex-CRGE (EDP)

BANCO FONSECAS & BURNAY
agora também em
ALVOR
LIXA
VILA VELHA
DE RÓDÃO
BANCO FONSECAS & BURNAY
prossegue a sua expansão com
a abertura de mais
20 novas Agências em 1980
banca AO SERVIÇO DO TRABALHO

Canal da crítica

Telejornal a censura que "não há"...

Mário Castrim

Alguns pensarao que o Primeiro de Maio é a festa maior do internacionalismo operário, jornada unitária dos trabalhadores. Muitos pensam assim, a RTP não pensa. Aliás, o contrário é que seria para admirar.

Assim sendo, tratou o dia de ontem como se fosse um dia vulgar, igual aos outros o que, em linguagem da Televisão, significa «igual ao litro».

Tudo como dantes. O antitabagismo de «Diga 33», depois o **Telejornal**, o «Dancin' Days» e finalmente um filme melodramático... de 1936!

Reparem na data. Devem-se ter enganado, lá pelo Lumiar. Não quereriam antes passar um filme de 1926? Por mais nada, senão por uma questão de regresso às origens.

«Objectividade»

A propósito do Primeiro de Maio, o **Telejornal** proferiu breve discurso de mera circunstância, com sua pitadinha de veneno, aqui e ali. Aquela do «chamado gonçalvismo», gostei. De súbito, a mulher virtuosa desmascara-se.

Gato escondido com a seta de fora.

Lá vão duas ou lá vai uma?

Não sei se já repararam que na **Televisão** se referem sempre às «duas centrais sindicais». São mais papistas do que o Papa, dado que a própria UGT nunca se apresentou como tal.

Por que faz fogo a RTP com espingarda de dois canos sendo um deles falso? Para ter o álibi de acertar em dois coelhos, ou seja, para justificar a igualdade de tratamento das duas organizações.

Claro que a UGT existe, claro que não se trata aqui de lhe fechar as portas da Informação. A vardade, porém, é que central sindical há só uma, a CGTP. Esta é a realidade. Este é o facto. Isto é Alameda Afonso Henriques, Praça Humberto Delgado, setenta manifestações em todo o País.

O resto são fantasias de TV e brincadeiras de parque infantil.

Comem queijo?

Curiosamente, na história (?) das comemorações do Primeiro de Maio em Portugal, o **Telejornal**, também conhecido por **Tlim!, jornal**, esqueceu as grandes lutas populares dos primeiros anos da década de 60, em que o fascismo tingiu mais uma vez as mãos de sangue.

Quer dizer: o **Telejornal-AD** esqueceu-se... ou não se quis lembrar?

Imaginem!

Nestas andanças, salta às vezes uma nota de bom humor. Aconteceu em **Informação/2**. Freire Antunes (rapaz, rapaz, nunca mais cresces!) dizia que «o Primeiro de Maio nunca é reivindicativo» nos países socialistas. E porquê? Porque «é controlado pelo aparelho de Estado»...

Mas se o Estado, nos países socialistas, é o Estado da classe trabalhadora, a classe trabalhadora ia reivindicar o quê? Que o Estado passasse para as mãos dos agrários, dos financeiros e dos «gangsters»?

Estas anedotas mansas...

Dignidades

Na véspera do 1.º de Maio, o Telejornal, **na sua última notícia**, deu duas entrevistas, com representantes das tais «duas». José Luís Judas da **Intersindical** referiu a certa altura «as formas impostas de censura nos meios de Comunicação Social, nomeadamente na Radiotelevisão Portuguesa».

Seguiu-se um «esclarecimento» da Direcão de Informação da RTP. Que não senhor. É falso. Não há censura. A prova está em que haviam divulgado as declarações do dirigente sindical. E que as palavras dele **constituem uma ofensa à dignidade profissional dos jornalistas que trabalham nesta casa**.

A «prova» é infantil e a «ofensa», que eu saiba, não recairia sobre os jornalistas censurados mas sobre quem censurasse. Fale cada qual em nome da sua dignidade em lugar de se escudar com a dignidade de quem não pediu para falar em seu nome.

E a respeito de dignidade profissional estamos conversados.

Censura? Que ideia!

A tal «Direcção de Informação» ignora o caso ainda fresco de Maria de Lurdes Pintasilgo e dos documentos que vieram a lume recentemente...

E ainda não explicou porquê nada transmitiu o Telejornal da reportagem sobre as comemorações do 25 de Abril no refeitório da RTP...

E se não há censura no Telejornal como se explica o silêncio sobre a última greve da função pública?

Porquê o escândalo vergonhoso do tratamento noticioso do caso da Petrogal?

Porquê o tratamento indecente da Conferência da Reforma Agrária?

Porquê o silêncio sobre os documentrios do Congresso da Intersindical?

Porquê o silêccio sobre a recusa ilegal, desumana e arbitrária da admissão dos funcionários da RTP afastados depois do 25 de Novembro?

Porquê o silêncio sobre a coboiada do Casqueiro & ministro do MAP em Braga?

Porquê o silêncio sobre a última libertação dos «pides»?

Porquê o silêncio sobre o ataque do Governo aos trabalhadores do **Diário de Notícias/ Capital**?

Porquê o silêncio sobre as poibições de vistos a cidadãos soviéticos e doutros países socialistas?

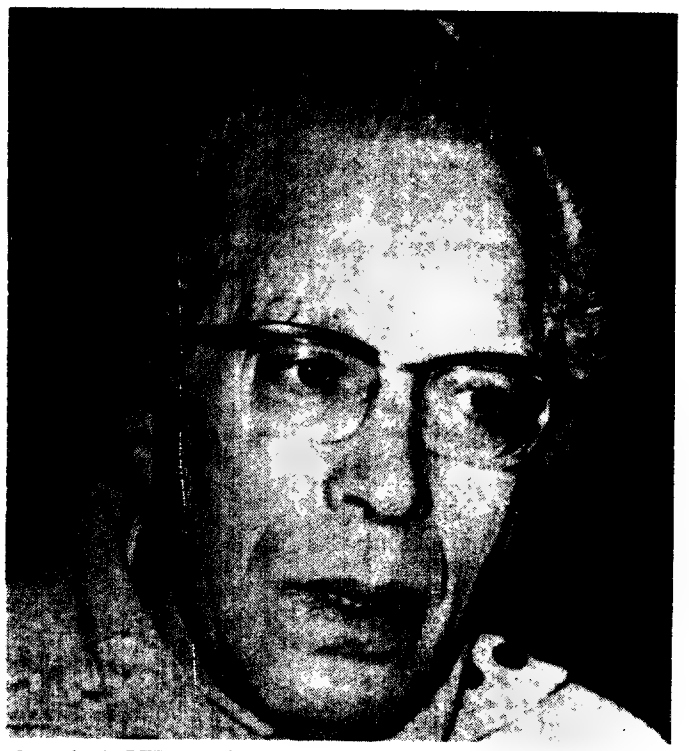
Porquê o silêncio sobre a grande manifestação desportiva internacional, organizada pela CGTP-IN no dia 27, incluída nas manifestações do Primeiro de Maio?

Porquê o tal silêncio sobre o funeral de um grande português, um grande patriota chamado José Magro?

Porquê o vergonhoso silêncio sobre a deliberação da Câmara de Ílhavo de retirar a uma rua da vila o nome respeitado de Mário Sacramento, nome de um homem que há-de estar vivo quando todos os nomes da actual Câmra de Ílhavo já forem pó, cinza e nada?

Isto é ou não censura? Respondam os leitores. Porque ao que parece, a «Direcção de Informação» tem outro nome para lhe dar...

São uns cómicos, estes desgraçados.



Através da RTP-2 será exibida a obra musical de Fernando Lopes Graça (na foto) «As Mãos e os Frutos»

Hoje

RTP-1

18.32 **Sumário**
18.35 **Arte e Manhas**
19.00 **País, País**
19.25 **A Arte e as Coisas** – um programa realizado por José Elyseu.
20.00 **Telejornal** (C)
20.35 **«Dancin' Days»** – (C) episódio n.º 142.
21.15 **O Tempo**
21.20 **Discussão do Plano e do Orçamento Geral do Estado**
21.50 **Ronda da Noite** – Programa sobree a vida de Rembrandt.
23.50 **24 Horas** (C)
00.20 Fecho

RTP-2

18.45 **Ano Propedêutico**
20.30 **Encontro com o Relógio da Torre**
21.00 **«As Mãos e os Frutos»** – obra musical de Fernando Lopes Graça.
21.30 **Informação/2**
22.00 **Ao Vivo** – programa de índole cultural da responsabilidade de Eduardo Prado Coelho e Augusto M. Seabra.
00.00 Fecho

Amanhã

RTP-1

12.00: Indústria Regionalizada; **12.30**: Roteiro dos Teatros; **13.00**. Villa-Lobos, **14.00** Sumário, **14.05**. Novos Horizontes; **14.30**: Imagens de Solidariedade; **15.00**: Ronda; **15.30**: Lúculos e Bróculos; **16.00**: «Uma Casa na Pradaria»; **17.00**: O Corpo Humano (C); **17.30**: Animação; **18.00**: Quadrados e Quadradinhos; **19.10**: Bancada de Topo, **20.00** Telejornal (C); **20.35**: Manta de Retalhos, **21.15** Johnny Halliday (C); **21.35**. O Tempo (C); **22.15**: Para Além da Atlândida

RTP-2

14.00: Ano Propedêutico; **20.30**: «A Toupeira» – 1.º episódio; **21.30**: Tal e Qual, **00.00**: Fecho.

GRUPO DE CAMPOLIDE • ACADEMIA ALMADENSE
Hoje às 18.30 h. Cinema — «CAMOES» de L. de Barros
Comentário de J. Matos Cruz
ENTRADA GRATUITA
SUB. SEC.

VENUS FILMES
"Os bastidores dos filmes pornográficos, tráfico de droga, vício, obscenidade, o sucesso e a infelicidade das prostitutas."
REX TALMAGGI
"É verdadeiramente sujo... Os jornais chamam-lhe obra-prima... O realizador é um homem de talento..."
NEW YORK TIMES
"Uma obra-prima... O maior sucesso pornográfico de sempre!"
HUSTLER MAGAZINE
SEXO POR MEDIDA
FILME PORNOGRÁFICO HARD CORE 1.ª Escalão
Com JULIA FRANKLIN, TERRI HALL, BREE ANTHONY
A MELODEY FILMS RELEASE - Realização de LLOYD KAUFMAN
Produção LLOYD KAUFMAN e DAVID WYNN
CINEBOLSO Hoje sensacional ESTREIA a partir das 12.30 h. no

a barraca
HOJE 21 30
PRETO no BRANCO
DARIO FO - HELDER COSTA
Sub. SEC.
2.º MÊS
Telef. 68 63 00
R. Alexandre Herculano, 70
Folga 2.ª-F., Dom. (ao) 16 H
SÁBADO
ÚLTIMO DIA

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
ANÚNCIO
2.ª Publicação
14.º Juízo
1.ª Secção
p.º 297/77-C

O DOUTOR: FERNANDO JOSÉ LEAL LOUREIRO PIPA, Juiz do 14.º Juízo do Tribuanl do Trabalho de Lisboa.

Faz saber pela 1.ª Secção deste Juízo e nos autos de acção com processo comum sumário que MARIA DAS MERCÊS FERREIRA DA SILVA, move contra SEPULCHRE COMÉRCIO INDÚSTRIA E NAVEGAÇÃO, SARL, cuja última sede conhecida foi na Calçada Ribeiro dos Santos n.º 19-2.º Lisboa, e actualmente em parte incerta, correm éditos de trinta dias (30), citando a referida Ré, para no prazo de 8 dias, findos que sejam os dos éditos, a contar da segunda e última publicação do anúncio, querendo, contestar a referida acção sob pena de ser condenado no pedido.

O duplicado da P. I. encontra-se nesta Secção e Juízo onde poderá ser solicitado.

Para constar se passou o presente anúncio e outro de igual teor que vão ser devidamente publicados nos lugares que a lei determina.

Lisboa e Tribunal do Trabalho aos vinte e um de Dezembro de mil novecentos e setenta e nove.

O JUIZ,
(assinatura ilegível)
O ESCRIVÃO
(assinatura ilegível)

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
DESTAQUES
RTP-1
Ronda da Noite (21.50)
RTP-2
«As Mãos e os Frutos» (21.00)
ASSISTÊNCIA TÉCNICA telef: 2112871

atelier BELO MARQUES
R. da Trindade, 5-2.º dto T-371254 ★ 1200 LISBOA
MEDALHAS DE CÂMARAS MUNICIPAIS

ROTEIRO CULTURAL

Teatro

Quando, numa Andorra imaginária, os seus habitantes afirmavam ser impossível a invasão dos «fardas negras», estavam longe de supor que essa invasão aconteceria em breve, subvertendo todos os valores que os andorranos diziam (apenas diziam) defender. É então que vêm ao de cima os preconceitos exacerbados, o anti-semitismo feroz, a repressão que os membros de uma sociedade podem exercer de forma ainda mais feroz do que um corpo estranho à sociedade, embora de armas na mão. Tudo isto – mais do que isto – se vê em «Andorra», peça de Max Frisch que entrou em segundo mês de representações no Teatro Aberto. De onde se conclui facilmente que não foi propriamente por acaso que a peça foi proibida em Portugal pela censura fascista... Encenada por José Morais e Castro, «Andorra» tem realização plástica de Rogério Ribeiro.

«As Lástimas», Grupo de Teatro dos Trabalhadores do Hotel da Balaia, anuncia a apresentação do seu novo espectáculo «É Festa, É Festa, ó Zé», para hoje, às 22 horas, em antestreia a favor dos Bombeiros Voluntários de Albufeira. Todos os espectáculos se realizarão no Hotel da Balaia, às 22 horas, com estreia no sábado, dia 3, e repetição nos dias 4, 6, 7 e 8 de Maio. Os bilhetes estão à venda na recepção do hotel, telef. 52681/6.

Música

Depois da partida de Michael Garrick, que tocou a semana passada no Hot Clube, e antes da chegada do terceiro professor da Escola de Jazz, o saxofonista Don Rendell, que dará o primeiro concerto no dia 15 de Maio, o HCP programou dois grupos portugueses: hoje e amanhã, às 22 e 30, Quarteto de Fernando Girão com o titular (voz), Miguel Braga (teclas), José Eduardo (contrabaixo) e Afonso Correia (bateria); no fim da semana seguinte, actua o grupo de Pedro Mestre.

Amanhã, pelas 21 e 30, realizar-se-á em Oeiras, no salão nobre dos Bombeiros locais, um concerto de jazz em que intervirá o grupo «Quinto Crescente». Este grupo, que se apresentará pela 1.ª vez naquela localidade, é constituído por Luís Caldeira (sax alto e flauta), Laurent Filipe (trompete), João Paulo (piano), Pedro Wallensten (baixo) e José Martins (bateria). O «Quinto Crescente», recorda-se, alcançou grande notoriedade no final do passado ano, aquando da sua participação no Festival de Jazz de Cascais, tendo sido então considerado pela crítica a grande revelação do mesmo.

Bailado

A Companhia Nacional de Bailado apresenta hoje, às 18 e 30, no Teatro de S. Luiz, um programa de que fazem parte os seguintes bailados: «Raymonda», coreografia de Petipa, música de Glazonov; «Canto da Solidão», coreografia de Armando Jorge, música de Álvaro Cassuto; «Andante» (pas-de-deux), coreografia de Lawrence Gradus, música de Bohuslay Martinu; «Diálogos», coreografia de Victor Navarro e música de Vivaldi. É de assinalar neste programa a colaboração plástica de Luís Filipe de Abreu para o bailado em estreia de Armando Jorge «Diálogos». Depois deste espectáculo, a companhia segue para uma digressão pelo Centro e Sul do País, bem como Espanha, onde se fará representar no Festival Ibérico, em Sevilha e Badajoz.

Ivone Silva e António Rama em «Andorra», de Max Frisch, pelo Grupo 4

Conferências e colóquios

Hoje, às 21 e 30, na sede da Associação Portugal-URSS (R. de S. Caetano à Lapa, 30, em Lisboa), o dr. Huertas Lobo profere uma palestra sobre a vida e obra do grande pintor Rublov. Entrada livre.

Amanhã, às 21 e 30, na Assembleia Distrital de Faro, o Sindicato Livre dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Faro presta homenagem ao escritor Alves Redol, promovendo um colóquio subordinado ao tema «O Homem e o Escritor», que será orientado pelo dr. Manuel de Campos Lima.

Exposições

Organizada por um grupo de pintores de Setúbal e patrocinada pela Câmara Municipal desta cidade, está patente ao público sadino, das 9 às 17 e das 21 às 23 horas, no Museu da Cidade (Mosteiro de Jesus), uma exposição de pintura, desenho, escultura e artesanato, de homenagem aos grandes das artes plásticas setubalenses.

Júlio Ferreira expõe a partir de hoje («vernissage» das 18 e 30 às 23 horas) na Codilivro (Praça Dr. Nuno Pinheiro Torres, 2-A, a Benfica), pintura, desenho e cerâmica. A mostra está aberta de 2.ª a 6.ª-feira das 10 às 13 e das 15 às 23; aos sábados, das 10 às 13 e das 15 às 20 (encerrado aos domingos).

Michael Barrett expõe pintura a partir de hoje (inauguração às 22 horas) na Galeria de Arte do Casino Estoril. A exposição está aberta ao público todos os dias, das 15 às 24 horas, até 13 de Maio.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS (Por UNIDADE)

	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	52$85	57$85
ALEMANHA FED. (marco)	27$05	28$15
ÁUSTRIA (xelim)	3$70	3$90
BÉLGICA (franco)	1$606	1$706
BRASIL (cruzeiro)	$742	$992
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	40$65	42$65
(notas de 5 a 1000)	41$15	43$15
DINAMARCA (coroa)	8$65	9$05
ESPANHA (peseta)	$652	$752
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	45$40	50$45
(notas de 5 a 1000)	48$95	50$95
FINLÂNDIA (marka)	13$10	13$70
FRANÇA (franco)	11$60	12$20
HOLANDA (florim)	24$45	25$45
INGLATERRA (libra)	110$50	114$15
ITÁLIA (lira)	$052	$062
JAPÃO (iene)	$186	$216
NORUEGA (coroa)	9$85	10$35
SUÉCIA (coroa)	11$55	12$15
SUIÇA (franco)	29$15	30$25
VENEZUELA (bolivar)	9$70	10$70

Observações:
1. – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado ou encoberto, o vento era fraco ou moderado do Quadrante Sul e chovia em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	12°
BRAGANÇA	7°
VILA REAL	12°
PORTO	12°
PENHAS DOURADAS	3°
COIMBRA	11°
CABO CARVOEIRO	13°
PORTALEGRE	11°
LISBOA	13°
ÉVORA	11°
SINES	15°
BEJA	13°
SAGRES	17°
FARO	18°
PONTA DELGADA	14°
FUNCHAL	18°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.18	3,8 m	9.47	1,0 m
16.33	3,9 m	22.08	0,9 m
Dia 3			
4.51	3,7 m	10.22	1,1 m
17.05	3,8 m	22.45	1,0 m
Dia 4			
5.26	3,6 m		
10.59	1,2 m		
17.41	3,7 m	23.27	1,1 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu muito nublado ou encoberto; vento fraco ou moderado do Quadrante Sul; neblinas locais, períodos de chuva ou aguaceiros.

AMANHÃ
NASCER ÀS 6.36
OCASO ÀS 20.31

DIA 7 DIA 14 DIA 21 DIA 29

rádio

1.º Programa

17.30: Sem margem; **19.30**: Jornal da noite; **20.00**: À volta do Mundo; **21.00**: Columbofilia; **21.15**: Guitarradas; **21.30**: 8.º episódio do folhetim «As Minas de S. Francisco», de Fernando Namora; **22.00**: Programa da noite; **24.00**: Jornal da meia-noite.

2.º Programa

18.00: Música portuguesa; **19.00**: Música de câmara de Beethoven; **19.30**: Cancioneiro popular; **20.00**: Ensaio geral; **20.30**: Ópera; **21.50**: Música sinfónica; **22.40**: Curiosidades musicais; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.41**: «Concerto Brandeburguês», n.º 6, em si bemol maior, BWV 1051, de Bach; **01.00**: Fecho

Rádio Comercial (294m)

17.03: Contacto; **17.40**: Trânsito; **18.10**: Splish splash; **18.45**: O mundo da Fórmula 1; **19.45**: Teatro trágico; **20.03**. Quando o telefone toca; **20.30**: Cartaz; **21.03**: Música para meditar; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.03**: Quando o telefone toca; **22.30**: Portugal e a CEE.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03: Rock em stock; **16.30**: Rock por letras; **18.03**: Círculo em FM; **19.03**: Em órbita, **21.03**: Café concerto

RÁDIO RENASCENÇA

18.08: Apelos; **18.15**: Igreja em notícia – palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço do Externato do Parque; **20.00**. 60 minutos; **20.54**. Apelos, **21.30**: Temas vivos, **22.00**: Quando o telefone toca; **23.30**: Actualidade económica; **23.55**. Fecho.

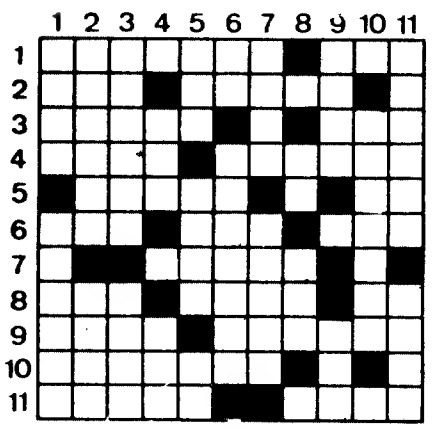
544545

centro S.O.S.
voz amiga
NÃO FUME
EM RECINTOS FECHADOS

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 12623



HORIZONTAIS

1 Bandulho. Bigorna de ourives.
2 Nome de mulher. Despejada.
3 Busca de proveitos por meios desonestos. Página.
4 Espeta o arpéu a. Nome de peixe.
5 5 Flutuar. Érbio (s.q.).
6 Recusa. Possui. Povoação do concelho de Condeixa.
7 Equipas
8 Zombas. Macaco americano. Seguia.
9 Faísca. Nome de peixes.
10 Duros (fig.).
11 Curar Cabeleira.

VERTICAIS

1 Gota (fig.). Relatas.
2 Enfeita. Uma das mais antigas divindidades da Índia, deus da justiça e da morte.
3 Arranhadura. Fechar as asas para descer mais depressa.
4 Madeira. Agora.
5 Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Tenebrosa. Grosa.
6 Gálio (s.q.). Que tem creme.
7 Azedume de estômago. Apelido.
8 Vossa Alteza. Nome de astro.
9 Cobre. Tempo do verbo haver.
10 Prazer
11 Enviara como legado. Doença que dificulta a respiração.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 8683

HORIZONTAIS

1 Apelido Coragem.
2 Pancada do relógio. Lenha.
3 Fecha as asas para descer mais depressa. Alternativa. Aqui
4 Deus dos pastores. Antigo superior de convento. Reis.
5 Aperfeiçoara. Acreditas.
6 Cólera. Sufixo que designa estado. Cidade da Holanda.
7 Vinho de palmeira e de coco empregado antigamente em medicina como tónico Carta de jogar.
8 Post Scriptum. Gavinhas.
9 Ecoasse. Nota musical
10 Distar. Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh!
11 Homem que só tem um olho. Amónio (s.q.).

VERTICAIS

1 Actor e cineasta inglês autor de «Luzes da Ribalta» e criador da personagem cómica (Carlitos». Textualmente.
2 Preposição e artigo Rio de Itália.
3 Senhor. Oásis. Cidade de Itália.
4 Ilha pertencente à provincia de Macau. Nome de astro.
5 Gabas-te.
6 Preposição e artigo Palmeira da Amazónia Dê pios (inv).
7 Filtro Nota musical. Mulher criminosa
8 Político britânico e um dos protagonistas da vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial.
9 Preposição e artigo . Rádio (s.q.). Ilha da Polinésia, a mais importante do arquipélago de Sandwiche.
10 Acredites. Autores.
11 Atravessas Víscera dupla

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12622

HORIZONTAIS:

1 Cama. Ava. Sr
2 Ela Ivone.
3 Br. Amadas.
4 Rer. Ana Pt.
5 Aia. Io Pêra.
6 Pasto Me
7 QUEM. Apa. Ga.
8 Uaai! Cri Cãs.
9 DÁ. Abais.
10 Idolatrar O
11 Sari. Garota.

VERTICAIS:

1 Cobra. Quais.
2 REI. Ua. DÁ.
3 Me. Rape Or.
4 Ala Am DLI.
5 Amais. Caa.
6 A Anotar. Tg
7 VIDA. Opiara.
8 Avô. Bar
9 Os. Em. Caro.
10 SN. Pregai.
11 Resta. Assoa.

Provérbio: QUEM DA O REI, DA A VIDA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8682

HORIZONTAIS:

1 Cá. Bá.Em. Au.
2 Arrotarias
3 Meu. Atora.
4 Ena! Cá. Arão.
5 Lascaremos.
6 Si Aram. Sa.
7 Atem. Atum.
8 Socam. Ema.
9 Morosos. Ir.
10 Calassem. Rã.
11 Oras. Mas.

VERTICAIS:

1 Camélias. Co.
2 Arenas. Omar.
3 Ruas. Acolá.
4 Bo Cataras.
5 Atacaremos
6 Ataram. SSa.
7 Ero. Em Coe.
8 Miram SM
9 Aaro. Te.
10 Às. Assumira.
11 Nó Amaras

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

LOPES RIBEIRO, R. do Cruzeiro, 117 (T. 633288); **IBÉRIA**, R. Barão Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **S. JOSÉ**, R. Anjos, 41-A (T. 570730); **INTERNACIONAL**, R. do Ouro, 228-230 (T. 360203); **MACEDO**, E. Poço do Chão, 69-C (T. 703697); **EDUARDO A. CÉSAR**, R. das Trinas, 102-A (T. 662631); **GRIJÓ**, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **CRUZ NUNES**, P. Duque Saldanha, 14-15 (T. 41845); **DIAS & SARAIVA**, R. Major Afonso Pala, 19 (T. 2114487); **TAVARES DE MATOS**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **AMARAL**, R. Antero Quental, 8-8-A (T. 925455).

REFORÇO

PROBIDADE, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **ESTADOS UNIDOS**, Av. Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **IVONE**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **MIRANDA**, Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **S. JORGE**, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **ALMEIDA DIAS**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **CENTRAL DO LUMIAR**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 790480); **OLIVAIS**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **CURIE**, Av. Madame Curie, 15-A (T. 778439); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **CRUZ CORREIA**, E. Santo Elói, 41-A (T. 992453); **MATOS**, T. Prioras, Vivenda Morgadinho (T. 2519939).

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães. Até às 21 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**. Até às 21 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**. Até às 21 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**. Até às 21 horas; **CARCAVELOS: Central**. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Vilar**. Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 24 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**. Até às 21 horas; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 21 horas; **AMOREIRA: Amoreira** (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 21 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Até às 21 horas; **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149). Permanente; **Jardim**, Av. Conde Oeiras, 120, Reboleira (T. 938424). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. D. Maria II, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; **QUELUZ: Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841); **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669); **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T. 2942181); **AGUALVA-CACÉM: Mira Sintra**, P. N, Torre, 310. Até às 20.30; **MEM MARTINS: Quimia**, E. Mem Martins, 285 (T. 2910012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**. Até às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Até às 23 horas; **SINTRA: Simões**, Estefânia (T. 2930832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

Outra Banda

ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242); **COVA DA PIEDADE: Cerqueira Afonso**, P. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254); **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **COSTA DA CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado, 7-C (T. 2403218); **BARREIRO: Mascarenhas Neto**, R. Almeida Garrett, 1 (T. 2076454); **AMORA: Amorense**, Av. Marginal Silva Gomes, 80 (T. 2210042); **SEXAL: Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560); **MONTIJO: Diogo**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032); **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

MOSCAVIDE: Varela, Av. Moscavide, 44. Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, R. Almirante Reis, 31. Permanente.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

CONTUMIL, R. de Contumil, 540; **VAZ TEIXEIRA**, R. do Heroísmo, 56; **BIRRA**, P. da Liberdade, 125; **COSTA LIMA**, Av. da Boavista, 855; **MARQUES DE MENDONÇA**, R. do Ameal, 251; **MAFALDA**, R. do Monte Cativo, 444; **CARDONA DOS SANTOS**, R. D. Manuel II, 90; **ORIENTAL**, R. do Bonjardim, 727.

PERMANENTE

PASTELEIRA, R. André de Rezende, 92; **ALMEIDA CUNHA**, R. Formosa, 327; **SAMPAIO**, R. da Cedofeita, 636; **SÃO JERÓNIMO**, Santos Pousada, 622.

Coimbra

(Das 9 horas, às 9 do dia seguinte)

ADRIANA, P. República, 20 (T. 23609); **ESTÁDIO**, R. do Brasil, 348, r/c (T. 72710).

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
SALA A
O HERÓI DO ANO 2000
Não acons. m. 13 anos

SALA B
Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 13 a.
YANKS

ALVALADE 897480
Av. de Roma
Às 14.30, 18 e 21.30 h Para Todos
A mais bela história de sempre
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/ Julie Andrews e Christopher Plummer
4.ª Semana

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 15.15, 18.15, 21.15 e 24
Não acons. men. 18 anos
Marlon Brando, Robert Duvall, Martin Sheen em
APOCALYPSE NOW
7.ª Semana

AVIS 547163
Av Duque D'Avila 45
Estreia às 15.30, 18.30 e 21.30
– N ac. men. 18 a.
Uma ronda aos locais onde o sexo é vida
Um filme de choque
O MUNDO DO PRAZER
Venha mais cedo e aprecie «Dancin' Days» a cores no nosso aparelho instalado junto ao bar

BERNA 776098
Av Marquês de Tomar
Às 14 16.30 19 e 21.30 h
– N. ac. men. 13 a.
O XERIFE QUEBRA OSSOS
c/ Bud Spencer
Um filme de Michele Lupo
3.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
BAMBI
Um filme de Walt Disney Productions
12.ª Semana

CASTIL 530194
Rua Castilho
Estreia às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
A fuga e o sonho entre o mistério e a verdade
ALICE
c/ Sylvia Cristel
Um filme de Claude Chabrol
Às 15.30 e 18.30 – Últimas
1941

CINE 222 Tel 579460
Av Praia da Vitoria 37 (Ao Saldanha)
Às 15.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
5 Óscars da Academia
KRAMER CONTRA KRAMER
Às 23.45 – N. ac. men. 13 a.
A PRIMEIRA NOITE

CINEBOLSO 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
Uma obra-prima... o maior sucesso pornográfico de sempre
SEXO POR MEDIDA
Pornográfico «hard core»
Às 24 – N. ac. men. 18 a.
VÍCIO DO JOGO
c/ James Caan e Lauren Hutton

CINE BLOCO 556824
Gaveto da Av.ª 5 de Outubro e Pinheiro Chagas
1215. 15.15, 18.15 21.15 e 2415
Estreia às 21 15 – N. ac. men. 13 a.
HITLER, UMA CARREIRA
2.ª Semana

CINE CAMÕES 324194
Rua de Loreto, 15
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UMA VIDA UM DESTINO
Um filme de J. O. M Praskash

CONDES 322523
Av da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h.
Não acons. m. 18 anos
A justiça do massacre
APACHE!
c/ Cliff Potts, Xochiti e Havey Matofsky

DOIS MIL 2100055
Av Bombeiros Voluntarios Lote 113 - Algés
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
SARGENT PEPPER'S LONELY HEARTS CLUB BAND
Às 23.40 – N. ac men. 18 a.
A PISCINA

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial – Damaia
Às 15.30 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
A SITUAÇÃO É GRAVE MAS NÃO DESESPERADA
Às 24 – N. ac. mec. 13 a.
ES ÂNDALO NA TV
c/ Faye Dunaway e Peter Finch

EDEN 320768
P dos Restauradores, 21
14, 16.30 e 19 21.30 N. ac. men. 18 a.
O PROFISSIONAL
c/ Ryan O'Neal, Bruce Dern e Isabelle Adjani
Um filme de Walter Hill
2.ª Semana

ESTÚDIO 555134
Av Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
Prémio Especial Juri Festival Cannes
CRIA CORVOS...
c/ Geraldine Chaplin
Um filme de Carlos Saura
6.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095
Av Defensores de Chaves, 83
Às 15, 17, 19 e 21.30 horas
– N. ac. men. 18 a.
Dois homens e uma mulher
O PROFISSIONAL
c/ Ryan O'Neal e Isabelle Adjani

EUROPA 661016
R Almeida e Sousa, 35
Às 15.15 e 21.30 – não acons. men 18
A FERRO E FOGO
c/ Sophia Loren, James Coburc e Eli Wallach
Às 24 – Grupo D (18 a.)
007 VIVE E DEIXA MORRER

IMPÉRIO 555134 5
Al. Afonso Henriques, 15
Às 15.15 e 18.30 21.30
Acção e comédia romântica em cenários deslumbrantes e ambientes de luxo
TRUNFO NA MANGA
c/ Omar Sharif, Joseph Bottoms e Karen Black
2.ª Semana

LONDRES 801313
Av de Roma, 7-A
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O CASAMENTO DE MARIA BRAUN
c/ Hanna Schygulla, Klaus Lowitsch e Iwan Desny
6.ª Semana

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
Às 15, 16.15 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
APOCALYPSE NOW
Com Marlon Brando, Robert Duvall e Martin Sheen
7.ª Semana

MONTECARLO Tel. 681117
A Pedro Alvares Cabral, 37
Com parque de estacionamento
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h.
TRUNFO NA MANGA
c/ Omar Sharif, Karen Black e Joseph Bottoms
2.ª Semana

MUNDIAL 538743
R Martens Ferrao, 12-A
Às 14, 16.30, 19.00 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O CAMPEÃO
c/ Jon Voight, Faye Dunaway e Ricky Schroder
Um filme de Franco Zeffirelli
13.ª Semana

NIMAS 574362
Av 5 de Outubro, 42-B
Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
UMA RAPARIGA FRÁGIL
c/ Isabelle Huppert e Yves Beneyton
Realização de Claude Goretta

NOVOCINE 840678
Av General Roçadas, 7
Às 15.15 e 21.30 – N. ac. men. 18 a.
Acção e aventura
NA PISTA DA DROGA, DE INSTAMBUL A NOVA IORQUE
c/ Ben Gazzara e Silvia Monti

ODEON 326283 4
R Condes 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30 horas
Int. men. 18 anos
LOUCURA AMERICANA
Colorido
Os mais bizarros aspectos da vida americana

PATHÉ 821933
R Francisco Sanches 122
Às 14.15, 16.30 e 18.45 21.30
– Int. men. 18 a.
BRIGADA SUICIDA
c/ Marc Parel, Ray Lovelock e Silvia Dionisio
Colorido

POLITEAMA 326305
R. Portas de St.º Antão
– N. ac. men. 18 a.
MASSACRE FINAL
Realização de Chien Lung

RESTELO 610375
Av Torre de Belém
Às 15.30 e 21.30 h.
GELADO DE LIMÃO
Não acons. men. 18 anos

ROMA 887778
Av. de Roma, Lote JRB
Estreia às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Espectacular e empolgante
MACARTHUR, O GENERAL REBELDE
c/ Gregory Peck
Venha mais cedo e aprecie «Daincin' Days» a cores no nosso aparelho instalado junto ao bar

ROXY 548560
Av Almirante Reis, 20
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
UMA PEQUENA CONTRARIEDADE
c/ Lee Majors, James Stack e Barbara Hershey

SÃO JORGE 579144-579344
Av da Liberdade, 175
Estreia às 21.30 – Int. men. 13 a.
FÉRIAS COM ANITA
c/ Giancarlo Giannini e Goldie Hawn
Às 15.15 e 18 15 – Últimas
YANKS

SATÉLITE 562632
Av Fontes Pereira de Melo 61
Estreia às 21.45 – Int men. 13 a
O HOMEM QUE VIVEU DUAS VEZES
c/ Michael Sarrazin e Jennifer O'Neil
Na noite, início da projecção do filme às 22 h
Às 15, 17 e 19 – Últimas
PROCESSO ARQUIVADO POR ORDEM REAL

STAR 804210
Av Guerra Junqueiro 14-C
Estreia às 21.30
O novo êxito musical de Michael Lang
SOMOS TODOS VEDETAS
c/ Leslie Caron, Daniel Ceccaldi e Robert Webber

TERMINAL 371573
Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h
Não acons. men. 13 anos
KRAMER CONTRA KRAMER
Dustin Hoffman, Mery Streep e Justin Henry
7.ª Semana

TIVOLI 570595
Av da Liberdade, 188
Às 14, 16.30 e 19 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O PROFISSIONAL
c/ Ryan O'Neal, Bruce Dern e Isabelle Adjani
2.ª Semana

VOX 880808
Av Fr Miguel Contreiras, Lote 879
Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A mais explosiva e espectacular comédia jamais filmada
1941: ANO LOUCO EM HOLLYWOOD
6.ª Semana

QUARTETO R. Flores do Lima, 16 771378
SALA 1 às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– Int. men. 13 a.
O HOMEM QUE MATOU O PASSADO
SALA 2 às 15, 17, 19 21.30 e 23.30
Não ac. men. 18 anos
UM NOVO AMANHECER
SALA 3 às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– N. ac. men. 18 a.
O AMIGO AMERICANO
de Wim Wenders
SALA 4 às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
– N. ac. men. 18 a.
MULHER ENTRE CÃO E LOBO
de Andre Delvaux

teatros

CANTINA VELHA CIDADE UNIVERSITÁRIA – «Menina Júlia», às 18.00 (13 anos)

MARIA VITÓRIA – «Mais Vale Sá que Mal Acompanhado», às 20.30 e 22.45 (18 anos)

TEATRO ABERTO – «Andorra», às 21.45 (13 anos)

BARRACA – «Preto no Branco», às 21.30 (13 anos)

LAURA ALVES – «O Gato», às 21.45 (13 anos)

VARIEDADES – «Isso é que Era Bom», às 20.30 e 22.45 (18 anos)

TEATRO DA GRAÇA – «Miss Julie», às 21.45 (13 anos)

TEATRO DO BAIRRO ALTO – «Memórias com Objectos», às 22.00 (13 anos)

TEATRO DO NOSSO TEMPO – «O Principezinho», às 21.30 (8 anos)

Outros Espectáculos Lisboa

CAPITÓLIO – «Do que Elas Gostam», às 19.00, 21.00 e 23.00 (18 anos)

CITY CINE – «A Selva de Chicago», às 21.15 (18 anos)

OLÍMPIA – «Corneta Infernal», Sessões permanentes. (18 anos).

CINEARTE – «Triângulo Diabólico das Bermudas». às 21.30 (13 anos)

outros cinemas

PROMOTORA – «Sansão e Dalila», às 21.30 (10 anos)

PARIS – «O Rapto de uma Virgem», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL – Casino – «O Ritmo da Felicidade», às 17.00 e 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Lido – «Música no Coração», às 21.30 (6 anos)

AMADORA – Cinestúdio – «O Discreto Sentido do Pudor», às 21.30 (18 anos)

SINTRA – Carlos Manuel – «A Mulher do Meu Pai», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «Os Malucos em Delírio», às 21.15 (13 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA – «Marido Ausente Sexo Presente», às 21.30 (18 anos)

ÁGUIA – «O Último Comboio do Katanga», às 21.45 (18 anos)

CHAPLIN – «O Sargento Rompiglioni Foi Despromovido», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-A – «10, uma Mulher de Sonho», às 21.30 (18 anos)

LUMIÈRE-L – «1941, Ano Louco em Hollywood», às 21.45 (13 anos)

COLISEU – «Carne para Frankenstein», às 21.30 (18 anos)

S. JOÃO – «O Xerife Quebra Ossos», às 21.45 (13 anos)

JÚLIO DINIS – «O Supersónico da Morte», às 21.30 (13 anos)

FOCO – «Jogo Baixo», às 21.30 (13 anos)

TRINDADE – «Manhattan», às 21.45 (13 anos)

BATALHA – «Cuba», às 21.45 (13 anos)

CHARLOT – «O Casamento de Maria Braun», às 21.30 (18 anos)

ESTÚDIO – «Roubo de um Milhão de Dólares», às 21.30 (13 anos)

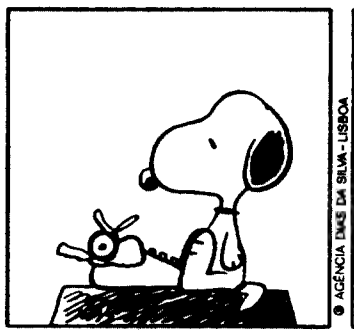
VALE FORMOSO – «Língua de Veludo», às 21.30 (18 anos)

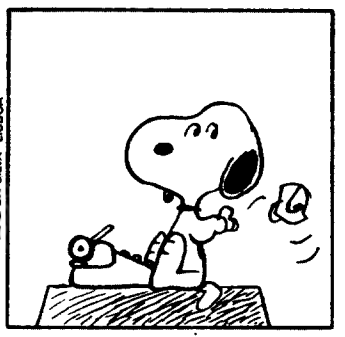
PASSOS MANUEL – «Apocalypse Now», às 21.30 (18 anos)

OLÍMPIA – «O Negócio Mete Saias», às 21.30 (18 anos)

RIVOLI – «Apache», às 21.30 (13 anos)

BEBÉ – «Noites de Singapura», às 21.45 (18 anos)





DL
PROPRIEDADE DA:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração Rua Castilho 185 - 1
Telefones 654531/2/3 - 1100 Lisboa
Redacção Publicidade e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telefones 321154/5 320271/2/3
Publicidade 366740
Serviço Norte (Depois das 21)
Porteiro 321154
Mensagens Gravadas 320229
Endereço Telegráfico Diboa
Telex 12363 Lisboa Portugal
Delegação do Porto Rua do Almada 30 - 2
Telefones 20954/5 - 4000 Porto

"Prémio Luís de Camões" para Pedro Alvim

Rútilo é o «i», livro de poemas de Pedro Alvim, nosso camarada de Redacção, foi galardoado com o «Prémio Luís Vaz de Camões», instituído pela Editorial «Caminho». O júri de selecção era constituído por Oscar Lopes, Barradas de Carvalho, Maria Alzira Seixo, Manuel Gusmão, Borges Coelho, Nuno Júdice (pela Associação Portuguesa de Escritores) e um representante daquela editora. Concorreram ao prémio cerca de 150 obras.

A decisão do júri foi tomada por unanimidade.

O 1.º de Maio na Malveira

A feira pertencerá à Freguesia da Malveira

— decidiu a Assembleia Municipal

Os rendimentos da feira da Malveira vão reverter a favor da freguesia da Malveira por decisão da Assembleia Municipal realizada anteontem.

Às quatro e trinta da manhã de ontem, dia 1.º de Maio, hora a que os trabalhadores terminaram e foi conhecida a decisão, a população festejou o acontecimento, fazendo ouvir as buzinas dos carros e o estalar de foguetes.

A proposta aprovada, apresentada pelo presidente da Junta de Freguesia da Malveira, (da AD) preconizava a retirada do tribunal do processo judicial movido pela Câmara Municipal de Mafra contra a Freguesia da Malveira, e a posterior passagem da juridisdição da feira para a Junta de Freguesia da Malveira. A proposta foi aprovada por 21 votos a favor, um contra e 13 abstenções.

Curiosamente, a APU apresentou uma proposta de teor semelhante, que foi derrotada: 14 votos a favor, 19 contra e 2 abstenções.

A luta dos representantes da Malveira na Assembleia Municipal pela resolução do problema, começou logo no início dos trabalhos, que decorreram no salão dos Bombeiros Voluntários de Mafra.

A assemblela teve que realizar-se no salão e não na sala de sessões, devido ao elevado número de assistentes, ostentando, na sua maioria, o autocolante «Com a lei e não com a força, a feira é nossa».

Depois de lida uma carta do grupo parlamentar do PCP sobre os roubos às autarquias locais (calcula-se que os rendimentos de que o Município é espoliado ascendem a 89 500 contos), um elemento da A.M. apresentou uma proposta no sentido de a questão da feira da Malveira passar para o ponto número um da ordem de trabalhos. A proposta foi aprovada por 41 votos a favor e 4 contra.

Quer o presidente da Câmara de Mafra quer alguns veradores foram a seguir solicitados a justificar o comportamefto da Câmara Municipal de Mafra, conjunta e individualmente.

O vereador da APU esclareceu que procurara sempre a via do diálogo para tentar resolver uma questão que, em sua opinião, ultrapassou já as fronteiras do Concelho, se não do próprio País.

Depois de várias intervenções, um elemento da Assembleia Municipal interrogou os representantes do município de Mafra sobre quem teria votado a favor da requisição da GNR para assegurar a cobrança da feira à Câmara Municipal. Chegou-se à conclusão de que teriam sido os três elementos do PS e os dois da AD, com a indicação de as forças da GNR não molestarem a população. Outra pergunta incidiu sobre quem aceitara a via do diálogo para tratar do caso. A resposta foi: todos os vereadores a aceitaram por proposta do vereador da APU.

A hora já ia adiantada sem que se ultrapasse a fase das acusações mútuas entre os representantes do PS e da AD, pertencentes à Câmara actual e à anterior. Até que um elemento da Assembleia Municipal representante da APU pertencente também à anterior câmara frisou que, entretanto a sua opinião sobre a feira da Malveira mudara, uma vez que entre outras razões, anteriormente a questão se passava entre dois órgãos autárquicos e agora havia também o povo da Malveira a participar massivamente na questão.

Esta intervenção levou a Assembleia a enfrentar o problema de modo decisivo e, como já se disse, a resolução chegou às quatro e meia da manhã do 1.º de Maio.

A população aguarda agora que o executivo da Câmara de Mafra retire o processo do tribunal, a fim de tudo, de ora avante, se processar segundo a legalidade.

Os caminhos que vão dar às estradas

O Governo pede 29 milhões de contos à CEE

Meios ligados à CEE, na capital belga, informaram que o o Governo de Sá Cerneiro pediu no dia 24 do mês passado à Conunidade Económica Europeia a concessão de uma ajuda não reembolsável da ordem dos 278 milhões de unidades de conta (cerca de 19,6 milhões de contos) para o período de 1980/82.

O Governo pediu também à CEE, no âmbito da sua «préadesão» que lhe seja concedido um empréstimo de 125 milhões de UC (cerca de nove milhões de contos). O pedido foi feito por Rui Almeida Mendes, secretário de Estado da Integração Europeia; na reunião da comissão mista CEE-Portugal.

A CEE – acrescenta a mesma fonte – fez saber que daria a sua resposta «o mais depressa possível».

Recorda-se que no último dia do mês de Março, Rui Almeida Mendes garantia à Imprensa que até 1983 estariam construídos mais de mil quilómetros de estrada, com traçado totalmente novo, além de mais aeroportos, melhoramentos ferroviários, navegabilidade do Douro. Tudo isto com a participação de 40% por parte da CEE. Em contacto com o nosso jornal («DL», 10 de Abril), a CEE «aconselhava» o Governo a desmentir as notícias propaladas por Rui Almeida Mendes.

Curiosamente, depois dos foguetes lançados, surge agora o pedido de empréstimo à CEE que necessariamente vai ser objecto de cuidadosos estudos e que, caso esteja ligado a construção das estradas – e tudo leva a crer que sim – não poderá viabilizar a construção de estrada com 10 metros de largura e sem o cidadão ter de pagar taxa, até 1983.!

Lei dos Sectores

CR aceitou a terceira proposta AD

A terceira proposta governamental de delimitação dos sectores público e privado foi apresentada na passada quarta-feira, em reunião extraordinária ao Conselho da Revolução.

Esta proposta fora aprovada na passada terça-feira em Conselho de Ministros, na sequência da declaração de inconstitucionalidade decretada pelo Conselho da Revolução no dia 28 de mês passado, quanto à segunda proposta.

O CR enviou já a última proposta de lei, para apreciação, à Comissão Constitucional.

Tendo em conta que a autorização legislativa do Governo termina a 13 de Maio, o CR deverá encurtar o prazo de 20 dias que tem para se pronunciar.

Foi-nos confirmado ainda que os conselheiros aceitaram o terceiro projecto para discussão antes de o Governo não ter sido oficialmente notificado da inconstitucionalidade do segundo – esta decisão do CR não deixa de ser encarada com uma certa estranheza – no sentido de demonstrar que o CR «não actua de má-fé nem procura conflitos com o Executivo».

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO – 28 787 – 30 000 CONTOS
2.º PRÉMIO – 21 481 – 6 000 CONTOS
3.º PRÉMIO – 35 043 – 3 000 CONTOS

O 2.º Prémio foi vendido aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a proxima extracção, aos balcoes da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETUBAL - FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1º PRÉMIO

28.786 – 231.600$00
28.788 – 231.600$00

PRÉMIOS DE 60 CONTOS

911; 2.697; 4.861; 9.503; 10.623; 17.522; 18.242; 19.617 19.718; 21.027; 22.065; 22.474; 23.107; 30.435; 32.721; 33.058 34.034; 37.649; 38.754; 38.805; 38.821; 40.279; 40.737; 40.977 42.971; 43.702; 43.798; 45.255; 45.396; 45.746; 47.719; 48.831 51.399; 52.469; 53.263; 54.246; 54.255; 55.602; 57.705; 58.580 59.771; 61.660; 61.987; 64.827 e 64.984.

PRÉMIOS DE 3.600$00 (CENTENAS)

21.401 a 21.500; 28.701 a 28.800; e 35.001 a 35.100

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 267 são premiados com 14.400$00, em cada bilhete; com 12.000$00 são premiados os que terminem em 300, 373, 423, 431, 746, 850, 885, 921 ou 959; com 8.400$00 os terminados em 787; e com 6.000$00 os terminados em 043 ou 481. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 09 ou 72 são contemplados com 6.000$00. Os restantes números cujo último algarismo -"terminação"- seja 7, têm direito ao prémio de 2.400$00, também em cada bilhete. O direito aos prémios prescreve no próximo dia 3 de Novembro.

ESTA INFORMAÇÃO NÃO DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Lisboa, 2 de Maio de 1980

Entrou em vigor o número fiscal do contribuinte

O número fiscal do contribuinte, instituído pelo decreto-lei de 30 de Novembro de 1979, do V Governo Constitucional, entrou em vigor ontem, após uma prorrogação de prazo de trinta dias.

Todavia, os primeiros resultados da sua aplicação não se sentirão antes da terceira semana de Maio, altura em que, por norma, as entidades patronais começam a pagar os vencimentos aos seus funcionários.

Este facto deve-se fundamentalmente a que, apesar de a Lei não prever a aplicação de sanções aos contribuintes não inscritos, (entidades patronais ou trabalhadores), estes ficam impossibilitados de receber quaisquer rendimentos, ou de efectuarem quaisquer operações fiscais e financeiras, sem a apresentação do número fiscal.

Aprovado na sub-comissão parlamentar de ensino o Estatuto da Carreira Docente

O Estatuto da Carreira Docente foi na quarta-feira votado na Assembleia da República pela subcomissão respectiva.

Embora esta votação não seja concludente, pois pode ser alterada na comissão, trata-se no entanto de um passo importante no caminho para a elaboração de um Estatuto que interessa a dezenas de milhar de cidadãos ligados ao ensino.

De acordo com um elemento da subcomissão, o que parece um atraso reflecte antes um trabalho profundo da subcomissão de forma a encontrar um consenso mínimo, não só entre os vários partidos como das várias experiências profissionais que foram transmitidas pelas muitas instituições que foram recebidas ao longo dos trabalhos.

Socialistas madeirenses: Se não houver candidato civil o apoio irá para Eanes

O dirigente do PS da Região Autónoma da Madeira, Gil Martins, confirmou que o Secretariado local apoiará o general Ramalho Eanes à Presidência da República. Este apoio é condicionado, contudo, ao facto de existirem apenas candidatos militares, já que aquele órgão não deliberou ainda «o apoio concreto a qualquer candidato nem se ele deve ser civil ou militar».

O Secretariado madeirense do PS, porém, considera o actual Presidente «um presumível candidato a apoiar».

"Expulsão" de Casqueiro da Agro-80, em Braga ratificada pelos organizadores

Num comunicado agora tornado público, e em que afirma a sua «neutralidade política» relativamente ao incidente ocorrido no almoço inaugural da Agro-80, em Braga, com José Casqueiro, a comissão organizadora da feira manifesta, entretanto, o seu apoio à decisão do presidente da câmara, eng. Mesquita Machado, de não aceitar a presença do presidente da CAP e deputado da AD no citado repasto.

Recorde-se que, por tal motivo, o ministro da Agricultura e Pescas do actual Executivo, Cardoso e Cunha, abandonou o recinto, com José Casqueiro e outros membros do Governo.

A comissão organizadora refere, ainda, que o problema tornou-se extensivo ao deputado José Cardoso (PSD), cuja presença só foi conhecida após a divulgação do comunicado do MAP sobre o assunto.

O comunicado dos organizadores lembra, por outro lado, o facto da Agro-80 ser um certame municipal e que o presidente da câmara de Braga é, por inerência, o seu presidente do conselho de administração.

O mesmo documento acentua que «o almoço oficial foi de iniciativa do conselho de administração, que fez os convites» e que aqueles dois deputados «não foram expressamente convidados nem os ministros os referenciou como elementos da comitiva».

RPM nacionaliza empresas portuguesas

Foram nacionalizadas várias empresas portuguesas, na segunda-feira, em Moçambique, segundo um comunicado conjunto dos ministérios das Finanças, da Indústria e da Energia moçambicanos.

Diz o comunicado que as empresas estavam a ser geridas de modo contr
rio «aos interesses da economia nacional» ou tinham sido abandonadas pelos proprietários.

As empresas cacionalizadas por moçambique são a «Copesca», «Emopesca», «Camaronex», «Arpem», «Amil», «Marterra», «Impescal e «Promar».

A presença dos trabalhadores

Continuação da pág. 1

lembrança viva de uma vitória histórica, mas a actual capacidade de luta, de reivindicação e de participação na vida democrática.

Para novos combates se congregam as forças do trabalho e da cultura. Em Portugal, reconquistados os direitos de associação sindical, de organização partidária, de manifestação e de greve, os trabalhadores constituem uma grande força de defesa da Revolução de Abril, a Revolução dos cravos e da esperança.

Depois das comemorações do 25 de Abril, este ano mais concorridas e mais entusiásticas, esta jornada do 1.º de Maio marca a firme vontade dos trabalhadores; defender Abril, impedir a «restauração», participar na construção de um Portugal de liberdade, de democracia.

concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL

5.º ANO LISBOA—DOMINGO, 17 DE MAIO DE 1925

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO (Rua da Rosa, 57, 2.º
Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES (Direcção: C. 2206
Redacção: C. 2204
Endereço telegrafico: DIBOA

Samitier
capitão do grupo hespanhol

"FOOT-BALL,, INTERNACIONAL

A ESPANHA

venceu Portugal

por 2 "goals,, a 0

São 2,45 quando entramos no Stadium. Chove desesperadamente. Os carros electricos, que desde os Restauradores vêem fazendo cortejo, deslisam vertiginosamente. Já não ha *side-cars*, na praça. Nem mesmo automoveis. Já os antigos trens, tristes e gloriosos vencidos do seculo da velocidade, reappareceram hoje, ostentando as suas pompas encharcadas e funebres.

As avenidas servem de pista ás corridas de automoveis. Pelos passeios, negra, compacta, ruidosa, a multidão de cem mil cabeças, Lisboa inteira que hoje faria domingo, mesmo que fôsse domingo; Coimbra Sportivo; Porto, Boavista; Algarve-Olhanense; Setubal-Vitoria; e ainda o Minho, a Beira, a propria Espanha—conquistaram a cidade. Veiu tudo. Todos se conhecem. Permuta-se o mesmo sorriso de vitoria portuguesa até para os inimigos.

* * *

O patrono do *foot-ball*, que eu não sei quem é, mas que precisa canonizado, zangou-se hoje comnosco. Foi pedir a S. Pedro que despejasse os seus baldes de agua e o chaveiro do ceu, bondoso e acessivel, consentiu. A's vezes, quem sabe se este contratempo da chuva não será o nosso milagre do triunfo...

Porque eu já ouvi dizer:

—Ainda bem que o aguaceiro aperta. Nós defendemo-nos melhor e os espanhois vão ser menos energicos, porque o estado do campo, lamacento e humido, anula-lhes as vantagens duma penetração rapida. Dum lado, o nosso, uma defesa energica com o Jaime, *pantera de goals*, a fulminar as redes de Zamora. Do outro, os espanhois, jogando contra Portugal e contra o tempo — tempo português.

* * *

Mas isto não é comigo. E' com o Carlos Sergio, critico que devia ter vivido na Grecia, apanhando o sol forte das grandes Olimpiadas, na hora da vitoria, quando a Republica de Atenas concedia ao vencedor, no divino marmore trabalhado por Phidias, o seu corpo de campeão esculpido no mais puro ritmo de grandesa atlectica.

* * *

3 horas menos 10. Chove ao Deus dará. O Stadium já está cheio de gente. Os chapeus de chuva abertos negrejam a relva como uma fantastica familia de cogumelos pretos. E' um exercito, quieto, sufocado, pequenas tendas de campanha de uma população nomada que acampou aqui. Merenda-se á farta. A maior parte dos camarotes estão ocupados. Já sobre o tojadilho o estandarte de sangue, colerico de sangue, ondeia vivamente, apesar da chuva. Ao lado—o nosso pavilhão e mais longe, em campo verde, armado de branco—o leão batalhento do Sporting, flutuando sobre a séde do club.

* * *

3 horas certas. Deixou de chover. A multidão é enorme e anonima. Ruge de alegria, como só a alma do povo sabe rugir—violenta, apaixonada, em pé de guerra.

O campo nem por isso está muito molhado. Junto das redes é que a agua faz lago. Pregões de 10 jornais. Os rebuçados finos e aromaticos na voz clara de um garoto. As cadeiras dos peões em pinho nu, como nas praias, fazem quatro files de 110 metros de comprido. Na pedra das bancadas, logo a seguir—os primeiros espectadores que chegaram—e alguns vieram para aqui ás 10 horas—discutem o caso do Pinho, «beck» direito do Casa Pia, que não foi seleccionado internacional. O Casa Pia está disposto a fazer uma manifestação de agrado a Ribeiro dos Reis—agrado que será ironico, como não podia deixar de ser.

* * *

Vis-a-vis dos camarotes, do outro lado do campo, ergue-se um coretosito, onde estão os jornalistas espanhoes e alguns dos nossos. A multidão é mais densa, compacta, brutal e imperiosa. Devem já ester dezoito mil pessoas, e ainda falta hora e meia para começar o desafio. Quando começar—20 mil. Um só coração! Uma só alma! Uma só vontade! Que força extraordinaria de sugestão vai esta gente exercer para a vitoria! Isto não é bem Aljubarrota—seja dito sem melindre—mas no fundo é sempre Portugal, é sempre Espanha, os dois grandes irmãos da raça latina, que, por muito se amarem, mais se amam ainda quando uma linha os divide...

* * *

Os preços dos bilhetes tiveram todos os agios—até o agio do inverosimil. Uma bancada lateral, cujo preço na casa são 20 escudos, vendeu-se por 150.

O *retevée* confraternisa. Não ha classes, nem partidos. Lisboa, de oitocentas mil almas, é toda *foot-ball*. Não pode ser mesmo mais *foot ball*. De vez em quando, estala um conflito com a policia. A multidão aflue e reflue em ondas e, para castigar o civico, põe-se a matraquear palmas. A geral reservada é mais comedida. Murmura em surdina. Ainda se lhe pode tomar o pulso, que não acusa delirio. Mas logo, ao primeiro *goal*! E se fôr português!

* * *

3,30. Chove outra vez. Ao fundo do campo, um moinho gira convulso, aos repentões do vento. A paisagem é um *decôr* triste, romantico, com pinheiros negros, inclinados e tristes, e oliveiras prateadas a esmo nos campos de trigo.

* * *

Os camarotes têm alguns brancos de ausencia, mas estão marcados. Poucas senhoras. As mulheres gostam de ver jogar. Os maridos é que as não deixam ver. Como não se prometem a si mesmo compostura, receiam envolvê-las nos conflitos. Não se sabe nunca o efeito dum «goal» conjugal.

* * *

A multidão cresce, avassala o campo. Ninguem formiga. O barulho é ensurdecedor. Grandes ondas de emoção perpassam, arrefecendo os nervos.

O publico tambem joga — é ele mesmo quem joga; melhor: que faz jogar. Afonso Costa—chama-se hoje Jorge Vieira. Se este quizesse ser presidente da Republica por sufragio popular, não precisava fazer um discurso — bastava defender um «goal». Os idolos já não se vão buscar á politica, mas sim ao «sport». E dai talvez uma razão de ordem publica, de derivação de sentimentos e paixões.

* * *

Nas entradas do campo ha tantos conflitos que lembram sérias batalhas. A multidão é rio, catarata, torrente. Atrai e esmaga. Arrasta e domina. Hoje mesmo que em Lisboa houvesse uma peste ou uma inundação, uma revolução ou um tremor de terra—o Portugal-Espanha tinha que se realizar. Era fatal—como a morte, como a vida.

17 mil pessoas agora; vinte mil logo. E não vêem mais porque não ha mais campo, porque não cabe mais ninguem; porque não ha mais bilhetes. O Stadium está cheiinho por dentro e por fóra. Os campos laterais são como pregadeiras de alfinetes—só cabeças.

A's 4,5 o tempo aliviou um bocadinho. Já não se pode sair das tribunas. As portas, bocas famintas de plosiosauros, devoram a multidão. A fila de automoveis é interminavel. São mais constantes os rostos femininos—rosas de maio a manter a tradição primaveril deste clima, «soi-dizant» o melhor do mundo. Nos camarotes fazem-se apostas. Quasi todas são pelos portugueses. O Lino Ferreira que deixou companhia no Porto para vir ao jogo e anda com uma figa de osso a servir de mascote, tem a esperança que nós ganhamos. E acrescenta: «contra todas as certezas». Em frente das redes andam agora a escoar a agua. Zamora vai mergulhar bem, desta vez de «verdad», porque na agua

* * *

As cabeceiras do campo, em semi-circulo levemente pronunciado, abarrotam de gente. E' uma planicie de cabeças que sobe devagarinho. A' medida que se aproxima a hora do desafio a impaciencia é maior, mais frenetica, mais agitada de palavras. A multidão levanta-se em tempestade, quando ha um conflito. Mas perdôa tudo, a policia e a guarda republicana, contanto que a deixem vêr e sofrer de ansiedade. Dez, vinte, trinta fotografos pizam o campo.

* * *

São 4,18. O tempo começa a ser contado por segundos. Ha quem compre jornais para fingir que lê. Grande acontecimento no campo: Os ocupantes das cadeiras de pista, uns mil, agarraram nas cadeiras e avançaram para a orla do campo. Imediatamente um assobio uniso-no de reprovação agitou as plateias dos *retevées*. «Fóra! Fóra! Fóra!»

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL

concurso DL concurso DL concurso DL

O IV DESAFIO PORTUGAL-HESPANHA

Quem SÃO OS JOGADORES PORTUGUESES

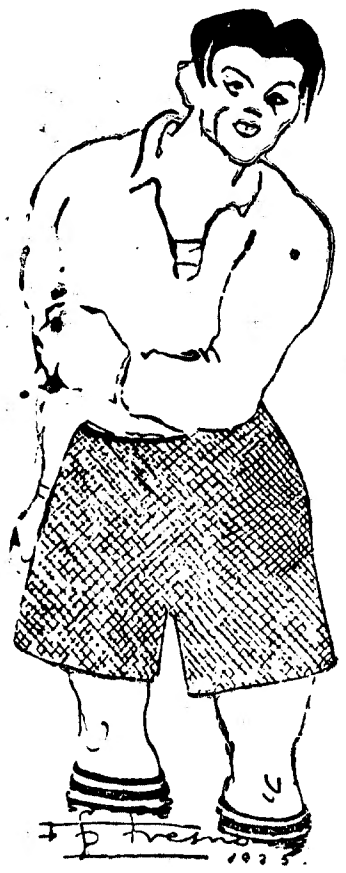
Jorge Vieira
defesa direito português

Guarda-rede: Zamora—do *Club Deportivo Español* de Barcelona. *Enfant gaté* da Espanha *foot-ballista*. Gallito do desporto. O melhor *porteiro* do continente. *Internacional* e *Olimpico*.

Defesa direito: Herminio — do *Sevilha Foot-ball Club*. Substitue Vallana que se não poude deslocar por motivos da sua vida particular. Lisboa conhece-o bem por o ter visto jogar a *back* esquerdo. *Internacional*.

Defeza esquerdo: Passarin—do *Club Celta* de Vigo. E' considerado em Portugal como o melhor *defeza* espanhol que tem pisado campos portugueses. Seguro, sereno, bom pontapé. *Internacional* e *olimpico*.

Medio direito: Samitier — do *Barcelona Foot-ball Club. Capitão* do grupo espanhol. *El mago de la pelota*. O mais extraordinario jogador do país visinho, na opinião dos uruguayos, campeões do mundo. Elegantissimo, energico, valente. *Meio-team*... *Internacional* e *olimpico*.



Oscar
dianteiro centro espanhol

Medio centro: Gamborena—do *Real União de Irun*, onde joga a medio lateral. E' de pequena estatura mas supre esse defeito com uma energia e mobilidade espantosas. *Internacional* e *olimpico*.

Medio esquerdo: Peña—do *Arenas* de Bilbao. Formou com Meaña e Samitier o celebre *trio* de Anvers. A *furia* espanhola na sua maior expressão. *Internacional* e *olimpico*.

Extrema direita: Piera—O mais cotado jogador do ataque espanhol. Pertence ao *Barcelona Foot-ball Club*, campeão de Espanha. *Dribbleur* perfeitissimo. Perigosissimo pela perfeição dos seus centros. *Internacional* e *olimpico*.

Interior direito: Cubbels — do *Valencia Foot-ball Club*. Realisou agora o seu sonho dourado: ser *internacional*. E' um dianteiro muito para temer. Teve a maior quota parte nos exitos que levaram o seu club á *final* do campeonato de Espanha.

Avançado centro: Oscar—do *Racing* de Santander. E' *internacional* pela vez primeira.

Passarin
defesa esquerdo espanhol

Bom de *verdad*. E' hoje no seu país o melhor no seu logar. Remate forte e bem dirigido.

Interior esquerdo: Carmelo—do *Atletic* de Bilbao. O mais perigoso do *trio* central de ataque, formando com Aguirrezabala um ataque temivel. Aponta bem e não faz jogo pessoal. *Internacional* e *olimpico*.

Extrema esquerdo: Aguirrezabala — do *Atletic* de Bilbao. O melhor *ponta esquerda* espanhol. *Maquina de centrar* lhe chamou um jornalista madrileño. *Internacional* e *olimpico*

Guarda-rêde: Francisco Vieira—do *Sport Lisboa e Benfica*. E' o *keeper* português que tem reunido maior conjunto de qualidades, Perfeitissimo nos *mergulhos*.

Jogou contra a Espanha em 1923.

Defesa direito: Joaquim Ferreira—do *Sporting Club de Portugal*. Malabarista da bola, de invulgar tecnica. Segurissimo, interceptando jogo é de uma perfeição absoluta no passe.

Jogou contra a Espanha em 1923.

Defesa esquerdo: Jorge Vieira—do *Sporting Club de Portugal*. Capitão da *equipe* nacional. Escola segura. Forte e valente. O mais popular jogador português em Espanha.

Jogou contra a Esqanha em 1921 e 1922.

Medio direito: Raul Figueiredo—do *Sporting Club Olhanense*, onde joga a *medio centro*. E' um jogador de recursos extraordinarios; trabalhando, trabalhando sempre com uma energia e com acerto que dão á sua asa um rendimento enorme. Com um *dribbling* perfeitissimo, mexe na bola com uma facilidade pasmosa. E' o Samitier português...

Peña
medio esquerdo espanhol

E' *internacional* pela primeira vez—mas *internacional* indiscutivel.

Medio centro: Augusto Silva—do *Club de Foot-ball Os Belenenses*. Seleccionado justissimamente pelas suas altissimas qualidades. Interceptando, é bom. Passando, é esplendido.

Não é um jogador brilhante, mas o prototipo da efectividade. Com um pontapé forte e colocado, as suas *recargas* são sempre de difícil defesa.

Internacional pela primeira vez.

Gamborena
medio centro espanhol

Herminio
defesa direito espanhol

Medio esquerdo: Cesar de Matos—do *Club de Foot-ball Os Belenenses*. A grande revelação desta epoca. Correctissimo e leal. Intercepta admiravelmente, sendo perfeitissimo nas jogadas de cabeça. Optima colocação e enorme rapidez.

Pela primeira vez: *internacional*,

Extremo direito: Domingos Neves—do *Sporting Club Olhanense*, onde joga a *interior direito*. Boa corrida, dominando bem a bola. Os seus centros são perigosos.

Jaime Gonçalves
interior direito português

E' se
Interi
Sportin
está qu
O n
pode d
sos. M
guarda
Zamo
Espanh
ção do
sobre s
Jaim

Avan

Lêr na 8.ª pagina

UMA LARGA REPORTAGI

com os mais minuciosos detal

DO

concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL

O IV DESAFIO PORTUGAL-HESPANHA

Quem SÃO OS JOGADORES HESPANHOES

Carmelo

interior esquerdo espanhol

E' seleccionado pela primeira vez.

Interior direito: Jaime Gonçalves—do *Sporting Club de Portugal*. E' o Jaime... e está quasi tudo dito...

O melhor *shootador* português. Nada se pode dizer do seu *dubbing* ou dos seus passos. Mas dos seus remates... que falem os *guardas-rêdes* que o têm tido pela frente.

Zamora sofreu-lhe um goal no II Portugal-Espanha. E em Sevilha a primeira preocupação do *guarda-rêde* espanhol foi informar-se sobre se Jaime faria parte do nosso *onze*.

Jaime jogou contra a Espanha em 1922.

Avançada centro: João Francisco—do *Sporting Ctub de Portugal*. onde joga á *meia-esquerda*. Pouco pessoal, a sua distribuição aos companheiros é geralmente bem feita. Preocupa-se muito com a defesa.

Jogou contra a Espanha em 1921 e 1922.

João Francisco

avançado centro português

Interior esquerdo: Carlos Delfim — do *Sporting Ctub Othanense*. Jogador apreciadissimo em Lisboa pela sua rapidez. Apreciando-o, escreveu um jornalista algarvio, que o conhece bem:—«Para a boa execução das jogadas dispõe dum notavel dominio de bola e

Cezar

medio esquerdo português

completa este necessario requisito dum bom jogador com saber esquivar-se impecavelmente ao adversario.»

E' pela primeira vez *internacional*.

Extremo esquerdo: Manoel Rodrigues—do *Carcavelinhos Foot-Ball Club*. Apesar de pouco cotado, é um jogador de merecimento. Conquistou inesperadamente o lugar pela impossibilidade fisica de Emilio Ramos e Alberto Augusto.

A sua pouca popularidade provém de pertencer a um club que só nesta epoca passou para a primeira divisão.

Independentemente do equilibrio ou desi-

Piera

extremo direito espanhol

quilibrio do encontro dos dois onze, a comparação dos valores que os compõem dão-nos uma inferioridade — pequena é certo — mas que não devemos fingir ignorar.

Analisando as formações, linha por linha, não porque elas valem em noventa minutos de jogo, mas pelo que elas valem *de verdad* teremos:

Nos *guarda redes* é sabido de mais a vantagem espanhola. Zamora é um colosso, admirado mundialmente, e justamente cotado como um dos melhores, se não o melhor dos *keepers*. Na balança não ha contrapeso para Francisco Vieira...

Na *defesa* é nossa a vantagem. As nossas *parelhas* internacionais de *backs* têm sido sempre o melhor dos nossos *onzes*... porque seriam internacionais em qualquer parte do mundo.

Justamente aí reside a fraqueza das formações espanholas, acrescida este ano com o facto de serem ambos os *backs* estrangeiros, *backs* esquerdos.

Nos médios não é arrojado nem *chauvin* o acusar um nivelamento na balança com o fiel no optimo de exactidão.

A nossa linha média aparece este ano formidavel em valor absoluto, e não vai na adjectivação exagero. Por seu turno o trio que foi a alavanca de quasi todas as vitorias espanholas, é agora—áparte Sanitier—nitidamente inferior ao que era. Estão equilibradas nesse ponto, as duas formações.

Aguirrezabala

extremo esquerdo espanhol

No ataque é espanhola a vantagem. Dizem, os jogadores do país visinho ser o actual o melhor quinteto de ataque que se pode formar em Espanha. E só o prejudica o não ter treinos de conjunto.

A nossa é tambem bastante heterogenea. E na comparação de valores individuais, estamos prejudicados sensivelmente.

Se fosse possivel somar todas estas vantagens positivas e negativas, nas quatro linhas, seria o saldo, embora não muito grande, a favor de *nuestros hermanos*.

Antes do encontro

A's dez horas da manhã já os carros electricos para o Campo Grande iam cheios de gente que pretendia arranjar melhor logar—e a quem não coube a sorte grande dum reservado.

Zamora

guarda-rêde espanhol

Apesar da chuva, a procissão continuou ininterruptamente. A's três da tarde, como a chuva tenha parado, a multidão acumulada nos Restauradores é enorme.

O assalto aos electricos tomou as proporções de tragedia—grande. E, a tal ponto, que grande parte dos homens e a totalidade das senhoras sobe as Avenidas da Liberdade e Fontes Pereira de Melo, na esperança de apanhar os carros que descem.

Os contractadores têm feito negocios fabulosos. Um espanhol pagou uma bancada central com duzentas pesetas—seiscentos escudos ao cambio.

Corre com insistencia o boato de que Passarin não jogará por imposição medica.

Francisco Vieira

guarda-rêde português

TAGEM DO DESAFIO

detalhes

JOGO

concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL

O IV PORTUGAL-ESPANHA

O relato completo DO DESAFIO entre espanhois e portugueses

(Continuação da 1.ª pagina)

A guarda republicana intervem, mas sem efeito. O exercito da pista recua, para de novo avançar, conquistando metade do terreno.

20 mil pessoas gritam estridentemente:
—Fóra! Fóra! Fóra!

O clamor é brutal, põe em sangue os ouvidos. Vaias, insultos, pedradas da geral sobre os invasores—tão pouco democraticos e muito comodos na questão de lugares. Por fim, tudo serena, voltando o exercito da pista a ocupar a sua posição inicial.

Era tempo. Entram no campo os jogadores espanhois. Salva de palmas, a preparar a multidão para o grande espectaculo—o maior do ano. Os *vermelhos* fazem os primeiros *shoots* para brincar.

Em pleno campo é tirada a primeira fotografia espanhola. Nos camarotes vitoria-se os jogadores estrangeiros, mas a geral não dá uma palma. Entram os nossos. O entusiasmo é intenso, indescriptivel, apoteotico.

* * *

Vai começar o jôgo. A emoção paraliza a vida. Sustem-a. Ninguem se mexe. Só os olhos existem, fulgurantes, magnetisados, intensos de brilho, de ansiedade mortal.

O mar do povo está calmo, pronto para todos os ciclones de entusiasmo, vivendo com fé a esperança da primeira vitoria sobre a Espanha.

A «équipe» espanhola entrou no campo ás 16, 23. Veiu alinhar em frente dos camarotes, saudando o sr. Presidente da Republica. Depois saudou o publico das tribunas e vai saudar a geral.

Dois minutos depois entram os portugueses. Entretanto Zamora, nas redes, faz filigranes com duas bolas—entre ahs! de admiração do publico.

As duas «équipes» voltam a alinhar em frente do camarote presidencial. D. Pedro Olave e o sr. Franklim Lamas cumprimentam-se, sobraçando os tradicionais ramos de flôres.

Os dois capitães abraçam-se. Fazem-se os fotos do estilo.

Os espanhois—blusa azul e calção vermelho—alinham: Zamora; Herminio e Quesada; Samitier, Ganhoreno e Peña; Piera, Cubells, Oscar, Carmelo e Aguinezabala.

Os portugueses—blusa negra e calção branco—: Vieira; Ferreira e Jorge; Figuiredo, Silva e Cesar; Mario, Jaime, João, Delfim e Rodrigues.

Os espanhois ganharam o *toss*, escolhendo o meio-campo norte.

16,32—Saem os portugueses. Conduzem explendidamente uma avançada e João, a 15 segundos do começo, tem um belo *shoot* que bate na trave! Até então os espanhois não haviam tocado na bola!

Os nossos adversarios entreolham-se surpreendidos, mas partem ao ataque como se nada tivesse sucedido.

16,36 — Primeiro *cofner* contra Portugal. Aguinezabal — «shoot» para fora.

Os espanhois dominam. Os nossos aguentam-se mal no terreno, caindo muito. Os defesas estão pouco seguros. A linha media contraria apanha todos os pontapés de alivio.

16,38 — O dominio acaba de se fazer esperar. Carmelo, a seis metros das rêdes, marca imparavelmente o primeiro *goal*—vasteiro, fortissimo, rasgado a um canto. Espanha: — 1 a 0.

A bola vem ao centro e os espanhois voltam a dominar. Piera faz um centro maravilhoso, e Carmelo, à vontade, a menos de dez metros do *goal*, falha milagrosamente novo remate.

Três avançadas dos portugueses são animadas em alta grita pela multidão.

16,46. Primeiro *freckick* contra Portugal por mau *throw-in*. Samitier *shoota* para fora do *touche*.

16,49. Piera, descaradamente *off-side*, recebe a bola desmarcado e centra-a maravilhosamente. Ferreira, ao ser carregado, cai e Oscar marca o segundo *goal*. Espanha:—2 a 0.

16,50—Primeiro «free-kick» conta a Espanha. Os nossos aproximam-se do alvo contrario, mas sem inquietar Zamora. Os nossos medios estão jogando atrasadissimos.

O arbitro francês é fraquissimo na marcação dos *off sides*. Já falhou em dois depois daquele que nos foi fatal...

16,55—*Corner* contra Portugal. Piera marca-o imparavelmente, mas Chirri remata para fora.

A bola conserva-se durante bastante tempo a meio do campo e os nossos têm uma serie de belas jogadas saudadas em gritaria por mais de trinta mil bocas.

Os espanhois começam a jogar duro. Oscar e Cubells em especial. Um destes dá a certa altura uma brutal joelhada nos rins de Ferreira, que sai em braços do campo.

Volta passados quatro minutos, mas bastante combalido.

Em todo o caso passa o desanimo que se havia apoderado dos portugueses—jogadores e publico—e as avançadas sucedem-se num campo e noutro, mortas, porém, aos pés dos médios ou das defesas.

O ataque dos portugueses está infelicissimo, entendendo se mal.

O ataque espanhol, jogando duro e usando e abusando dos *off-sides*.

Piera, em especial, como conseguisse preparar o segundo *goal* estando deslocado, parece estar na disposição de não usar doutra tactica.

A's 17 horas e 17 minutos M. Vallat apitou para o final da primeira parte, estando a bola a meio campo.

Espanha:—2 a 0.

17,31—Começa a segunda parte. Os espanhois dão o «kick-off», mas a bola é-lhes interceptada e os portugueses atacam. A bola vai fora. Os nossos voltam a atacar e Zamora faz a primeira defesa apertada.

O publico está irritado com *nuestros hermanos*. Uma mão de Gamborena, cortando uma avançada portuguesa, é motivo para assobios prolongados.

17,37—Jaime passa muito bem de cabeça a Mario de Carvalho. Este centra. João devolve-lhe a bola e o nosso extremo direito dá um formidavel pontapé sesgado, que Zamora não consegue interceptar.

17,40—«Corner» contra Espanha. Rodrigues marca primorosamente, mas Herminio intercepta.

Os portugueses estão agora jogando francamente bem.

As rêdes de Zamora voltam a estar em perigo. Um fortissimo pontapé de recarga de A. Silva, bate nas costas dum defeza espanhol.

Decidamente não estamos em «chance»!

Pouco depois, Mario Carvalho «shoot» forte... para fóra.

Um «loop» de Jorge obriga Vieira a uma defeza apertadissima.

17,50—Ha uma confusão junto das nossas rêdes. Um grupo compacto salta á bola e ficam no chão magoados Silva e um jogador espanhol, que cremos ser Oscar. Silva refaz-se, mas Oscar abandona o campo.

Os nossos instalam-se por largos momentos no campo espanhol. Os *defezas* e os *medios* adversarios atiram a bola para fóra, para fazer passar o tempo.

Zamora é assobiadissimo por levar um tempo infindo a pôr a bola em jogo.

18 horas—Vieira salva admiravelmente um «shoot» de Aguirrezabala.

O jogador espanhol que tinha saido do campo—volta.

18,02—Mario de Carvalho tem seguidamente dois razoaveis remates. O primeiro é defendido por Zamora, o segundo vai fóra.

Os espanhois descem rapidamente e Vieira salva, de mergulho, um *shoot* fortissimo. A bola fica porem a saltar-lhe em frente e o pontapé de recarga é interceptado milagrosamente por Jorge sobre a linha do *goal*. Sentimos um arrepiosinho pela nuca...

18,07.—E' ainda Jorge quem, sobre a linha de «goal», volta a salvar um ponto certissimo.

Os espanhoes e em especial os deanteiros estão jogando «muy sucio». Ferreira é novamente atingido pela brutalidade dum adversario e cae. O jogo é interrompido. A «bronca» é enorme.

Um minuto depois de recomeçado o jogo, é Mario de Carvalho que sai em braços, por efeito duma deslealdade dum espanhol — Gamborena: crêmos.

Os espanhois continuam a demorar os *throw in* e os *goal-kick*, no meio dos protestos gerais. Nas bancadas dá-se um conflito com os espectadores espanhois.

A's 18,17—O arbitro apita para terminar o jogo no meio dum silencio impressionante. Não se ouve uma palma ..

* * *

Dos espanhois:

Zamora—com pouco que fazer;

Os *defezas*—bem. Geralmente seguros. Herminio foi o que mais nos agradou.

Os *medios*—os melhores do *onze*. Sami, brilhante. Gamborena e Peña, efectivos.

O «ataque»—individualmente brilhantes. O conjunto fraco.

* * *

Dos portugueses:

Francisco Vieira—Muito bem. Salvou o que se podia salvar. As duas bolas que sofreu não tinham defeza.

Os *defesas*—Jorge esteve colossal. Ferreira muito infeliz por ter sido alvo de varias brutalidades.

Os *medios*—Cumpriram. Tamanqueiro foi o mais brilhante para o publico. Sobral interceptou e passou mais do que regularmente. Cesar defendeu extraordinariamente.

O ataque—o ponto fraco da «équipe» merecia ter marcado o ponto de honra. Bateram duas bolas na trave...

* * *

A arbitragem de Vallat esteve longe de agradar. Em todo o caso não nos prejudicou.

Pouco inergico...

Ferreira do Amaral

O tenente coronel sr. Ferreira do Amaral, ilustre comandante da policia, que se encontra no hospital de S. José por motivo do atentado de que foi vitima, está, felizmente, melhor, tendo sido muito visitado pelos oficiais da policia e amigos.

O sr. Presidente da Republica informou-se pelo telefone, do estado de saude do ilustre enfermo.

EUFRASINA CANDIDA DO CARMO FALECEU

Antonio do Carmo, Antonio do Carmo Junior, Julia do Carmo Gonçalves e seu marido Alfredo Cesar dos Santos Gonçalves e mais familia, participam o falecimento de sua extremosa esposa, mãe e sogra, devendo o funeral realisar-se amanhã, ás 15 horas, saindo da sua residencia, Largo do Corpo Santo, 13, 3.º D.to, para o Cemiterio dos Prazeres.

A PEREGRINAÇÃO A ROMA

Os portugueses serão recebidos duas vezes pelo Papa

ROMA, 16.—O Cardeal Vanutelli visitou hoje D. Antonio Mendes Belo, Cardeal Patriarca de Lisboa.

O ex-rei D. Manuel assistirá ás canonisações da Tribuna das Ordens religiosas, devido a estar em Roma com o titulo de Conde de Ourem, e não como duque de Bragança.

D. Manuel foi recebido pelo Papa, depois de vencidas algumas dificuldades.

No dia 6 de maio, o ex-rei recebeu as senhoras Marquesa de Tancos e Condessa de Alferrarede e o sr. dr. Cancela de Abreu.

Depois disso, nenhum outro peregrino foi recebido.

D. Manuel declarou-nos:

—Só quem me não conhecer poderá pensar que eu me aproveitaria desta ocasião para qualquer acção politica.

O sr. dr. Augusto de Castro foi visitado por todos os Prelados e por D. Antonio Mendes Belo, numa manifestação colectiva de gratidão pelas facilidades e pela consideração dispensadas aos peregrinos portugueses.

O nosso ministro no Vaticano conseguiu que, excepcionalmente, o Papa receba duas vezes os nossos peregrinos, em homenagem a Portugal.

Norberto de Araujo

concurso DL concurso DL concurso DL